



FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ
UNIVERSIDADE DE FORTALEZA – UNIFOR
Vice-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação - VRPPG
Centro de Ciências Humanas - CCH
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Edna Gloria Nogueira Preuss

**PAIS E FILHOS ADOLESCENTES: UM ESTUDO SOBRE LIMITES
EM FAMÍLIAS DE CLASSE MÉDIA DA CIDADE DE FORTALEZA**

**PARENTS E ADOLESCENTS: A STUDY ABOUT LIMITS ON MIDDLE
CLASS FAMILIES OF THE CITY OF FORTALEZA**

FORTALEZA
2010



FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ
UNIVERSIDADE DE FORTALEZA – UNIFOR
Vice-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação - VRPPG
Centro de Ciências Humanas - CCH
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Edna Gloria Nogueira Preuss

**PAIS E FILHOS ADOLESCENTES: UM ESTUDO SOBRE LIMITES
EM FAMÍLIAS DE CLASSE MÉDIA DA CIDADE DE FORTALEZA**

**PARENTS E ADOLESCENTS: A STUDY ABOUT LIMITS ON MIDDLE
CLASS FAMILIES OF THE CITY OF FORTALEZA**

Pesquisa de Mestrado em Psicologia submetida ao Programa de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade de Fortaleza (UNIFOR), como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Psicologia, tendo como orientadora Prof. Dr^a Júlia Sursis Nobre Ferro Bucher-Maluschke.

FORTALEZA
2010

P943p Preuss, Edna Gloria Nogueira.

Pais e filhos adolescentes: um estudo sobre limites em famílias de classe média da cidade de Fortaleza / Edna Gloria Nogueira Preuss. - 2010.
166 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade de Fortaleza, 2010.

“Orientação: Prfa. Dra. Júlia Sursis Nobre Ferra Bucher-Maluchke.”

1. Pais e filhos. 2. Psicologia do adolescente. 3. Educação de crianças.
4. Família – Aspectos psicológicos. I. Título.

CDU 159.922.7



Universidade de Fortaleza – UNIFOR
Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Sujeito, Sofrimento Psíquico e Contemporaneidade

Dissertação intitulada "*Percepção de pais e filhos na vivência de limites em famílias de classe média de Fortaleza*", de autoria da mestranda **Edna Gloria Nogueira Preuss**, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dra. Julia Sursis Nobre Ferro Bucher - (UNIFOR) – Orientadora

Prof. Dr. Paulo César de Almeida - (UECE)

Prof. Dra. Gláucia Ribeiro Starling Diniz - (UNB)

Fortaleza, 20 de agosto de 2010

Visto:

Prof. Dr. Henrique Figueiredo Carneiro
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Psicologia
UNIFOR

I carry your heart with me (I carry it in my heart). I am never without it (anywhere I go you go, my dear; and whatever is done by only me is your doing, my darling).

E. E. Cummings

À minha família.

Gil, meu amor, pelo apoio e incentivo constante nessa jornada.

Aos meus filhos, Julia e Dale, luzes da minha vida, que compreenderam todas as mudanças e ausências necessárias nesse período.

*Conhecemos pessoas que vem e que ficam, Outras
que, vem e passam.
Existem aquelas que, vem, ficam e depois de
algum tempo se vão.
Mas existem aquelas que vem e se vão com uma
enorme vontade de ficar...*

Charles Chaplin

Agradeço,

À minha amada e saudosa mãe, primeira incentivadora do meu caminhar no mundo da busca pelo conhecimento.

À querida professora e orientadora Julia Bucher, que me inspirou a cada contato com seu conhecimento e sabedoria. Obrigada por suas valiosas contribuições, atenção e carinho. Terás para sempre a minha admiração.

À minha amiga Eveline, que sempre me incentivou e acreditou em mim mesmo nos meus momentos de dúvida.

À querida Miusha, por sua alegria e amizade especialíssima com as quais fui presenteada pela vida.

Às queridas Jacqueline e Karine, com quem as trocas foram riquíssimas e confortantes no turbilhão do curso de Mestrado.

Aos amigos conquistados nesse período que são provas vivas de que o vínculo de afeto transforma a vivência em algo extremamente belo e significativo.

Ao professor Paulo César e à professora Gláucia Diniz, pelas sábias contribuições ao longo da pesquisa.

Ao professor Clerton Martins por se mostrar sempre disponível. Nossos contatos me trouxeram valiosos conhecimentos.

Ao Daniel, querido secretário, por sua generosidade e prontidão em ajudar sempre que procurado.

À escola e sua equipe de profissionais que facilitaram a realização dessa pesquisa e foram muito atenciosos a cada passo do processo.

Às famílias que participaram da pesquisa e me permitiram entrar no íntimo de suas relações dividindo questões tão particulares.

À Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico – FUNCAP, pelo apoio financeiro ao desenvolvimento desse estudo.

E agradeço a Deus pela vida e todas as possibilidades que traz.

Resumo

Este trabalho teve como objetivo investigar o estabelecimento de limites na relação entre pais e filhos adolescentes na famílias de classe média. A pesquisa foi realizada com 32 famílias na cidade de Fortaleza buscando compreender como os limites são vivenciados em diversas áreas em que o processo educativo é desafiado. Essas áreas foram classificadas como mundo doméstico, mundo social, tomada de decisão, comunicação intrafamiliar, grau de liberdade, relacionamento familiar e práticas educativas. Para entender o processo de interação dos sujeitos pesquisados foi utilizada a abordagem sistêmica e o teoria bioecológica do desenvolvimento humano de Bronfrenbrenner. A adolescência é compreendida como um período de grandes modificações na vida do indivíduo e que consequentemente afeta a dinâmica do sistema familiar e as interações dos seus membros. Os resultados foram analisados dentro da metodologia quali-quantitativa e apontaram diferenças significativas nas percepções de pais e filhos adolescentes quanto à fluência do diálogo na família, o grau de liberdade que o adolescente deve ter e a forma como os jovens vivem as relações amorosas. A privacidade, a consistência das regras e a transgeracionalidade também foram apontadas como fatores de marcante influência no processo educativo.

Palavras-chaves: Limites, Pais, Adolescentes, Família.

Abstract

This study aimed to investigate middle-class families' perceptions regarding limit setting in the relationship between parents and adolescents. Responses were collected from a total of 32 families in the city of Fortaleza by utilizing questionnaires approaching several areas in which the educational process is challenged. These areas were classified as domestic world, social world, decision making, communication, freedom of choice, family relations and educational practices. The Systemic theory and Bronfenbrenner's bioecological model of human development were used as our theoretical support to understand the interaction of the families studied. Adolescence is understood as a period of great changes in the individual's life and that it consequently affects the dynamics of the family system and the interactions of its members. The results were analyzed in the qualitative and quantitative methodology and showed significant differences in the perceptions of parents and teens regarding the dialogue in the family, how much freedom the teenagers should have and the way they engage in romantic relationship. The privacy, the consistency of the rules and transgenerationality were also considered substantial factors in the educational process.

Keywords: Limits, Parents, Adolescents, Family.

ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Categorias agrupadas durante a revisão literária	21
Figura 2 – Modelo bioecológico do desenvolvimento humano de Bronfrenbenner	43
Figura 3 – Vivência de limites nas macrocategorias	55
Tabela 1– Características socioeconômicas das famílias participantes do estudo	75
Tabela 2 – Limites no mundo doméstico	76
Tabela 3 – Microcategorias pertencentes mundo doméstico.....	77
Tabela 4 – Limites no mundo social	80
Tabela 5 – Microcategorias pertencentes ao mundo social.	83
Tabela 6 – Limites e tomada de decisões	86
Tabela 7 – Microcategorias pertencentes à tomada de decisões	88
Tabela 8 – Limites e comunicação intrafamiliar	89
Tabela 9 – Microcategoria pertencentes à comunicação intrafamiliar	90
Tabela 10 – Limites e grau de liberdade	92
Tabela 11 – Microcategoria pertencente ao grau de liberdade	93
Tabela 12 – Macrocategoria relacionamento familiar	94
Tabela 13 – Microcategoria pertencente ao relacionamento familiar	96
Tabela 14 – Macrocategoria práticas educativas	97
Tabela 15 – Microcategorias pertencentes à práticas educativas	98
Quadro 1– Família mais preocupada com os limites na educação	101
Quadro 2 – Família moderada quanto aos limites na educação	102
Diagrama 1 – Limites estabelecidos no âmbito doméstico – Família mais preocupada com os limites	104
Diagrama 2 – Limites estabelecidos no âmbito doméstico – Família moderada com relação aos limites	108

Diagrama 3 – Limites estabelecidos no mundo social – Família mais preocupada em relação aos limites	112
Diagrama 4 – Limites estabelecidos no mundo social – Família moderada em relação aos limites	115
Diagrama 5 – Limites e tomada de decisões – Família mais preocupada em relação aos limites	118
Diagrama 6 – Limites e tomada de decisões – Família moderada em relação aos limites	120
Diagrama 7 – Comunicação intrafamiliar – Família mais preocupada em relação aos limites	122
Diagrama 8 – Comunicação intrafamiliar – Família moderada em relação aos limites	125
Diagrama 9 – Grau de liberdade – Família mais preocupada em relação aos limites	128
Diagrama 10 – Grau de liberdade – Família moderada em relação aos limites	130
Diagrama 11 – Relacionamento Familiar – Família mais preocupada em relação aos limites	131
Diagrama 12 – Relacionamento Familiar – Família moderada em relação aos limites	133
Diagrama 13 – Práticas educativas – Família mais preocupada em relação aos limites	135
Diagrama 14 – Práticas educativas – Família moderada em relação aos limites.....	138

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	17
1.1 – As relações familiares e os limites no processo educativo	17
1.2 – A família e o desenvolvimento do indivíduo	22
1.3 – A família como sistema	26
1.4 – Fronteiras familiares e a diferenciação dos subsistemas	30
1.5 – Limites e a Adolescência	33
1.6 – O adolescente e a Bioecologia do desenvolvimento humano	39
II – O PROBLEMA DO ESTUDO	46
2.1 – Objetivos	49
2.1.1 – Objetivo Geral	49
2.1.2 – Objetivos Específicos	49
III – MÉTODO	51
3.1 – Instrumentos	53
3.1.1 – Estudo Quantitativo	54
3.1.2 – Estudo Qualitativo	62
3.2 – Local da Pesquisa	66
3.3 – Amostra Estudada	67
3.4 – Critérios de Inclusão	68
3.5 – Procedimentos	69
3.6 – Aspectos éticos	70
3.7 – Análise dos resultados	71
3.7.1 – Análise dos resultados quantitativos	71
3.7.2 – Análise dos resultados qualitativos	72
3.8 – Dificuldades da pesquisa	72

IV – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	74
4.1 – Perfil socioeconômico das famílias	74
4.2 – Análise dos resultados quantitativos	76
4.2.1 – Os limites percebidos no mundo doméstico	76
4.2.2 – Vivência de limites no mundo social	80
4.2.3 – Vivência de limites na macrocategoria tomada de decisões	86
4.2.4 – Percepção de limites na comunicação intrafamiliar	89
4.2.5 – Vivência de limites no grau de liberdade	92
4.2.6 – Vivência de limites e relacionamento familiar	94
4.2.7 - Vivência de limites na macrocategoria práticas educativas	97
4.3 – Análise dos resultados qualitativos	101
4.3.1 – Características socioeconômicas das famílias entrevistadas	101
4.3.2 – Breve histórico das famílias entrevistadas	103
V – CONSIDERAÇÕES FINAIS	141
Referências	147
Anexos	152
Anexo I – Termo de consentimento livre e esclarecido	153
Anexo II – Carta convite aos pais	155
Anexo III – Questionário I	156
Anexo IV – Questionário II - vivência de limites – pais	157
Anexo V – Questionário II - vivência de limites – filhos	160
Anexo VI – Roteiro de entrevista Semi-estruturada (pais)	163
Anexo VII – Roteiro de entrevista Semi-estruturada (filhos)	165
Anexo VIII – Parecer do Comitê de Ética	167
Anexo IX – Declaração de revisão ortográfica	168

INTRODUÇÃO

Toda a doutrina social que visa destruir a família é má, e para mais inaplicável. Quando se decompõe uma sociedade, o que se acha como resíduo final não é o indivíduo mas sim a família.

[Victor Hugo](#)

Educar sempre foi uma tarefa complexa, e hoje podemos perceber que a mesma está ficando cada vez mais complicada e angustiante diante dos novos padrões da vida cotidiana e da falta de posicionamento dos pais em um lugar que se autorizem perante seus filhos. Filhos estes, sujeitos de uma sociedade onde o desejo não pode ser contrariado e a busca da felicidade confunde-se com um viver sem fronteiras.

A família, diante de todos os contextos que a perpassam, se configura de novas maneiras para se estruturar e atender as funções que lhe são demandadas, a partir dos diversos

papéis assumidos por cada membro. O processo educativo então, ganha novos contornos e reafirma contornos passados para tentar responder a essa nova realidade familiar.

Na atualidade, o modelo de construção tradicional patriarcal, onde os pais e suas funções eram rigidamente construídas e determinadas não pode mais ser usado para designar a família. Agora, as famílias pós-modernas, são caracterizadas por diferentes configurações, surgindo assim novos modelos e status familiares aos quais correspondem novos papéis. Assim, a construção e vivência de limites realiza-se de uma maneira diferente. Há algumas décadas atrás esses limites eram bem definidos e acabados, não havendo contradições e posições confusas (Maldonado 1997, Furtado e cols, 2009). Hoje, o limite se confunde não só entre os pais, que transitam pela imposição, agressão, cuidado ou liberdade em excesso, mas entre os próprios filhos, que ao mesmo tempo que tentam fugir de toda limitação que lhes é imposta, clamam por um 'não', algo que lhes pare, por um cuidado que lhes diga o que não devem fazer, tornando suas vidas de alguma maneira mais segura diante do caos em que vivemos (Zagury, 1997).

A família tem um papel fundamental na constituição dos indivíduos, tendo importância determinante na organização da personalidade destes, além de influenciar de forma significativa o comportamento individual através das ações e medidas educativas organizadas dentro do âmbito familiar (Drummond & Drummond Filho, 1998). A família, seja ela configurada da forma que for, é o primeiro grupo social do qual o indivíduo faz parte, sendo o núcleo inicial e principal da sociedade ou ainda a unidade básica da interação social e a unidade central da organização humana (Osório, 1996).

Atualmente, com grande frequência, pais aflitos recorrem à recursos externos (terapias, rede de apoio, escola e até mesmo à Justiça) para resolver conflitos com seus filhos. Segundo Ellis (1997), quando as regras são vagas e não há consequências previsíveis, normalmente há uma sensação de falta de controle e é natural que os pais se sintam

impotentes. Verificamos assim, que não são apenas os adolescentes que não estão sabendo como lidar com os limites ou a falta deles, mas os pais também estão confusos quanto à forma de educar e às regras que devem impor aos filhos em uma sociedade onde as mudanças são constantes e aceleradas.

Essa dificuldade dos pais em lidar com a educação dos filhos, e dos adolescentes em aceitar as regras familiares e sociais, é percebida através de fatos recorrentes na sociedade atual reportados frequentemente na imprensa nacional. Jovens universitários admitidos nas melhores instituições de ensino do país estão recorrentemente envolvidos em trotes violentos contra colegas; filhos de famílias de classe média e classe alta atacam violentamente indivíduos comumente de classes econômicas menos privilegiadas; adolescentes distribuem em sites de relacionamento da internet vídeos com gravações de violência física e até sexual entre eles, em um exemplo explícito de contestação dos limites. Em Florianópolis, SC, jovens se reuniam para realizar o que chamavam de ‘luta do lixo’, evento em que crianças e adolescentes lutavam até sangrar. As brigas aconteciam na casa de um dos participantes e os pais dos envolvidos diziam não ter conhecimento da luta. Todos eram de famílias de classe média alta (O Globo, 2010). Esses fatos, somados a diversos outros, nos leva a perceber que a fragilidade dos limites encontra-se também infiltrada entre as famílias de classes econômicas mais altas que possuem melhores níveis de educação, maiores possibilidades de futuro, carreira etc.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, em pesquisa realizada no ano de 2009, traz dados muito pertinentes sobre os adolescentes e o rompimento dos limites. As questões foram aplicadas à alunos de escolas públicas e particulares do país e os resultados foram separados da mesma forma. A Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar – PeNSE, entrevistou cerca de 600 mil alunos do 9º ano, adolescentes entre 13 e 15 anos, em várias capitais do país, inclusive Fortaleza. [Comentários](#) O resultado do estudo mostra que mais de

70% dos estudantes pesquisados já experimentaram bebida alcoólica, cerca de 24,2% já fumaram cigarro e 8,7% já usaram alguma droga ilícita.

Na cidade de Fortaleza os números são altos e mostram que em relação ao consumo de álcool, mais de 60% dos alunos adolescentes já experimentaram algum tipo de bebida alcoólica, sendo que o índice entre alunos de escola da rede particular (67,9%) é bem maior do que o de adolescentes de escolas públicas (59,3). No país, os números chegam a 75,7% entre os alunos de escola privada e 70,3% entre adolescentes de escola pública. O consumo de álcool muitas vezes chega à embriaguez, episódio que já foi vivido por 22,1% dos adolescentes brasileiros de acordo com a pesquisa. Os estudantes afirmaram ter conseguido a bebida alcoólica em festas (36,6%), em supermercado, loja ou bar (19,3%). No entanto, o consumo acontece também dentro da própria casa (12,6%) e na companhia de amigos (12,6%).

A vida sexual dos adolescentes também foi investigada e 30,5% dos alunos participantes da pesquisa no país, afirmaram que já mantiveram relações sexuais pelo menos uma vez. Quando perguntados se já estiveram envolvidos ou presenciaram alguma briga na qual alguém foi fisicamente agredidos, 11,9% dos alunos de escolas particulares e 8,8% de escolas públicas da cidade de Fortaleza, disseram que sim. No que diz respeito à condução de veículos, na cidade, 18,8% dos alunos de escolas particulares também já dirigiram veículos motorizados. Ainda segundo a PeNSE, mais de 8% dos pesquisados afirmaram que já consumiram algum tipo de droga ilícita, tais como maconha, cocaína, crack, cola, loló, lança perfume e ecstasy. Entre os fortalecenses, 7% disseram já ter feito uso de drogas.

A partir dos fatos descritos propomos investigar empiricamente como os limites são trabalhados nas famílias de Fortaleza e de que forma são percebidos pelos pais e pelos adolescentes. Esta pesquisa propõe assim, averiguar essa relação diretamente na classe média, procurando compreender de que forma os limites são aplicados por pais com maior poder

econômico, meios de informação e perspectivas de futuro, e recebidos por filhos também nas mesmas condições socioeconômicas.

Para isso, realizamos uma pesquisa sobre o tema, com pais e filhos entre as idades de 12 e 16 anos. O estudo buscou averiguar questões como: Existe realmente uma necessidade de estabelecimento de fronteiras clamada por esses jovens indivíduos, que buscam a construção de sua autonomia e identidade? Os pais percebem essa necessidade? Os pais estão esbalecendo limites, veem importância nisso e sabem como lidar com essa construção? Essas questões são abordadas na pesquisa com a proposta de respondê-las ao final do processo.

Procuramos compreender como pais e filhos adolescentes vivenciam a organização dos limites nos diversos contextos em que se dá a relação familiar (mundo doméstico e social, tomada de decisões, comunicação intrafamiliar, práticas educativas, relacionamento familiar, grau de liberdade e transgeracionalidade) visando contribuir para a compreensão do que está ocorrendo na vida das famílias e para a formação de políticas públicas de educação no País.

A pesquisa realizada com famílias de Fortaleza faz parte de um projeto amplo de investigação sobre a temática da percepção de limites na relação de pais e filhos da classe média em diversas cidades do Norte e Nordeste brasileiro. Em 2005, foi realizado em Terezina, PI, estudo semelhante desenvolvido por Veloso e Bucher-Malusckhe com 55 famílias. Ao final, os dados coletados poderão ser comparados e discutidos a fim de que seja construído um saber sobre a questão abordada.

A revisão da literatura realizada sobre os limites e a relação pais e filhos adolescentes, enfatiza a importância do estabelecimento de limites e aponta que a falta de regras claras de funcionamento familiar desde cedo, ou a ausência da consistência na implementação das mesmas, contribuem para conflitos e acarretam choques posteriormente. Pensar essa questão é algo que vem sendo trabalhado de diferentes formas e metodologias e, a partir da pesquisa literária buscamos investigar como este processo de desenvolvimento tem sido visto por

diferentes autores e pesquisadores do assunto. O levantamento bibliográfico para esse estudo elencou não apenas livros cujos autores abordam a temática estudada, mas também estudos selecionados através de pesquisa sistemática de artigos e dissertações em diversos bancos de dados nacionais e internacionais. A revisão literária serviu de fundamentação teórica para o estudo empírico descrito ao longo dessa dissertação.

A fundamentação teórica do estudo está na abordagem sistêmica da família (Minuchin, 1980; Bateson et al., 1980; Borzomeny-Nagy & Spark, 1973) e na teoria da Bioecologia do Desenvolvimento Humano (Bronfenbrenner, 1979/1996). Os referenciais em que se ancoram a Teoria Sistêmica, oferecem subsídios para discutir as questões propostas nesse estudo levando-se em consideração as influências recíprocas que ocorrem entre os diferentes sistemas e os membros integrantes de cada um deles. Compreendemos também, que esses sistemas e todos os membros que fazem parte deles, se desenvolvem dentro de uma realidade específica, sendo influenciados pelas relações com os outros, dentro de um contexto particular e trocando experiências e influências em períodos menores ou maiores de tempo. Assim, para compreender o processo de desenvolvimento dos filhos na relação com os pais e no ambiente social e as interações do sistema familiar no contexto contemporâneo, buscamos o suporte da Abordagem Bioecológica de Desenvolvimento Humano.

Como aliados teóricos na discussão sobre limites nos utilizamos de obras de Paggi & Guareschi (2004), Zagury (1997) e La Taille (2002). Outros autores elencados a partir da pesquisa de revisão literária também foram utilizados na fundamentação teórica da pesquisa.

I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

“Há uma tendência das coisas vivas a se unirem, a estabelecerem vínculos, a viverem umas dentro das outras, a retornarem a arranjos anteriores, a coexistirem enquanto é possível. Este é o caminho do mundo.”

Lewis Thomas

1.1 – As relações familiares e os limites no processo educativo

A fim de conhecer o que está sendo discutido cientificamente sobre a temática em questão, foi realizado um levantamento bibliográfico sobre o tema pais e filhos e o processo educativo no período de 2003-2009, de artigos (nacionais e internacionais), e dissertações indexados nas bases de dados da biblioteca Virtual em Saúde (<http://www.bireme.br>), LILACS (Literatura Latino Americana e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde), SciELO (Scientific Electronic Library Online), MEDLINE (Medical Literature Analysis and Retrieval System Online), IBICT, Unifor (Universidade de Fortaleza), Google Acadêmico,

Revista Latino -Americana de Enfermagem, Indexpsi, PsycINFO e revistas da área de Psicologia. Neste levantamento bibliográfico foram utilizados os descritores “família”, “family”, “adolescentes”, “limites”, “boundaries” e “pais”.

Inicialmente foram encontradas 285 referências e após passar por uma triagem com o objetivo de aproximar os resultados da temática proposta, o levantamento foi reduzido para 153 estudos. Os trabalhos finais foram analisados e categorizados a partir dos resumos ou através de uma leitura mais profunda, e divididos de acordo com o formato (artigo e dissertação), metodologia utilizada para construção do estudo (teórico, qualitativa, quantitativa e quali-quantitativa), ano de publicação dos trabalhos e país onde as produções foram publicadas.

Percebemos ao fazer a revisão bibliográfica sobre a temática abordada, que os estudos não discutem apenas o processo de construção e vivência de limites. Eles também relacionam intensamente o tema a diversos processos que interligam pais, filhos e sociedade enfatizando muito fortemente os efeitos e consequências desse processo e dos seus contornos nos diversos aspectos da vida social e do indivíduo. A literatura pesquisada contempla a problemática pela perspectiva da vivência de limites que se estabelece dentro da relação familiar e relaciona o tema com diversos processos identificados nas categorias descritas no estudo.

Observamos que os questionamentos acerca do tema ainda são colocados a partir de um aspecto educativo, seja na saúde, na relação familiar e na própria educação. A produção ainda é limitada no que concerne ao tema em si. No entanto percebemos que a construção de limites (ou a falta dele) perpassa todos os outros níveis de estruturação do indivíduo, seja na influência sobre o indivíduo ou na sociedade dentro da qual ele está inserido. As produções se voltam mais para uma rede de apoio e cuidado da família do que para as questões produzidas pelas mesmas. A demanda por um discurso já feito, e um meio já pronto de como lidar, como se relacionar é grande e produz um grande número de estudos. Isso talvez, seja consequência

da nossa sociedade de tudo pronto, onde o 'ter' é imperativo nas relações e, assim, acaba-se perdendo de vista o sujeito e suas configurações.

Embora tenha sido observado uma queda da produção brasileira nos anos de 2007 e 2008, principalmente no ano de 2008, é importante ressaltar que ao longo dos anos pesquisados houve uma intensa produção sobre o tema. Essa queda, no entanto, não foi apenas da produção nacional. De um modo geral o ano de 2008 foi o que teve menos produções sobre o assunto.

Ao realizar a revisão bibliográfica sobre a construção e vivência de limites, fez-se necessário para a análise dos trabalhos, a divisão em oito categorias (Pais e filhos na interação com a trajetória vocacional; Pais e filhos e influência mútua; Pais e filhos, evolução e crescimento desta relação; Mudança nas relações familiares; Construção Familiar; Limites; Sociedade, educação e família; Rede de Apoio) que apareceram ao longo da pesquisa. A discussão a partir do agrupamento de temáticas nos fez ter uma melhor dimensão de como o tema está sendo pensado e, quais aspectos têm envolvido a reflexão sobre o mesmo.

As categorias identificadas como Rede de Apoio, Mudanças nas Relações Familiares e Influência Mútua surgiram em maior número (Quadro 01) do que a que trata do limite em si, contemplando a influência do processo educativo nos sistemas que cercam a família, destacando as mudanças que ocorrem na família como fator de impacto na implementação dos limites e reforçando a influência dos pais como modelos para os filhos assim como os vínculos estabelecidos na família. Esse resultado nos diz muito dessa nova organização e interação familiar, que encontra-se em processo de transformação e re-estruturação.

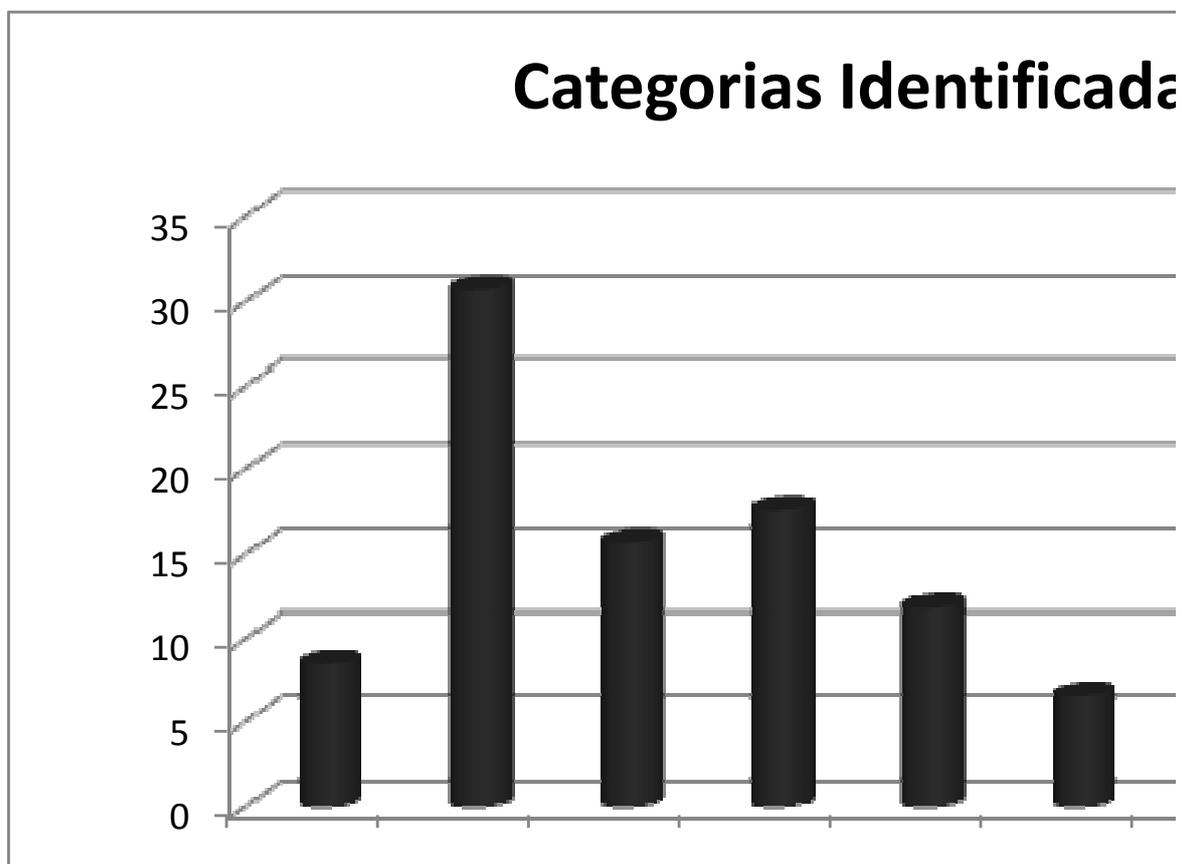
O persistente aparecimento de trabalhos referentes às redes de apoio à família (maior categoria do levantamento perfazendo um total de 30.72% dos estudos) aponta as dificuldades que os indivíduos desse sistema vêm tendo em lidar com questões relacionadas ao desenvolvimento dos limites nas relações familiares (Lord, Summers, Turnbull 2004;

Moré et alli, 2004; Seixas, 2005). Logo após, surge a categoria que trata das transformações das relações dentro da família (17.65%), trazendo à discussão, a reorganização dos papéis e o estabelecimento das novas interações familiares, processos de ajustes e os conflitos que se apresentam rotineiramente como parte de períodos de adaptação (Rees & Pithouse, 2008; Schabbel, 2005). As novas configurações que envolve hoje em dia, um conceito de família diferente retrata as mudanças ocorridas na sociedade de forma geral, e invariavelmente refletem na construção do modelo familiar e de suas relações.

A influência mútua dos membros do sistema familiar surge como a terceira maior categoria (17.65%), destacando o papel da família na constituição dos indivíduos (Brasil, 2004; Hoppes, 2005; Mota, 2005), e sua importância na determinação e organização da personalidade. Frente às alterações sociais, econômicas e afetivas que influenciam a família, a tendência é de que haja o estabelecimento de relações cada vez mais simétricas e modificações na distribuição dos papéis e obrigações. A família atualmente é mais facilmente marcada pela divisão entre os membros do casal referente às tarefas domésticas, aos cuidados com os filhos e às atribuições externas, sujeita a transformações constantes, devendo ser, portanto, flexível para poder enfrentar e se adaptar às rápidas mudanças sociais inerentes ao momento histórico em que vivemos (Pratta & Santos, 2007).

Os trabalhos que tratam dos limites (11.76%), discutem a problemática da relação pais e filhos e limites muito no âmbito educativo, através de um discurso do 'como fazer', aborda estilos parentais, a questão educativa e a institucionalização de crianças e adolescentes. A procura por uma solução por parte dos pais de qual seria a melhor forma de educar seus filhos produz uma reflexão ambígua da questão, onde os limites são colocados como algo necessário, mas ao mesmo tempo percebe-se que, quando se fala de limites, na maioria das vezes, se fala de agressividade (Martins et al, 2007). Assim, os pais se veem diante de dois estilos que podem ser seguidos: o da permissividade e o da agressividade, não conseguindo

elaborar um lugar de equilíbrio onde o limite seja estabelecido de forma responsável e saudável.



Quadro 01- Categorias agrupadas durante a revisão literária.

As relações construídas pela família, seus processos de regras, educação e limites é algo que não está apenas ligado aos seus membros, mas é algo que é apoiado por uma cultura que, está em devir e, assim, faz com que a família seja algo sempre em movimento. A família, tanto no formato quanto na organização, é um grupo dinâmico e sendo um sistema dentro do funcionamento social, é impactada por uma série de fatores externos que colaboram para suas transformações. Dessa forma, a educação dos filhos recebe a influência das

mudanças culturais e deve ser analisada dentro do momento histórico pertinente. As interações e as consequências dessa relação têm influência mútua nos grupos sociais.

1.2 – A família e o desenvolvimento do indivíduo

A família antigamente era estruturada de maneira mais vertical, e a autoridade nem sequer era discutida. Já as novas famílias, são mais democráticas, fundamentadas no diálogo, permitem os questionamentos dos filhos e muitas vezes encontram dificuldades para impor limites aos jovens. Do horário de voltar para casa ao drama da dependência química, famílias buscam alternativas para solucionar questões domésticas e parecem despreparadas para lidar com os conflitos. Não são apenas os adolescentes que demonstram dificuldades em lidar com os limites ou a falta deles, mas os pais também estão confusos quanto à forma de educar e as regras que devem impor aos filhos em uma sociedade onde as mudanças são constantes e aceleradas.

A família vem passando por grandes transformações quanto aos modelos, dinâmica, hierarquia e papéis, ciclo vital e seus estágios, bem como outras mudanças na sua estrutura. A sociedade nos últimos anos vive uma modernização acelerada, uma intensa necessidade e imposição de consumo que levaram profundas modificações à família, seus valores e dinâmica. Uma das grandes mudanças que influenciou na dinâmica do funcionamento familiar foi a entrada da mulher do mercado de trabalho. Elas que antes cuidavam exclusivamente do ambiente doméstico, dedicando-se aos filhos e à organização da casa, passaram a trabalhar fora, não apenas por conta dos direitos conquistados mas atualmente como necessidade de participar financeiramente no sustento da família. A aquisição do

direito à ocupação profissional, no entanto, não as liberou do papel de cuidadora da casa e dos filhos (Tiba, 2005). As pessoas passaram a casar-se por amor e divorciar-se quando ele acaba, os filhos são planejados tanto quanto possível; a sexualidade já não é uma coisa suja, de que não se deve falar, e os estudos deixaram de garantir sucesso e emprego. Os avós vivem até mais tarde e a família está menos numerosa.

De acordo com Bucher e Veloso (2006),

Na modernidade são desenvolvidas a autonomia e a independência dos membros da família, sobretudo da mulher. Os meios de contracepção e a legalização do divórcio contribuíram para que isso acontecesse e fizesse com que homens e mulheres, enquanto casais, passassem a compartilhar a mesma tarefa de provedores econômicos e emocionais da família. Abalaram-se os vínculos que uniam os componentes familiares, causando-lhes sofrimento psíquico e repercussões psicológicas de outros níveis (p. 238).

Assim, frente às alterações pelas quais as configurações familiares vêm passando, a tendência atual da família moderna é ser cada vez mais simétrica na distribuição dos papéis e obrigações. A família contemporânea é marcada pela divisão entre os membros do casal referente às tarefas domésticas, aos cuidados com os filhos e às atribuições externas, sujeita a transformações constantes, devendo ser, portanto, flexível para poder enfrentar e se adaptar às rápidas mudanças sociais inerentes ao momento histórico em que vivemos (Pratta & Santos, 2007).

Mudanças tão rápidas acabaram por causar na família uma incerteza quanto à forma de agir e educar os filhos. Os pais demonstram sentimentos confusos e ambivalentes: medos, negação, ansiedade, tristeza. Sentimentos que refletem uma sensação de desamparo e impotência. Segundo Paggi e Guareschi (2004), atualmente é comum o comportamento de pais e mães que “já não sabem mais o que é certo e errado e, pressionados pela culpa, tendem

a adotar práticas permissivas (de deixar que as crianças façam tudo o que querem) e compensatórias (de compensar a falta de atenção com presentes)” (p. 144). Atualmente há uma preocupação sobre que tipo de educação está sendo dada aos filhos.

Os pais dos jovens de hoje, que vieram de uma família conservadora, patriarcal e com educação autoritária (Maldonado 1997; Tiba 1996), se veem em uma sociedade em transição que impõe diferentes padrões e rápidas mudanças, e não sabem ao certo como devem agir, ou se sentem pressionados pelas ágeis mudanças a trocar suas regras constantemente. Assim, muitos pais enfrentam a dúvida de como lidar com dilemas do cotidiano e acabam por se dividirem em dois diferentes grupos: (a) Os pais que o condenam o antigo modelo educativo e constatando a sua inadequação buscam novas maneiras de educar os filhos e (b) os que defendem a eficiência do modelo rígido anterior mas se veem diante de uma diferente realidade da sociedade contemporânea onde os comportamentos rígidos anteriores são condenados. Independente das crenças sobre a melhor forma de educar, esses dois grupos encontram-se em busca de novos modelos de educação para os filhos.

Podemos constatar que ao longo dos anos a relação entre pais e filhos, e seus envoltos, foram se modificando e a interação dos membros do grupo familiar ganhou novos contornos. No entanto, a influência mútua existente entre pais e filhos continua presente e mostra-se elemento fundamental na constituição das relações. A interação e a forma como os indivíduos desse sistema se organizam são de grande importância para o desenvolvimento das relações e consequentemente dos padrões de comportamento.

O grupo familiar tem um papel fundamental na constituição dos indivíduos (Guttman, & Rosenberg, 2003; Brasil, 2004; Hoppes, 2005; Mota, 2005), sendo importante na determinação e na organização da personalidade, além de influenciar significativamente no comportamento individual através das ações e medidas educativas tomadas no âmbito familiar (Drummond & Drummond Filho, 1998). A influência do modelo dos pais, dessa

forma, é um dos fatores elementares para o desenvolvimento biopsicossocial do adolescente que se encontra em fase de constituição da sua identidade.

Segundo Schenker & Minayo (2003), a família é a instituição responsável pelo processo de socialização primária das crianças e dos adolescentes. Sendo assim, podemos afirmar, que a família tem como finalidade estabelecer regras e limites para o estabelecimento das funções familiares entre as diferentes gerações que participam do sistema, funcionando desta forma como o ambiente que prepara o indivíduo para se adaptar às exigências do convívio social.

A instituição familiar é muitas vezes designada como o primeiro grupo social do qual o indivíduo faz parte, sendo vista como a célula inicial e principal da sociedade na maior parte do mundo ocidental (Biasoli-Alves, 2004), ou ainda como a unidade básica da interação social (Osório, 1996) e como o núcleo central da organização humana. A família, desde os tempos mais antigos, corresponde a um grupo social que exerce marcada influência sobre a vida das pessoas, sendo encarada como um grupo com uma organização complexa, inserido em um contexto social mais amplo com o qual mantém constante interação (Biasoli, 2004 In: Pratta & Santos, 2007).

É na família que a criança inicia o processo de interação com o outro e onde mais intensamente continua se desenvolvendo na adolescência e no outros ciclos da vida. A partir das primeiras relações mãe ou substituto e bebê que se desenvolverá a matriz de confiança ou medo, autovalia ou desvalia, de potencialização ou enfraquecimentos, de forma que se mostra pano de fundo para que a vida transcorra de maneira fluida e enriquecedora, ou para as dificuldades que viverão posteriormente.

Dessa forma, é possível afirmar que esta instituição é responsável pelo processo de socialização primária das crianças e dos adolescentes (Schenker & Minayo, 2003). Nesta perspectiva, a família tem como finalidade estabelecer formas e limites para as relações

estabelecidas entre as gerações mais novas e mais velhas (Simionato-Tozo & Biasoli-Alves, 1998), propiciando a adaptação dos indivíduos às exigências do conviver em sociedade.

1.3 – A Família como sistema

Na perspectiva sistêmica, a família é compreendida como um sistema aberto que processa continuamente trocas com os outros sistemas com os quais se relaciona. Assim, o sistema familiar realiza constantemente atualizações com o momento sociocultural ao qual pertence, como parte da engrenagem de influência mútua e contínua entre os sistemas familiar e social.

Quando falamos de família temos que ter uma visão sistêmica da mesma, pois é na complexidade e complementariedade desta que podemos melhor observar suas formas de estar no mundo. Assim, quando pensamos a família como um sistema (Minuchin, 1980), não buscamos encontrar as causas ou efeitos de um determinado comportamento, nem explicações para a construção e vivência de limites. O que buscamos é a sua compreensão, que nos fornece algo muito mais abrangente do que a inferência de uma simples causalidade.

De acordo com Minuchin (1980), a família e a sociedade se constituem reciprocamente, de forma que as mudanças ocorridas no mundo social afetam o domínio familiar e são por este afetadas. “A família não é uma entidade estática. Está em processo de mudança contínua, assim como seu contexto social” (p. 30). Assim, as funções familiares podem ser alteradas de acordo com as pautas de mudanças imprimidas pelo sistema social. Por isso, pensar na construção e vivências de limites é pensar nessa rede de entrelaçamentos

e, num movimento que vai além do núcleo familiar, pois ele se expande para as outras dimensões que nos contornam.

É necessário portanto, que a família seja compreendida de acordo com suas características, atributos e principalmente dentro do contexto dinâmico ao qual está inserido. Por este motivo para estudar a percepção da vivência de limites nessa relação, é preciso compreender a família no seu contexto mais amplo, na sua pluralidade, que inclui o social, o cultural, o econômico entre outros.

Segundo Furtado e cols. (2009),

O funcionamento da família depende da sua estrutura e do contexto em que está inserida. A estrutura familiar se estabelece por exigências do funcionamento que organiza o modo como os membros da família interagem. A família é um sistema no qual os membros que a compõem formam subsistemas, seja por função ou geração, sexo, idade ou interesses. (p. 17)

De acordo com Andolfi (1984 apud Cerveny e Berthoud, 2002, p. 18) a família é “[...] um sistema ativo em constante transformação, ou seja, um organismo complexo que se altera com o passar do tempo para assegurar a continuidade e o crescimento psicossocial de seus membros componentes”. Minunchin (1980) corrobora esse pensamento ao afirmar que a família é um sistema aberto e em permanente transformação se adaptando às exigências dos estágios desenvolvimentais que enfrenta, sendo matriz do desenvolvimento psicossocial de seus membros, tendo como objetivo acomodar seus membros à sociedade e assegurar a transmissão da cultura.

Ainda dentro dessa perspectiva, o funcionamento familiar também é regulado por rotinas, regras, rituais e outros padrões interacionais que fazem parte da convivência da família e têm a função de proteger o sistema familiar e garantir a continuidade de uma geração para outra. De acordo com Cerveny e Berthoud (2002), esses princípios básicos

evoluem no seu desenvolvimento, de modo particular e complexo determinado por fatores que circundam o sistema.

Essas normas que perpassam a família determinam seu funcionamento e a dinâmica familiar entre os membros. O comportamento de qualquer membro do sistema afeta e é afetado por todos os outros. Portanto as mudanças vividas por um membro da família terá influência em todo o sistema, causando mudanças também no comportamento de outros membros. Essa dinâmica constitui a propriedade de globalidade e circularidade que fazem parte do sistema (Watzlawick et alli, 1993). Portanto, a família não é apenas um conjunto de indivíduos ligados por um grau de parentalidade, mas um todo interdependente, com funções, papéis e influências sobre o funcionamento do sistema.

A Teoria Sistêmica compreende as relações como algo que acontece nos espaços intra, inter e transgrupais, tendo essas relações influência não apenas sobre o indivíduo mas também sobre o grupo, ou sistema, no qual ele está inserido. Como peças de uma grande engrenagem, todos os elementos tem participação no funcionamento do outro, seja ele cada um dos fundamentos do sistema, as influências desse sobre o próximo mecanismo ou no resultado funcional da engrenagem como um todo. A Teoria Sistêmica portanto, oferece subsídios teóricos para as questões propostas aqui na reflexão dos limites estabelecidos na família e seus sintomas nas relações contemporâneas .

O modelo sistêmico está fundamentado na Teoria Geral dos Sistemas, desenvolvido inicialmente por Ludwig Von Bertalanffy em meados dos anos 40 e posteriormente aplicada a área da terapia familiar (Nichols, 2007).

O conceito central dessa nova epistemologia, considera a ideia de circularidade em oposição à ideia de causalidade linear. Em outras palavras, uma ação não apenas leva à outra mas exerce influência sobre o próximo movimento e por consequência essa modificação volta a ter impacto em como a primeira ação se movimentará. Assim, todos os componentes de um

grupo, ou seja, de um mesmo sistema, influenciam e são reciprocamente influenciados pelos outros.

De acordo com o princípio da globalidade, um dos pressupostos básicos da teoria sistêmica, toda e qualquer parte de um sistema está relacionada de tal modo com as demais partes, que qualquer mudança em alguma delas, provocará mudança nas demais e conseqüentemente no sistema total. Sendo assim, é possível dizer que a dificuldade em obedecer regras e limites surge como um sintoma, através de um membro pertencente a um sistema familiar e apresenta um sentido específico neste contexto. Há uma interrelação entre o sintoma e os outros componentes de um grupo familiar.

Ludwig Von Bertalanffy, no Dicionário de Terapias Familiares (1994) define sistema como um complexo de elementos em interação. E afirma que os elementos que compõem um sistema são considerados subsistemas, ou seja, partes de um sistema maior. Numa família, encontram-se os subsistemas fraterno, conjugal, parental, filial e das famílias de origem. A troca de informações entre os membros dos sistemas caracteriza a relação entre eles e determina a influência que um terá sobre o outro. Dessa forma, se a interação entre pais e filhos acontece de forma clara, equilibrada e frequente, as chances de compreensão entre eles é maior do que se a relação for truncada e irregular.

Os sistemas também podem ser definidos por grupos externos à família. Assim podemos citar o sistema social, escolar, econômico, político e muitos outros, que ou se comunicam uns com os outros ou estão inseridos dentro de um sistema maior. A interação e influência entre eles acontece da mesma forma que com os subsistemas familiares. O filho que inicia a fase da adolescência e passa a interagir muito mais ativamente com o sistema social, traz implicitamente a possibilidade de mudanças no sistema e transformações que não se limitam ao processo individual de um membro,

mas atinge em doses diferentes todos os membros da sistema familiar. A partir dessa interação os sistemas trocarão informações e influências. Os membros do sistema familiar e a sociedade estarão dessa forma, mutualmente impactando o sistema como um todo e causando mudanças no seu funcionamento, assim como também sendo impactado por tais modificações. As habilidades e as dificuldades de um podem, dessa maneira, ser percebidas pelo outro. A família é considerada portanto um subsistema inserido num sistema maior, ou seja, um microssistema do macrossistema social.

O processo de intercâmbio dos membros do subsistema entre si e destes para com a sociedade de maneira geral, define as relações e trocas de experiências dos mesmos. A dinâmica de interação entre os membros entre si e destes para com os sistemas é caracterizada de forma mais ou menos rígida, de acordo com os tipos de regras que os delimita.

1.4 – Fronteiras familiares e a diferenciação dos subsistemas

A família se organiza como um território, delimitando espaços entre subsistemas e regulando as interações e papéis de seus membros. Essas regras, chamadas de fronteiras, definem quem participa desse funcionamento e de que forma cada indivíduo participa dele, determinando quem está dentro ou fora e marcando seu espaço de influência. O indivíduo aprende a se relacionar na vivência familiar utilizando tais regras, que podem ser claramente definidas ou não. Minuchin (1980), afirma que a estrutura familiar é formada por um conjunto de regras encobertas que determinam os relacionamentos entre seus membros.

Essas transações relacionais localizam o lugar de cada membro da família,

estabelecendo seu papel e a forma com que é exercido. a partir da permeabilidade ou rigidez das fronteiras que definem as relações. Estes fatores classificam os sistemas como abertos e fechados. Nesse processo de intercâmbio, podemos observar variações no grau de flexibilidade e rigidez próprio de cada sistema.

As fronteiras têm portanto, a função de proteger a diferenciação do sistema, determinando os papéis e funções dos membros de cada um, favorecendo um funcionamento familiar harmonioso. Minuchin (1980) afirma que:

Para o funcionamento apropriado da família, as fronteiras dos subsistemas devem ser nítidas, [...] definidas suficientemente bem para permitir que os membros do subsistema levem a cabo as suas funções, sem interferência indevida, mas devem admitir contato entre os membros do subsistema e outros.

Dessa forma, podemos entender que o relacionamento entre pais e filhos sustentados por regras claras, por informações sobre as contingências em vigor para os comportamentos sociais e com disponibilidade de conversa para com os filhos, aumentam a probabilidade de a criança desenvolver relações sociais saudáveis no âmbito familiar e com os pares. Furtado e cols., (2009) corrobora esse princípio ao afirmar que em uma família de funcionamento saudável “as regras de convivências são claras e servem de guias para o crescimento individual e coletivo” (p. 19). É necessário portanto, que as fronteiras sejam flexíveis, permitindo trânsito de comunicação e interação entre os subsistemas.

As fronteiras também podem ser definidas como as expectativas ou regras, implícitas ou explícitas, que especificam e definem uma relação. Nesse sentido, de acordo com Ryder e Bartle (1991), elas podem ter efeitos contraditórios por terem a possibilidade de fechar o que está dentro ou proteger do que existe fora, uma vez que especifica o que pertence e o que não

pertence. Assim, as fronteiras podem implicar em obstáculo ao distanciamento (impedindo a independência na relação) ou obstáculo no que refere à aproximação (intimidade na relação).

Nas famílias com fronteiras difusas, no entanto, as regras são confusas e os indivíduos não têm noção do seu lugar de pertencimento. Há uma confusão quanto a função do membro no sistema familiar e os deveres e direitos desse indivíduo são corrompidos. Podemos afirmar dessa forma que,

[...] nas famílias com fronteiras difusas, as mensagens entre pais e filhos são falhas e confusas, havendo dificuldade de diferenciação dos membros. Os filhos, privados da autoridade e da voz firme dos pais, sentem-se desprotegidos e desencorajados a desenvolver a sua autonomia (Furtado e cols., 2009, p. 18).

No extremo oposto ao das famílias de fronteiras difusas ou emaranhadas, estão as famílias com fronteiras rígidas, ou desligadas. Nesse funcionamento, a comunicação é difícil não havendo trocas entre os membros dos subsistemas. Não há sentimento de pertencimento ao sistema familiar, os membros funcionam de forma desvinculada uns dos outros não permitindo a entrada ou saída de informação da rigidez que o cerca. A pouca interação entre os subsistemas, impede a busca de apoio familiar quando necessário. Pais e filhos têm uma convivência carente de comunicação e afeto. Os pais conhecem pouco a rotina dos filhos, sua rede de amigos ou suas reais dificuldades e potencialidades.

É possível afirmar que, práticas parentais negativas, pais menos calorosos e menos recíprocos na relação com o filho, mais rígidos, apresentam maior índice de problemas de comportamento internalizantes (retraimento, queixas somáticas, depressão e ansiedade) e externalizantes (delinquência, agressão). A percepção que o filho tem da família a qual pertence o ajuda na construção da identidade própria (Bartle, Anderson e Sabatelli, 1989). Na medida em que o indivíduo se percebe como pertencente ao sistema ele pode mais facilmente

se vê separado mas ainda como participante dele. Já a falta de nitidez das fronteiras pode afetar sua habilidade de definição do eu.

O estabelecimento de fronteiras na família encontra-se intimamente ligado à implementação de limites no processo educativo. O delineamento de regras e comportamentos que regulam papéis e responsabilidades, definem não apenas o funcionamento familiar como o desenvolvimento dos filhos.

1.5 – Limites e a adolescência

É possível afirmar que, permissão em excesso não ensina noções de limites individuais e relacionais. A sociedade desde sempre esteve permanentemente em contato com determinados limites característicos da cultura em que está inserida. Atualmente, leis, convenções sociais e costumes são diferentes exemplos de limites que o desenvolvimento humano modernamente alcançou. Isso traz a ideia de que tais elementos reguladores estão em constante desenvolvimento, muitas vezes tornando conflituosa a troca de experiências entre as gerações.

A maioria das pessoas compreende que, para a criação dos filhos, é necessário saber dar limites e regras às crianças e aos jovens. No entanto, poucos estão certos quanto à melhor forma de fazer isso. O desafio torna-se então, como lidar com o constante avanço do desenvolvimento dos filhos e de que forma agir durante as inevitáveis tentativas do jovem de romper os limites. Segundo Tiba (1996), à medida em que os pais aceitam uma contrariedade, um desrespeito, uma quebra de limites, estão fazendo com que seus filhos não compreendam, e rompam o limite natural para seu comportamento em família e em sociedade.

De acordo com Maldonado (1997, p. 16), “muitas vezes a dificuldade de dizer ‘não’ baseia-se numa noção errônea de teorias psicológicas: alguns pais acham que não têm direito de frustrar a criança, que precisam atender suas vontades de imediato para fazê-la feliz”. Essa atitude carregada por excesso de permissividade, onde a vontade dos filhos impera, fica desnuda de noções de limites, que funcionam como elemento organizador e estruturante, influenciando negativamente o desenvolvimento da criança. Na ânsia de não serem autoritários, os pais acabam criando seus filhos sem limites, com mais direitos que deveres e com mais liberdade que responsabilidade, que buscam testar os limites da sociedade e descobrir até onde é permitido avançar.

É principalmente no período da adolescência que se acentua o contato do indivíduo com os limites que estão além do lar. Nesta fase, inicia-se o trânsito de um indivíduo infantil que até há pouco estava "sob o poder dos pais", para um indivíduo adulto que alcançará diferentes capacidades e estruturará sua autonomia. É nesse trânsito, chamado de adolescência, que vão ocorrer os primeiros ensaios para a vida adulta, em uma evolução que está destinada a testar limites. Ou seja, é saudável, até certo ponto, que ocorra uma ampliação da disposição dos jovens em desrespeitar ordens e regras. O grande desafio desse jovem indivíduo é saber até onde é possível ir sem interferir na individualidade dos outros e nas determinações da realidade ao seu redor.

A criança, que até o período de crescimento rumo à adolescência, era caracterizada pela quase total dependência dos pais, vê agora a sua frente infinitas possibilidades e começa a vislumbrar a tão sonhada liberdade. O jovem indivíduo, no entanto, está ainda passando por um grande período de transição buscando construir sua própria identidade separada daqueles que até então foram tidos como referência. De acordo com Teles, o filho até esse momento:

[...] encontrava-se agarrado à família, como se ela fosse seu único ponto de ligação com o mundo e com a realidade. Embora, de alguma forma, já

houvesse conseguido uma relativa libertação com relação a ela, e ampliando em seu campo psicológico, com a escolarização, ela ainda não havia deixado de ser o eixo do seu mundo. Os valores de seus pais eram seus valores, os desejos de seus pais eram os seus desejos [...]. (2001, p. 128).

A tendência a testar limites não é originada apenas pelo aspecto comportamental, cultural ou por influência do grupo de jovens. Na adolescência, ocorrem também importantes modificações biológicas, tão intensas que causam, além das grandes modificações de características físicas e sexuais, importantes mudanças cerebrais e de conduta. O jovem passa a ser naturalmente mais impulsivo e contestador, pois o destino biológico é ultrapassar seu papel de criança e seguir no caminho da construção de uma identidade própria e dar vida a uma nova geração. Nessa fase, além do despreparo psicoemocional dada a tenra idade do indivíduo, ele também apresenta a falta de maturação orgânica. Esses elementos são fundamentais para a compreensão ampla das consequências de seus atos e decisões.

De acordo com psicólogos e neurocientistas, enquanto as áreas do cérebro responsáveis pela emoção amadurecem rapidamente, o córtex pré-frontal, responsável por funções de controle como a capacidade de julgamento e avaliação de riscos, só se desenvolve completamente no fim da adolescência. Por isso, crianças e adolescentes são facilmente influenciados pela opinião de terceiros, têm um enorme apetite por situações de risco, tendem a pensar apenas no prazer imediato daquilo que fazem e frequentemente subestimam as consequências dos atos praticados.

Essa falta de habilidade neural agregada à falta de maturação da construção dos valores sociais sugere que a orientação e supervisão de cuidadores seja talvez mais necessária do que nunca. Nesse período da vida o jovem vislumbra a conquista da autonomia, de crescimento, da independência e da definição da identidade, sem ter no entanto, as habilidades funcionais competentes necessárias totalmente desenvolvidas.

Além disso, a adolescência é uma fase de grande turbulência emocional. As emoções são extremas, confusas e instáveis. As relações sociais tornam-se mais complexas com a ampliação das relações de amizades. A dependência e a necessidade de aceitação por parte do grupo de companheiros torna-se maior, e o indivíduo aprende novas atitudes, costumes e sistemas de valores. “Nessa fase, além da consciência do ego pessoal, ele desenvolve também a consciência do ego social e reconhece que é membro de uma ordem social, de âmbito maior que o lar e a escola” (Teles, 2001, p. 129)

De acordo com Tiba (1996) a palavra ‘adolescer’ vem do latim e significa crescer, engrossar, tornar-se maior, atingir a maioridade. A fase da adolescência é exclusiva do ser humano, que passa por diferentes modificações no seu processo vital, do nascimento à morte. O início da adolescência é demarcado pelas transformações que chegam com a puberdade, que é um conjunto de transformações psicofisiológicas ligadas à maturação sexual, que traduzem a passagem progressiva da infância à adolescência.

Para Pfromm Netto (1976), a adolescência pode ser dividida em diferentes critérios:

- Critério cronológico: adolescência é um período da vida humana que se estende dos 10-12 anos aos 20-21, aproximadamente. Subdivide-se em pré-adolescência (10-12 anos), adolescência inicial (13-16 anos) e adolescência final (17-21 anos).
- Critério do desenvolvimento físico: Etapa da vida compreendida entre a puberdade e a idade viril; período de transição durante o qual o jovem ou a jovem se tornam adultos. Começa a primeira manifestação da puberdade e termina no momento em que o desenvolvimento físico está quase concluído, por volta dos vinte anos.
- Critério sociológico: Período da vida de uma pessoa durante o qual a sociedade em que vive deixa de encará-la como criança e não lhe confere plenamente o "status", papéis e funções de adultos.

- Critério psicológico: Período de extensa reorganização da personalidade, que resulta de mudanças no "status" biossocial entre a infância e idade adulta. Ou, ainda, período de reorganização de estruturas psíquicas previamente estabelecidas, que reflete o desenvolvimento anterior, assim com as novas mudanças maturacionais.

De acordo com Tiba (1986), ao passar por todas as modificações que ocorrem simultaneamente, o adolescente passa a perceber os pais de forma diferente, em busca de romper com a imagem internalizada. Nessa fase, com frequência o adolescente:

Questiona poderes, normas da casa, tenta escolher seu próprio caminho, estabelece vínculos com pessoas que são do seu interesse e não mais aceita, pura e simplesmente, o que os seus pais julgam ser o melhor. Nem sempre os pais aceitam todas essas modificações porque aceitá-las significaria perder o seu poder de participar intensamente da vida dos seus filhos. Aceitar o crescimento dos filhos é reconhecer o seu próprio envelhecimento. Quando há confusão dos papéis de pais e de autoridade, perder o poder sobre os filhos pode representar uma desvalia no seu papel de pais". (p. 39)

Todos esses fatores, no entanto, fazem parte do desenvolvimento humano e é parte fundamental da construção da identidade. Segundo Erickson (1979), é através dessa crise que o indivíduo passa a outras etapas de integração individual e de relações sociais, tendo formado a 'unidade de personalidade' e capacidade de percepção correta do mundo e dela própria. Esse rumo ao crescimento, lhe oferece a possibilidade de fazer suas próprias decisões e decidir seus próprios caminhos. Drummond e Drummond Filho (1998) afirmam que essa fase questionadora e inquieta é típica do adolescente e da necessidade que ele tem de se conhecer e se desenvolver.

[...] tais questionamentos são necessários ao desenvolvimento psicológico dos indivíduos, é a forma que a natureza humana encontra para se auto-afirmar,

para definir objetivos e escolhas pessoais, é um momento evolutivo, marcado por um processo de organização e estruturação do indivíduo. (p. 49)

Para Erikson, a adolescência faz parte da organização da identidade dentro da evolução do ciclo vital humano. Assim sendo, é portanto uma das etapas da crise psicossocial pela qual o indivíduo passa na busca da construção da identidade, que termina por remetê-lo a uma maior integração consigo mesmo e com o mundo das relações sociais. Assim, o sujeito é constituído de partes que evoluem para um todo em funcionamento, que se coloca em busca de aquisições definidas para o que vem a construir a identidade. “Tudo o que cresce tem um plano básico e é a partir desse plano básico que se erguem as partes ou peças componentes, tendo cada uma delas o seu tempo de ascensão especial, até que todas tenham sido levantadas para formar então um todo em funcionamento”. (1979, p. 91)

De acordo com a teoria do desenvolvimento psicossocial de Erickson (1993), o processo desenvolvimental do adolescente e do jovem adulto inclui a construção da sua identidade própria separada da identidade dos pais e o estabelecimento de níveis relacionais intra e extrafamiliares. Esse movimento de dependência para independência do contexto familiar pode resultar em conflitos familiares por conta da separação e redefinição dos papéis e limites, que devem no entanto serem negociados através da interação.

O desenvolvimento da independência ou autonomia do indivíduo, no entanto não é súbito, demarcado e identificado, mas um processo construído a partir de experiências. De acordo com Paulo Freire (1998), esse processo de amadurecimento, vai sendo construído por meio de experiências que estimulem escolhas responsáveis, permeado por uma pedagogia que possibilite tomada de decisões, mediado por pais e educadores, não como uma intromissão, mas um dever, não decidindo pelo outro, mas promovendo a reflexão, a análise das consequências das decisões a serem assumidas.

No entanto, Aberastury e Knobel (1981) afirmam que é preciso estudar a adolescência com sua bagagem individualizante mas sem perder de vista o ambiente sócio-cultural no qual esses adolescentes vivem para compreendermos os comportamentos dos jovens. De acordo com Salles (1998), embora as mudanças físicas sejam universais, as consequências de tais mudanças sobre o autoconceito do adolescente dependerão do grupo no qual ele está inserido, bem como da cultura e da sociedade em que vive, que tem formas diferentes de lidar com a puberdade.

Nesse sentido, a Abordagem Ecológica do Desenvolvimento Humano, proposta por Bronfenbrenner (1979/1996), é útil, uma vez que parte da premissa de que o desenvolvimento só pode ser entendido se devidamente contextualizado e a partir da interação dinâmica das dimensões que fundamentam a teoria.

1.6 – O adolescente e a bioecologia do desenvolvimento humano

Diante das inter-relações entre o desenvolvimento do indivíduo e o contexto no qual ele está inserido, é essencial identificar e entender os fatores envolvidos nesse processo. É preciso reconhecer o indivíduo e levar em conta o contexto no qual ele se desenvolve, o seu momento no ciclo vital e a forma como percebe os eventos que ocorrem ao seu redor. Reconhecer ‘ecologicamente’ o desenvolvimento humano possibilita perceber não apenas a pessoa e os ambientes imediatos, mas também considerar suas interações com os ambientes mais distantes, quer esse seja de interação ou apenas influência distante.

Na busca de novas perspectivas sobre o desenvolvimento humano, Bronfenbrenner (1979/1996) estruturou um conjunto teórico, inicialmente conhecido como a “teoria ecológica

do desenvolvimento humano” que mais tarde foi repensado e passou a ser chamado de o modelo ecológico do desenvolvimento humano (Bronfenbrenner e Morris,1998), reforçando a ênfase nas características biopsicológicas da pessoa em desenvolvimento. O modelo ecológico de Bronfenbrenner traz relevante exploração da influência do contexto, do processo e do tempo no desenvolvimento do indivíduo. Nesse caso, as conexões e desconexões entre o adolescente, a família e a sociedade.

De acordo com o modelo ecológico, toda experiência individual se dá em ambientes "concebidos como uma série de estruturas encaixadas, uma dentro da outra, como um conjunto de bonecas russas" (Bronfenbrenner, 1996, p. 5). Para o autor, “os aspectos do meio ambiente mais importantes na formação do curso do crescimento psicológico são, de forma esmagadora, aqueles que têm significado para a pessoa numa dada situação” (p.19), sendo, então, de extrema importância para o comportamento e o desenvolvimento do sujeito sua percepção sobre o ambiente em que está inserido e não conforme possa existir na realidade.

Estes ambientes são denominados microssistema, mesossistema, exossistema e macrossistema e são contidos uns nos outros.

O microssistema é o sistema ecológico mais próximo e compreende um conjunto de relações entre a pessoa em desenvolvimento e seu ambiente mais imediato, como por exemplo, a família, a escola, a vizinhança mais próxima. O mesossistema refere-se ao conjunto de microssistemas nos quais a pessoa em desenvolvimento participa de maneira ativa (as relações família-escola). O exossistema é composto de estruturas sociais formais e informais que, mesmo que não contenham a pessoa em desenvolvimento, influenciam e delimitam o que acontece no ambiente mais próximo (a família extensa, as amizades, a comunidade). E por último, o macrossistema que é o sistema mais distante do indivíduo mas envolve todas as três estruturas citadas anteriormente. O macrossistema, trata das crenças, dos valores culturais, situações e acontecimentos históricos (Bronfenbrenner, 1996).

A proposta do modelo bioecológico é de que o desenvolvimento humano seja estudado através da interação de quatro núcleos que se inter-relacionam: o processo, a pessoa, o contexto e o tempo.

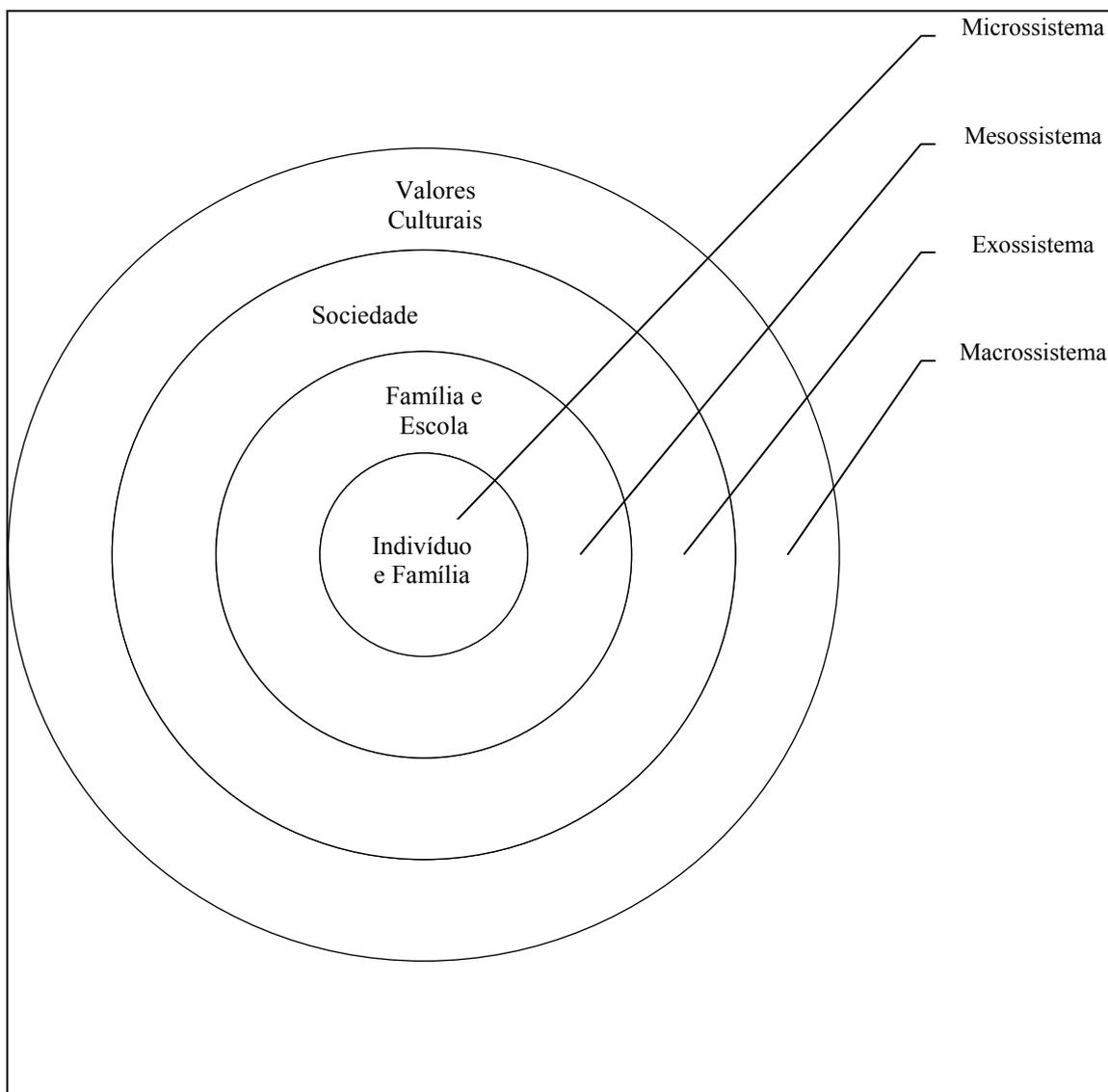
De acordo com essa perspectiva, o processo é o principal mecanismo responsável pelo desenvolvimento e é caracterizado pela interação de um ser humano ativo, biopsicologicamente em evolução, com as pessoas, objetos e símbolos presentes no seu ambiente imediato. Nesse perspectiva, dentro do estudo realizado, o processo acontece entre filhos adolescentes e pais no desenvolvimento de regras e valores através do processo educativo. Essas interações imediatas no ambiente são denominadas processos proximais e são vistas como os principais motores de desenvolvimento psicológico, podendo determinar as trajetórias de vida, inibindo ou incentivando a expressão de competências na esfera cognitiva, social e afetiva (Bronfenbrenner e Morris, 1998).

Os processos proximais estão presentes nas atividades conjuntas, nos papéis e nas relações estabelecidas no cotidiano entre os pares, entre o indivíduo e os cuidadores e/ou professores, etc. O equilíbrio do poder, de acordo com a Teoria Bioecológica, é a melhor situação para a aprendizagem e o desenvolvimento e ocorre quando, gradualmente, o poder se altera em favor da pessoa em desenvolvimento. Nos processos diádicos, mesmo havendo a reciprocidade, um dos participantes pode ser mais influente do que o outro, oferecendo possibilidades para a pessoa em crescimento aprender a lidar com as relações de poder diferenciais que encontrará em vários ambientes ecológicos durante o percurso de sua vida, contribuindo, portanto, para o seu desenvolvimento cognitivo e social. Dessa forma, quando os pais educam, fazem uso da sua autoridade, delegam responsabilidades e supervisionam comportamentos e regras, de forma equilibrada e responsável, eles estão contribuindo para o melhor desenvolvimento dos filhos.

O segundo componente do modelo bioecológico é a pessoa, que deve ser analisada através de suas características biopsicologicamente construídas na interação com o ambiente. As características da pessoa são tanto produtoras como produtos do desenvolvimento, uma vez que constituem um dos elementos que influenciam os processos proximais e, ao mesmo tempo, são resultado da interação conjunta do processo, pessoa, contexto e tempo (Bronfenbrenner, 1996). A pessoa nesse estudo específico é o adolescente em fase de desenvolvimento e vivência dos limites que se constitui a partir dos processos proximais com os pais/família ou cuidadores. No entanto, a família também pode ser considerada sistema em desenvolvimento por nessa relação de trocas e adaptação com o filho adolescente está passando pelo processo de mudanças.

Os indivíduos em desenvolvimento utilizam-se de sistemas de interações como forma possível de participação em todos os sistemas, de forma direta ou indireta. A díade, forma primordial desse sistema de interação, é o sistema que ocorre entre duas pessoas em um determinado ambiente imediato (microsistema) no qual esses indivíduos estão inseridos, em que um dos indivíduos de forma atenta ou participativa se envolve nas atividades desenvolvidas pelo outro. Nessa perspectiva, “se um dos membros do par diádico sofre alguma transformação desenvolvimental, é provável que o outro também mude” (Bronfenbrenner, 1996, p. 53), devendo ser, então, uma relação recíproca.

O terceiro componente do modelo bioecológico é o contexto, que é analisado através da interação dos níveis ambientais. Esses níveis formam o ambiente ecológico e são articulados de forma concêntrica inseridos uns nos outros (Quadro 2).



Quadro 02 – Modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano de Bronfenbrenner

- O microsistema é o contexto no qual acontecem os processos proximais. São as relações vividas face-a-face pela pessoa nesse ambiente, através de padrões de atividades, papéis sociais e relações interpessoais, que produzem e sustentam o seu desenvolvimento (Bronfenbrenner e Morris, 1998). É possível então perceber, dentro dessa visão, o papel da família e da escola no desenvolvimento do indivíduo enquanto contextos de intensa convivência.

- O mesossistema, que é o conjunto dos microsistemas ou da inter-relações estabelecidas por eles, tende a ser ampliado sempre que uma pessoa passa a frequentar um novo ambiente. Os processos que acontecem nesses ambientes frequentados pela pessoa, são interdependentes, influenciando-se mutuamente (Bronfenbrenner, 1986). Dessa forma, a interação de uma pessoa na escola, por exemplo, é influenciada e também sofre influência de sua interação dentro do ambiente familiar.

- O exossistema envolve os ambientes que a pessoa não frequenta como um participante ativo, mas que desempenham uma influência indireta sobre o seu desenvolvimento (Bronfenbrenner, 1996). Três exossistemas são identificados como muito importantes para o desenvolvimento da criança, devido a sua influência nos processos familiares: o trabalho dos pais, a rede de apoio social e a comunidade em que a família está inserida. As relações familiares são influenciadas diretamente pelos estresses ou fortalecimentos que esses ambientes impõem às famílias.

- O macrosistema, é o último dos sistemas e é composto por ideologias, crenças, valores, religiões, aspectos econômicos, sociais e políticos, culturas e subculturas presentes no cotidiano das pessoas que influenciam seu desenvolvimento. Assim, a cultura na qual os pais foram educados, os valores e as crenças transmitidos por suas famílias de origem, bem como os valores e demandas da sociedade atual se mostram como fatores de influência na maneira como os filhos são criados. Analisar o macrosistema oferece dados de suma relevância para compreender as transformações das relações familiares e seus novos arranjos.

O quarto componente do modelo bioecológico é o tempo, apresentado como elemento para examinar mudanças e continuidades que ocorrem ao longo do ciclo de vida e sua influência para o desenvolvimento humano. O tempo é analisado em três níveis: microtempo, mesotempo e macrotempo (Bronfenbrenner & Morris, 1998). A análise do tempo dentro destes três níveis deve ter o foco na pessoa em relação aos acontecimentos presentes em sua

vida, sejam eles próximos como eventos da relação direta e cotidiana ou os mais distantes, como grandes acontecimentos históricos.

- O microtempo refere-se à continuidade e à descontinuidade observadas dentro dos episódios de processo proximal. A efetividade dos processos proximais, é condicionada pelo modelo bioecológico, à ocorrência de uma interação recíproca, progressivamente mais complexa, em intervalos de tempo relativamente regular, não podendo este funcionar efetivamente em ambientes instáveis e imprevisíveis.
- O mesotempo encontra-se em um nível mais elevado e refere-se à periodicidade dos episódios de processo proximal através de intervalos de tempo maiores, como dias e semanas, pois os efeitos cumulativos destes processos produzem resultados significativos no desenvolvimento.
- O macrotempo engloba as expectativas e os eventos constantes e mutantes que ocorrem dentro da sociedade ampliada ou através das gerações, e a forma como estes eventos impactam e são impactados pelos processos e resultados do desenvolvimento humano dentro do ciclo de vida.

II – O PROBLEMA DO ESTUDO

*"As dificuldades devem ser usadas para crescer,
não para desencorajar. O espírito humano
cresce mais forte no conflito."*

William Ellery Channing

Hoje uma das maiores queixas de educadores, pais e da sociedade em seu conjunto é a falta de limites nas crianças, nos jovens e até nos adultos. Este estudo surgiu então da necessidade de entender como pais e adolescentes vivenciam hoje o estabelecimento de limites no processo educativo, tendo sido observado na sociedade e na família, várias transformações na estrutura e no modo de relação de seus membros. A família contemporânea vive uma série de mudanças quanto aos modelos, dinâmica, hierarquia e papéis, ciclo vital e seus estágios, bem como outras mudanças na sua estrutura, sendo produto e produtora das transformações sociais.

A inserção da mulher no mercado de trabalho provocou profundas transformações na estrutura familiar. Se antes o cuidado da família e a educação dos filhos era função exclusiva da mulher, hoje ela busca também a realização profissional e social.

“ O homem provedor e a mulher encarregada da organização da casa e da educação dos filhos, deram lugar a dois trabalhadores remunerados [...]. Parecem cada vez menos frequentes os arranjos matrimoniais em que apenas um dos parceiros encarrega-se do sustento da família” (Jablonski, 2009, p. 208).

Os casamentos são realizados por escolha e não mais por determinação familiar como forma de assegurar a linhagem e o patrimônio e se desfazem quando o amor acaba; a diminuição do número de filhos e o afastamento das famílias de origem por conta de deslocamentos relacionados ao trabalho e estudo, torna a família mais nuclear e menos provida de redes de apoio. A sociedade que acolhe a família também vem passando por intensas modificações e impõe ao sistema familiar novas habilidades e manejos.

Dessa forma, a educação dos filhos influenciada por tais mudanças culturais deve ser analisada dentro do momento histórico pertinente. A família, tanto no formato quanto na organização, é um grupo dinâmico e sendo um sistema dentro do funcionamento social, é influenciada por uma série de fatores externos que colaboram para suas transformações (Paggi & Guareschi 2004). As interações e suas consequências têm influência mútua nos grupos sociais. De acordo com Minuchin (1980), a família e a sociedade se constituem reciprocamente, de forma que as mudanças ocorridas no mundo social afetam o domínio familiar e são por este afetadas.

Assim, as funções familiares podem ser alteradas de acordo com as pautas de mudanças imprimidas pelo sistema social. Esse pensamento é corroborado por Bucher (1999), ao observar que o mundo moderno conturbado com exigências consumistas e de

desempenho profissional, deixa suas marcas na dinâmica familiar. A ausência dos pais, com o objetivo de atender essa demanda, faz com que sejam obrigados a delegar a terceiros a guarda dos filhos, modificando, assim, a forma como a família vai funcionar. O repasse dos valores familiares passa a ser compartilhado com outras instâncias como escola, rua, televisão, internet, a que os membros da família estão expostos. A família passa cada vez menos tempo junta. Os jovens passam cada vez mais tempo nos espaços virtuais, nos shoppings e condomínios fechados enquanto os pais, trabalham cada vez mais para garantir o consumo dos filhos que são tentados por apelos da mídia e da sociedade.

Os filhos atualmente já não aceitam tão facilmente as determinações dos pais e são sujeitos dessa sociedade em constante movimento onde o desejo não pode ser contrariado e a busca da felicidade confunde-se com um viver sem fronteiras. Os pais de hoje viveram uma relação muito controladora quando adolescentes ou experienciaram uma educação em processo transitório entre a rigidez extrema e liberdade intensa, e estão em busca de novos modelos de educação. Dessa forma, é natural que estabelecer limites de conduta se transforme numa tarefa difícil, o que acaba por revelar uma sociedade de jovens muitas vezes sem referencial de limites, e que frequentemente percebendo-se como excessivamente autorizado a testar todas as possibilidades.

Percebemos ainda que a questão dos limites ultrapassa as divisões das classes sociais. É comum o envolvimento de jovens de famílias economicamente mais privilegiadas, com mais acesso a melhor educação e perspectivas de futuro, em conflitos com as regras estabelecidas pela sociedade muitas vezes fazendo uso do poder financeiro das famílias às quais pertencem. Segundo Zimmerman (in Furtado e cols., 2009), o fato de ser significativo o índice de atos violentos praticados por indivíduos de classe média e média alta, deveria ser investigado a partir de “estudo aprofundado das verdadeiras causas que provocam um tão alto grau de ruptura e transgressão de todos os limites” (122). Se não podemos realizar a pesquisa

em níveis tão profundos, procuraremos ao menos investigar como os limites são estabelecidos no contexto de família economicamente mais favorecidas.

Para compreender como se dá a vivência de limites no processo educativo, serão aprofundadas algumas questões junto às famílias de classe média da cidade de Fortaleza:

- O que são limites?
- Em que contextos os limites são considerados necessários para a formação dos jovens?
- Como os limites são vivenciados na família?
 - Por quem impõe - pais/educadores?
 - Por quem recebe - filhos?
- Que mudanças são percebidas nos limites que receberam os pais e que dão aos filhos?

2.1 – OBJETIVOS

2.1.1– Objetivo Geral

- Compreender como pais e filhos adolescentes, da classe média de Fortaleza, vivenciam os limites dados no processo educativo na família.

2.1.2 – Objetivos Específicos

- Identificar o que significa limite na adolescência para o pai, a mãe e os (as) filhos (as);
- Indicar as áreas da vida cotidiana em que os pais estabelecem limites;
- Verificar quais são as dificuldades enfrentadas pelos pais na aceitação de limites pelos filhos;
- Identificar junto aos filhos como eles vivenciam o estabelecimento dos limites que

lhes são impostos;

- Identificar as mudanças dos limites vividos pelos pais na sua adolescência e os que eles estão dando aos seus filhos.

III – MÉTODO

"O que vale na vida não é o ponto de partida e sim a caminhada.

Caminhando e semeando, no fim terás o que colher."

Cora Coralina

Para esse estudo exploratório sobre a vivência de limites na relação pais e filhos adolescentes, foram utilizados os métodos quantitativo e qualitativo, visando levantar informações sobre do cotidiano familiar, a extensão social, o processo de crescimento e tomada de decisões, práticas educativas e outras áreas perpassadas pelo processo e vividas pela família na sociedade contemporânea. A escolha pela aplicação multi-metodológica de coleta e análise de dados se justifica pela complementariedade dos métodos.

Enquanto a abordagem qualitativa representa melhor o estudo dos fenômenos complexos considerando a participação e a percepção dos sujeitos pesquisados e possibilitando o aprofundamento das unidades de sentidos, a abordagem quantitativa

representa mais adequadamente o estudo de interações a partir da análise dos dados e da utilização de testes estatísticos que possibilitam avaliar o grau de significação dos resultados. Essa interlocução de métodos os coloca como complementares e não competidores entre si, o que vem sendo defendido cada vez mais por autores e como forma de pesquisa, dada as limitações de um único método e por apresentar possibilidades de se usufruir das contribuições de cada um dos métodos envolvidos (Jick (1997) em: Plano Clark & Creswell, 2007)

Na análise dos dados da pesquisa foi utilizada a triangulação dos métodos comparando os resultados obtidos. A utilização de diferentes métodos de investigação e análise do mesmo fenômeno é sugerido por Vergara (2005), como uma estratégia de pesquisa. Tomando como referência as considerações de Minayo (2005) a triangulação de métodos pode ser compreendida como “expressão de uma dinâmica de investigação e de trabalho que integra a análise das estruturas, dos processos e dos resultados, a compreensão das relações envolvidas na implementação das ações e a visão que os atores diferenciados constroem” (p.29). Ainda segundo Minayo (2005), a triangulação é uma eficiente forma de validar a análise dos dados por combinar e cruzar diferentes pontos de vista, teorias e técnicas.

Essa prática facilita o aprofundamento da discussão sendo posta como instrumento que permite o surgimento de diversos ângulos na análise dos dados coletados. Jick (1979) sugere que a triangulação metodológica tem um valor universal, ao justificar que cada método tem suas limitações e por si só não possui elementos mínimos para responder às questões que surgem em uma investigação específica.

3.1- Instrumentos

Os instrumentos utilizados para coleta de dados da pesquisa foram baseados nos questionários desenvolvidos por Veloso e Bucher-Maluschke (2005) para pesquisa desenvolvida no Laboratório de Estudos dos Sistemas Complexos (Lesplexos) da Universidade de Fortaleza (UNIFOR). A construção dos questionários foi realizada a partir das áreas consideradas como relevantes pelas famílias a serem estudadas. As áreas denominadas macro e microcategorias foram portanto identificadas pela classe média. Neste sentido, trata-se de instrumentos próprios para investigação de temáticas tocantes às populações sócio economicamente de classe média e alta.

Os questionários I e II, auto-aplicáveis de levantamento de informações socioeconômicas e níveis de liberdade foram utilizados em sua forma original enquanto a entrevista semi-estruturada passou por adaptações a fim de aproximar as questões dos objetivos do estudo realizado.

Os instrumentos utilizados na coleta de dados da pesquisa foram constituídos de:

- Questionário I: Autoaplicável com questões fechadas para o levantamento dos dados socioeconômicos dos sujeitos pesquisados.
- Questionário II: Autoaplicável para os pais e outro para os filhos com questões fechadas para identificar as vivências dos limites na área de estudo. Para as questões fechadas foi utilizada a escala tipo Lickert com 5 graus para medir a flexibilidade ou rigidez dos limites, disposta em: 1) ausente, 2) pouco, 3) médio, 4) muito e 5) totalmente. Algumas questões tiveram pontuação invertida e foram analisadas dessa forma. Nas questões 57 e 58 as respostas podiam variar de 1 a 10 para indicar o grau de liberdade dado pelos pais e percebido pelos filhos.

- Entrevista Semi-estruturada.

Os questionários foram enviados aos pais através dos filhos e filhas adolescentes que expressaram desejo em participar do estudo e que estavam dentro da margem da amostra. O questionário I identificava toda a família e o questionário II era individual e idêntico para pai e mãe. Os adolescentes receberam o mesmo questionário que os pais, tendo sido observadas no entanto, as modificações necessárias quanto à condição de receptor ou autor da ação (vide anexos III, IV e V). Esses responderam às questões individualmente em ambiente privado junto à presença da pesquisadora e sua assistente que se colocaram à disposição para redimir qualquer dúvida, sem no entanto influenciar qualquer resposta do adolescente.

3.1.1- Estudo Quantitativo

Através do estudo quantitativo, nos utilizando de testes estatísticos para coleta e análise dos dados, buscamos compreender as interações familiares nas áreas estudadas. A metodologia possibilitou avaliar o grau de significação dos resultados estabelecendo relações entre as variáveis pesquisadas. Para tanto, foram utilizando testes estatísticos não-paramétricos, frequência e porcentagem.

As variáveis de estudo foram divididas em sete macrocategorias do mundo familiar (quadro 03) onde a vivência dos limites estão presentes (mundo doméstico, mundo social, tomada de decisões, comunicação intrafamiliar, grau de liberdade, relacionamento familiar e práticas educativas). Buscamos também identificar as mudanças no estabelecimento dos limites nas gerações dos avós, pais e filhos a partir do estudo das relações por meio de perguntas que remetem às práticas educativas recebidas pelos atuais pais das famílias pesquisadas.

Quadro 03 – Vivência de limites nas macrocategorias

Variável 1*		PAI	MÃE	FILHOS/ FILHAS
Variável 2*				
Mundo doméstico	+			
	+/-			
	-			
Mundo social	+			
	+/-			
	-			
Tomada de decisões	+			
	+/-			
	-			
Comunicação intrafamiliar	+			
	+/-			
	-			
Grau de liberdade	+			
	+/-			
	-			
Relacionamento familiar	+			
	+/-			
	-			
Práticas educativas	+			
	+/-			
	-			

*Variável 1 – Grupos estudados – pai, mãe, filhos e filhas.

*Variável 2 – Graus de limites estabelecidos nas áreas estudadas.

As macrocategorias englobam grandes áreas das relações onde os limites são vivenciados e são compostas de microcategorias que são relativas à atividades cotidianas. As perguntas do questionário II são referentes à organização das macro e microcategorias como identificadas a seguir:

Macrocategoria Mundo Doméstico

O mundo doméstico trata das regras diárias estabelecidas no relacionamento familiar de dentro de casa. É composta de variáveis da relação intrafamiliar e inclui questões relacionadas aos horários de dormir e acordar, namoro e intimidade em casa, privacidade e

uso do telefone.

- **Microcategoria – Horário de dormir e acordar**

1) Determino a hora em que meu filho(a) deve acordar e a hora em que deve ir dormir à noite.

2) Meu filho(a) deve ter horário para acordar e para dormir durante a semana quando estiver de aula.

3) Nos finais de semana e dias livres meu filho(a) faz o seu horário de acordar e dormir.

- **Microcategoria – Namoro e intimidade em casa**

6) Meu filho(a) pode trazer o namorado(a) para casa e ficar trancado(a) no quarto com ele.

7) Meu filho(a) pode dormir com o namorado(a) em casa.

- **Microcategoria – Privacidade**

8- Meu filho(a) fecha a porta do quarto a qualquer hora do dia e os membros da família têm de bater para entrar.

- **Microcategoria – Uso do telefone**

13- Controlo as horas que meu filho(a) passa ao telefone falando com amigos.

Macrocategoria – Mundo Social

Nesta macrocategoria encontram-se as questões que dizem respeito às fronteiras extra-familiares e que começam a ser vividas de forma mais intensa com a entrada do filho na

adolescência. As atividades descritas nessa macrocategoria extrapolam o âmbito doméstico e passam ao âmbito social. Estão incluídas nessa macrocategoria questões que concernem a dormir fora, amizades, dirigir carro, sair à noite, festas, festas e álcool, estudo e escola, e ficar.

- **Microcategoria – Dormir fora**

- 4) Meu filho(a) dorme fora de casa em dias da semana.
- 5) Meu filho(a) só dorme fora de casa em finais de semana.
- 21) Meu filho(a) pode passar a noite fora de casa, desde que ligue e informe onde está.

- **Microcategoria – Amizades**

- 9) Conheço todos os amigos do meu filho(a).
- 10) Todos os amigos do meu filho(a) freqüentam a nossa casa.
- 11) Meu filho(a) escolhe as suas amizades e não interfiro nas suas amizades.
- 12) Escolho as amizades de meu filho(a).

- **Microcategoria – Dirigir carro**

- 14) Meu filho(a) só vai dirigir o carro dos pais com 18 anos quando tiver tirado a carteira de motorista.
- 15) Meu filho(a) dirige o carro dos pais.

- **Microcategoria – Sair à noite**

- 16- Meu filho(a) pode sair à noite desde que volte na hora marcada.
- 17 - Sempre que meu filho(a) sai à noite vou pegá-lo nos locais.
- 18- Quando meu filho(a) sai à noite volta com amigos ou arruma como e com quem

voltar.

- **Microcategoria – Festas**

19- Quando meu filho(a) volta das festas costumo estar acordado(a).

- **Microcategoria – Festa/Álcool**

32- Temo que meu filho(a) beba muito nas festas.

33) Proíbo meu filho(a) de ir a festas onde sei que servirão bebidas alcoólicas à vontade.

36) Proíbo meu filho(a) de ir às festas em lugares que não conheço.

- **Microcategoria – Escola/Estudo**

28) Tenho sempre que mandar meu filho(a) estudar e ainda verificar se ele faz as atividades ou não.

29) Tenho sempre que verificar se meu filho(a) faz ou não as atividades escolares.

31) Quando meu filho(a) diz que está sendo marcado pelo professor vou à escola tomar satisfações.

- **Microcategoria – Ficar**

34) Acho normal e até saudável que o meu filho(a) "fique com" alguém.

35) Prefiro que meu filho namore com alguém do que ande "ficando" por aí.

Macrocategoria – Tomada de decisões

Essa macrocategoria aborda questões de tomadas de decisões que encontram-se muito ligadas a construção da autonomia, processo que se intensifica com a entrada dos filhos na

adolescência. Envolve escolhas pessoais e tomadas de decisões.

- **Microcategoria – Escolha Pessoal**

22) Meu filho(a) escolhe as suas roupas com a minha orientação

23) Meu filho(a) escolhe as suas roupas dentro do meu orçamento.

24) Meu filho(a) pode usar as suas roupas do jeito que quiser.

- **Microcategoria – Tomada de decisões**

45) Acho que meu filho(a) deve participar de todas as festividades e reuniões familiares: batizados, festas de aniversário, ou rituais familiares como almoço de domingo, mesmo que não queira participar.

46) Considero que meu filho(a) já tenha responsabilidade para tomar decisões sobre a sua vida, sem precisar me comunicar.

47) Meu filho faz tudo como eu digo para ele(a) fazer.

Macrocategoria – Comunicação intrafamiliar

Essa macrocategoria diz respeito aos padrões de comunicação estabelecido entre os membros da família, seja abordando questões do dia-a-dia, como forma de acompanhar o desenvolvimento dos filhos ou também para levar em consideração a opinião do outro em assuntos familiares.

- **Microcategoria – Diálogo**

20) Quando meu filho(a) volta das festas costumo estar acordado(a) e converso com ele sobre a festa.

30) Meu filho(a) não me fala os fatos do seu dia-a-dia escolar, suas notas e ocorrências, se não vou à escola não sei o que está acontecendo com ele.

37) Falo abertamente sobre sexo com meu filho(a).

38) Falo abertamente sobre drogas com meu filho(a).

48) Mantenho um diálogo aberto com meu filho(a), converso com ele sobre qualquer assunto.

52) Em nossa família nós prestamos atenção uns aos outros e escutamos o que se diz.

54) Todos dão a sua opinião quando se fazem planos na família.

Macrocategoria – Relacionamento familiar

As questões abordadas nessa macrocategoria procura compreender como a relação familiar é estabelecida entre os indivíduo do sistema familiar. É composta por apenas pela microcategoria relação familiar.

- **Microcategoria – Relação familiar**

44) Sempre tomo as decisões em relação à educação do meu filho(a) em comum acordo com o meu(inha) esposo(a).

50) Os membros de nossa família preferem fazer as coisas com outras pessoas a fazê-las juntos.

51) Uma pessoa controla e lidera a nossa família.

53) Os membros de nossa família se tocam e se abraçam uns aos outros.

55) A maioria dos melhores momentos do meu filho(a) ocorre em família.

Macrocategoria – Práticas Educativas

Essa macrocategoria engloba questões sobre como a família lida com os adolescentes e o uso do dinheiro, como são estabelecidas as regras e os limites na educação dos filhos e se os valores e a educação recebida pelos pais na sua juventude permeia a forma como a educação é repassada atualmente.

- **Microcategoria – Dinheiro**

25) Meu filho(a) recebe mesada.

26) A mesada de meu filho(a) é estipulada por nós (pais e filho) em conjunto.

27) Mesmo dando mesada a meu filho(a) sei em tudo o que ele gasta o dinheiro dele(a).

- **Microcategoria – Limites na educação**

39) Mudo as regras que imponho ao meu filho(a) sempre que ele questiona.

40) Imponho limites ao meu filho(a).

41) Sinto-me contraditório e confuso em relação a maneira de educar meu filho.

43) Leio, me informo, converso com educadores sobre a educação dos meus filhos meus filhos.

56- Trato meu filho (a) como se ele fosse menor do que é.

- **Microcategoria – Transgeracionalidade**

42) Dou a meu filho a mesma educação que recebi.

Macrocategoria – Grau de liberdade

Nesse agrupamento investigamos qual o grau de liberdade que os pais pensam que os filhos devem ter e o que os filhos acham que deveriam receber dos pais. A questão também é ampliada para o grau de liberdade que deve ser dado ao adolescente em diferentes idades.

- **Microcategoria – Liberdade**

56) Indique numa escala de 1 a 10, o grau de liberdade que você considera que seu filho(a) deve ter.

57) De maneira geral, que número corresponderia ao grau de liberdade que você acha que o jovem deve ter: de 12 a 14 anos ____; de 14 a 16 anos ____; de 16 a 18 anos ____.

Dentro do estudo, ainda foi traçado um perfil socioeconômico dos participantes a partir da utilização de questionário autoaplicável com questões fechadas.

3.1.2 – Estudo Qualitativo

Após a análise quantitativa dos dados obtidos a partir dos questionários autoaplicáveis, as famílias foram classificadas como mais permissivas, menos permissivas e intermediárias, pontuando em maior ou menor grau na análise das macrocategorias. Esse resultado foi colhido tanto a partir da percepção de limites impostos aos filhos adolescentes pelos pais quanto das respostas dos filhos como recebendo mais ou menos limites. Tal categorização teve como objetivo inicial o aprofundamento do estudo junto a duas famílias – uma mais preocupada com os limites dados aos filhos e outra não tão preocupada com os

limites na educação dos filhos.

Essas famílias então, foram convidadas a participar de uma entrevista semi-estruturada. As questões abertas respondidas pelos sujeitos das famílias investigadas durante a entrevista e posteriormente transcritas literalmente, compuseram a parte qualitativa da pesquisa. As questões a seguir fizeram parte do roteiro onde as macrocategorias descritas anteriormente puderam ser aprofundadas. As respostas obtidas compuseram unidades de sentidos exploradas para análise do estudo.

Mundo Doméstico

Buscamos investigar o conceito que a família tem estabelecido como sendo limite e privacidade, de que forma que esses pilares são vividos na relação doméstica e quais são as áreas onde existem a possibilidade de surgimento de conflitos.

- O que você considera privacidade na sua família?
- Como é a sua relação com seus filhos no que diz respeito a privacidade na família?
- Quando foi que seus/suas filhos/filhas conquistou mais privacidade em sua casa? Como foi que você lidou com isso?
- Como é a sua relação com o namorado, ou 'ficante' de seus/suas filhos/filhas?
- Como são estabelecidos os horários (para dormir, acordar, fazer as refeições ...) na sua família?
- Qual é a participação de seus filhos na hora da família tomar decisões?

Mundo Social

Nesse agrupamento tentamos aprofundar como ocorreu a permeabilidade das fronteiras, quando os filhos estendem as relações intrafamiliares e passam a vivenciar com muito mais assiduidade o mundo extrafamiliar. O objetivo dessa macrocategoria é compreender de que forma os limites são trabalhados quando os pais não estão junto aos filhos e quais são as dificuldades vividas pelos pais nesse período de maior conquista da autonomia do(a) filho(a) adolescente.

- Quando seu/sua filho/a começou a sair de casa sem os pais?
- Como é a sua relação com os amigos de seus filhos?
- Qual é o papel da relação com os amigos na vida de seu/sua filho/a?
- Seu/sua filho/a sabe dirigir?
- Como são as saídas de seus filhos para festas?
- Como você reage ao fato de nas festas servirem bebidas alcoólicas?
- Quando seu/sua filho/a começou a ficar, a namorar, como você reagiu?
- Como você administra a vida escolar de seu/sua filho/a? Sempre foi assim?

Tomada de Decisões

A fase da adolescência se caracteriza como sendo o início do período onde o indivíduo constrói mais fortemente a sua autonomia e as tomadas de decisões são defendidas como forma de delimitar seu espaço.

- Quais são as decisões que seu/sua filho/a pode tomar sozinho?
- Em que tipo de decisões você acha que seu/sua filho/a deve lhe consultar ou buscar orientação?

Comunicação Intrafamiliar

A comunicação é considerada parte fundamental na relação familiar e consequentemente no estabelecimento dos processos educativos. Através das questões seguintes procuramos conhecer a dimensão da comunicação entre pais e filhos e a vivência dos limites.

- Quando seu/sua filho/a quer algo (comprar ou ter a permissão para fazer) de que forma ele se comporta?
- Como assuntos como drogas e sexo são discutidos na sua família?
- Como você considera o dialogo entre você e seu/sua filho/a?
- Como seu/sua filho/a se coloca quando limites são impostos?

Relacionamento Familiar

Nessa macrocategoria, buscamos conhecer como os membros da família percebem a interação familiar de um modo geral e no que concerne à questão do estabelecimentos de limites.

- Como você entende o relacionamento entre os membros da sua família?
- O que mudou na forma de vocês se relacionarem com a entrada do seu/sua filho/a na adolescência?
- Há alguma situação ou decisão que seu filho não permite a interferência de vocês?

Grau de Liberdade

Na adolescência a conquista da liberdade é amplamente desejada pelos jovens. É nesse momento que os limites passam a ser testados pelos jovens e apresentados como desafios para os pais.

- Como você avalia a liberdade que seu/sua filho/a tem hoje?

Práticas Educativas

O processo educativo permeia toda relação pais e filhos desde os primeiros contatos. A forma como as regras e os padrões de comportamento são vivenciados no cotidiano da família foram aprofundadas através das seguintes questões:

- Como são estabelecidos os limites na sua família?
- Como você percebe a educação que você dá ao seu/sua filho/a quando compara com os colegas da mesma idade?
- Como a sua relação com seu/sua filho/a se compara à relação que vocês tiveram com seus pais na adolescência?

3.2 – Local da Pesquisa

A pesquisa foi realizada em colégio da rede particular de ensino da cidade de Fortaleza, com alunos entre 12 e 16 anos, e seus pais. A escolha de tal instituição se deu por esta ter como sua maior clientela a classe média e alta da cidade de Fortaleza, foco do estudo

proposto.

Os questionários autoaplicáveis do estudo foram enviados aos pais, em envelope lacrado, através de mediação do Serviço de Orientação Educacional e Psicológica (SOEP). Quando respondidos individualmente pelos cuidadores e devolvidos ao setor da escola, os filhos e filhas adolescentes respondiam, em área privada da escola, seus questionários correspondentes.

As entrevistas, no segundo momento da pesquisa, com as duas famílias foram realizadas nas residências das mesmas, por escolha destas. Pais e adolescentes foram entrevistados separadamente para que as respostas fossem espontâneas e não sofressem qualquer tipo de influência.

3.3 – Amostra Estudada

Os participantes da pesquisa foram pais e filhos adolescentes entre 12 e 16 anos. A escolha da faixa etária foi fundamentada na legislação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), LEI 8.069/1990 de 13 de julho de 1990, que versa em seu Artigo 2º sobre adolescência que “considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade”. Consideramos que a vivência de limites aos 17 e 18 anos já encontra-se bastante sedimentada, portanto a decisão de não incluir filhos nessas idades.

O universo do estudo foi determinado a partir do número de alunos da instituição que se encontravam dentro da faixa etária a ser pesquisada, de onde então foi retirada a amostra. A população dentro da faixa etária estabelecida na instituição no período da coleta de dados,

foi constituída de aproximadamente 332 estudantes. A amostra foi definida com a utilização da fórmula a seguir, aplicada ao universo de jovens da escola. Para esse cálculo do tamanho da amostra fixou-se P em 50%, haja vista que esse valor implica em tamanho máximo de amostra. Fixou-se o nível de significância de 5% ($\alpha = 0,05$) e um erro amostral relativo de 10% (erro amostral absoluto = 5%). Esses valores aplicados na fórmula abaixo, indicada para populações finitas ($N = 332$), proporcionou uma amostra de tamanho “n” igual 178.

$$n = \frac{z_{5\%}^2 \times P \times Q \times N}{e^2(N-1) + z_{5\%}^2 \times P \times Q}$$

O retorno dos questionários enviados, mesmos após várias tentativas de aumentar a participação, foi menor do que o esperado. Por fim, os dados submetidos à análise estatística correspondem a 32 famílias, sendo 55 cuidadores (31 mães e 24 pais) e 32 filhos (19 meninas e 13 meninos).

3.4 – Critérios de Inclusão

Os sujeitos participantes do estudo foram pais e filhos adolescentes entre 12 e 16 anos, membros de uma mesma família, entendendo esta como sendo uma unidade de convivência composta por um casal heterossexual e com, pelo menos, um (a) filho (a), todos vivendo sob o mesmo teto, não importando se os pais são casados ou não, a idade que tenham e o fato de terem ou não outros filhos. Compreendemos que atualmente a família existe em diversas configurações e seu conceito é bastante amplo. No entanto, ao realizar a pesquisa é necessário delimitar a amostra para considerar o contexto das relações e dos processos de desenvolvimento dos indivíduos. O trabalho com as diferentes configurações familiares

reconhecidas na contemporaneidade demandaria um extenso período e recursos não disponíveis para o presente estudo.

Os questionários foram enviados às famílias que se enquadraram dentro da amostra da pesquisa, acompanhados de carta convite e do termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE). O Serviço de Orientação Educacional e Psicológica (SOEP) facilitou o acesso da pesquisadora às turmas e mediou os contatos iniciais com os adolescentes. A escolha dos 178 adolescentes, que levaram os questionários lacrados aos pais, foi feita de forma aleatória após a pesquisadora, em visita às salas de aula, expor o estudo e perguntar quem gostaria de participar da mesma. Após o retorno dos questionários respondidos pelos pais em casa, e com o TCLE assinado, filhos e filhas então responderam ao questionário autoaplicável na escola, em ambiente privado.

Para o estudo qualitativo, duas famílias seriam convidadas a participar de entrevista semi-estruturada com o objetivo de aprofundar o estudo sobre a percepção de limites. Essas famílias emergiriam do estudo quantitativo classificadas nos pólos extremos da pesquisa como mais permissiva e menos permissiva a partir da pontuação das macrocategorias.

3.5 – Procedimentos

As entrevistas com os 6 sujeitos, membro das duas famílias, foram conduzidas pela pesquisadora que fez uso de um roteiro semi-estruturado e aparelho gravador para registrar fielmente as conversas e pontuações feitas. Nesse momento, mais uma vez os aspectos éticos foram explanados e foi oferecida a oportunidade de esclarecimento de qualquer dúvida relativa à etapa anterior da pesquisa.

Posteriormente as gravações foram transcritas literalmente cuidando para que as falas dos pesquisados não sofressem nenhum tipo de modificação. O planejamento da entrevista foi seguido, sem que o roteiro no entanto engessasse as possibilidades de novas reflexões tanto por parte dos entrevistados quanto da pesquisadora.

3.6 – Aspectos éticos

O estudo obedeceu todas as normas éticas no que se refere a pesquisa envolvendo seres humanos, de acordo com a resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, tendo sido aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade de Fortaleza. A participação na pesquisa foi voluntária e não remunerada.

Os sujeitos da pesquisa, contactados através do intermédio da escola (local da pesquisa), aceitaram participar do estudo assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. As famílias participantes tiveram garantido, a qualquer tempo, o acesso às informações sobre procedimentos e benefícios relacionados à pesquisa, inclusive para dirimir eventuais dúvidas, liberdade de retirar o seu consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo, sem que isto lhes trouxesse qualquer prejuízo. Todos os sujeitos tiveram assegurados a confidencialidade, sigilo e privacidade de todos os dados coletados, assim como a garantia de encaminhamento da pesquisadora e sua orientadora à serviços especializados caso expressassem a necessidade de acompanhamento profissional por conta de quaisquer desconforto ocasionado pela participação no estudo.

3.7 – Análise dos resultados

3.7.1 – Análise dos resultados quantitativos

Para a análise dos resultados quantitativos fizemos inicialmente uma descrição dos dados sócio demográficos das famílias.

A comparação das vivências de limites entre pai, mãe, filho ou filha foi feita por meio do teste não paramétrico de Kruskal-Walis para análise das variáveis. Em se apresentando significância estatística, empregou-se o teste de Conover-Inmar para serem realizadas as comparações múltiplas. Foram consideradas como estatisticamente significante as análises com $p < 0,05$. Os dados foram processados no SPSS versão 14.0.

Comparamos dentro das macro e microcategorias propostas, os dados gerados pelas respostas de pais, mães e filhos ou filhas calculando médias e desvios padrão para obtenção de referências das percepções dos sujeitos quanto às questões abordadas. Quando o valor de p se mostra menor do que 0,05, então pelo menos um par de médias difere. Nesses casos, fez-se, a seguir, o teste de Tukey, para saber quais pares diferem.

Como a amostra final ficou menor do que a esperada para a pesquisa não foi possível fazer análise com distinção de gênero, tendo os adolescentes sido colocados como filho/filha nas análises das respostas. As famílias foram aceitas sendo compostas de pai, mãe e filho/filha ou apenas de pai ou mãe e filho/filha. No entanto, não foi avaliada a questão da composição familiar.

3.7.2 – Análise dos resultados qualitativos

A análise qualitativa da pesquisa foi feita a partir das entrevistas realizadas com as duas famílias, compostas por pai, mãe e filho/filha, que após serem gravadas, transcritas e lidas, compuseram diagrama de significação com redução das falas apresentadas dentro do mesmo significado. As famílias foram identificadas como 1 (mais preocupadas com os limites) e 2 apenas (moderadas quanto aos limites impostos) para referência de identificação.

3.8 – Dificuldades da pesquisa

Durante a realização da pesquisa com as famílias, surgiram algumas dificuldades. A escola facilitou nosso contato com os alunos nos acompanhando em visitas às salas de aula mas não foi possível acessar pessoalmente os pais dos adolescentes nesse primeiro momento. O contato com os cuidadores só aconteceria após a resposta dos mesmos, através da devolução dos questionários, um deles contendo os dados da família, e a assinatura do TCLE.

O retorno dos 178 questionários enviados ficou muito abaixo do esperado. Na carta convite foi explicitado que os cuidadores teriam uma semana para devolver os envelopes com o material assinado e todas as questões respondidas. No entanto, ao final do prazo, apenas 08 questionários haviam sido devolvidos, 05 deles com algumas respostas não marcadas. Foram necessários vários contatos com a escola, que além de nos possibilitar o retorno às turmas para mais uma vez conversar com os alunos, enviou lembretes às famílias. A pesquisadora

também enviou notas aos responsáveis lembrando sobre a pesquisa.

Em sua grande parte, as famílias não devolveram os questionários e não justificaram a não devolução, 2 devolveram em branco e 32 famílias, totalizando 55 cuidadores, responderam e assinaram o TCLE. Alguns alunos comentaram que os pais haviam esquecido ou pensado já ter entregue os pacotes à escola, no setor responsável pela coleta. O prazo de entrega foi assim estendido, o que no total resultou em 07 semanas. Com o recebimento dos 55 questionários, referentes à 32 famílias, e nenhum retorno após o prazo de devolução haver sido estendido por uma semana adicionado à aproximação do período de provas finais e encerramento das atividades escolares, entendemos que a coleta dos dados havia chegado ao fim.

Foi preciso no entanto, agora com contato direto com os pais, ligar para 18 responsáveis para que estes respondessem questões que haviam sido deixadas em branco. Todos foram receptivos ao contato. Três cuidadores não responderam o verso do questionário II e foi preciso enviá-lo de volta (um através do filho e dois pertencentes à mesma família deixados direto na residência) para que pudesse ser finalizado.

Já no segundo momento, o convite a participar da entrevista foi recusado pelas 5 famílias consideradas mais permissivas. Uma alegou problemas de saúde do pai, 2 pediram pra pensar à respeito e não responderam mais às tentativas de contato e 2 nunca estavam disponíveis ao contato da pesquisadora ou retornaram o pedido de contato.

IV – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

“Ao final de nossas longas explorações, chegaremos finalmente ao lugar de onde partiremos ao conhecermos então pela primeira vez”.

T. S. Eliot

4.1 – Perfil socioeconômico das famílias participantes do estudo

Participaram do estudo um total de 32 famílias, sendo 31 mães, 24 pais e 32 adolescentes. A seguir, apresentamos algumas características das famílias participantes agregadas a partir do questionário socioeconômico preenchido pelos sujeitos da pesquisa. A amostra foi constituída por jovens de 12 a 16 anos e seus pais.

Tabela 1- Características socioeconômicas das famílias participantes do estudo.

Variáveis	No	%
Posição na família		
Pai	24	75,0
Mãe	31	96,8
Filhos	32	100,0
Idade dos pais		
35 a 40	3	
41 a 46	9	Idade mínima = 37
47 a 52	9	Idade máxima = 56
53 a 57	3	Média = 46,5 anos
Idade das mães		
35 a 40	12	
41 a 46	11	Idade mínima = 35
47 a 52	7	Idade máxima = 57
53 a 57	1	Média = 46 anos
Idade dos filhos		
12	9	28,12
13	7	21,87
14	4	12,5
15	9	28,12
16	3	9,37
Escolaridade do pai		
Ensino fundamental	-	
Ensino médio	3	12,5
Ensino superior incompleto	4	16,66
Ensino superior completo	17	70,83
Escolaridade da mãe		
Ensino fundamental	1	3,22
Ensino médio	1	3,22
Ensino superior incompleto	1	3,22
Ensino superior completo	28	90,32
Renda familiar (S. M.*)		
1 a 8	8	25,0
9 a 15	6	18,75
16 a 30	12	37,5
31 a 40	6	18,75

4.2 – Análise dos resultados quantitativos

4.2.1– Os limites percebidos no mundo doméstico

A análise da macrocategoria mundo doméstico propõe expor de que forma os membros das famílias pesquisadas percebem as interações no ambiente do lar. A macrocategoria é composta por 4 diferentes áreas da vivência cotidiana na relação de pais e filhos adolescentes.

Tabela 2 - Limites no mundo doméstico

MACROCATEGORIA MUNDO DOMÉSTICO	Média± DP	Média± DP	Média± DP	Teste ρ
	PAI	MÃE	FILHO/FILHA	
		43,9 ± 9,88	49,6 ± 13,4	43,7 ± 11,7
MICROCATEGORIAS				
• Horário de dormir e acordar	73,9 ± 14,7	80,1 ± 12,4	1,2 ± 16,3	0,65
• Namoro e Intimidade	12,1 ± 17,6	20,0 ± 18,1	20,6 ± 18,0	0,91
• Privacidade	18,2 ± 34,7	43,9 ± 33,8	50,0 ± 34,1	0,72
• Uso do telefone	16,5 ± 35,6	46,5 ± 37,0	36,6 ± 36,9	0,50

Na macrocategoria do mundo doméstico não foram identificadas significativas diferenças entre pai, mãe e filho(a) ($\rho=0,12$). De um modo geral as diferenças no modo de pensar dos membros das famílias não são extremas. Podemos observar que o grupo mãe tende a pensar que impõe mais limites ao filho(a) quanto aos horários de dormir e acordar. Por outro lado, o pai é mais reticente quando o assunto é namoro e intimidade em casa e menos preocupado quanto à privacidade.

No que diz respeito ao uso do telefone, os filhos em média, demonstram que os pais não controlam o tempo de conversa com os amigos no telefone, enquanto que pai e mãe pensam impor limites aos adolescentes no que diz respeito ao tempo de uso do aparelho (médias respectivas de 36,6, 46,5 e 46,5). No entanto essa diferença entre filho, pai e mãe não tem significância estatística ($p=0,50$).

A seguir, as microcategorias são apresentadas em detalhes comparando a vivência de limites percebida pelos membros da família, tendo sido o pai identificado como grupo 1, mãe grupo 2 e adolescentes grupo 3. As análises comparativas foram feitas utilizando-se do teste não paramétrico de Kruskal-Wallis e em caso de significância estatística, o teste de Conover-Inman foi empregado para que fossem realizadas as comparações múltiplas entre os grupos determinando quais diferem entre si.

Tabela 3 – Microcategorias do Mundo doméstico

Horário de dormir/acordar		Mediana dos Grupos			
Variáveis	Pai (1)	Mãe (2)	Filho/Filha (3)	ρ	dif.
V. 1	3,74	4,07	3,43	0,042	2 e 3
V. 2	4,52	4,55	3,97	0,017	2 e 3
V. 3	3,61	4,00	4,21	0,114	- -
Namoro e intimidade em casa		Mediana dos Grupos			
Variáveis	Pai (1)	Mãe (2)	Filho/Filha (3)	ρ	dif.
V. 6*	1,17	1,28	1,10	0,48	- -
V. 7*	1,17	1,38	1,03	0,20	- -
Privacidade		Mediana dos Grupos			
Variáveis	Pai (1)	Mãe (2)	Filho/Filha (3)	ρ	dif.
V. 8*	2,13	2,76	3,00	0,05	1 e 3
Uso do telefone		Mediana dos Grupos			
Variável	Pai (1)	Mãe (2)	Filho/Filha (3)	ρ	dif.
V. 13	2,86	2,86	2,47	0,50	- -

É possível observar, ao detalhar as microcategorias, que apenas duas questões apresentam significância estatística em todo agrupamento das questões que permeiam o cotidiano das famílias pesquisadas. Esse resultados, no entanto, não foram suficientes para causar significância estatística na macrocategoria

Nas variáveis 1 e 2 da microcategoria horário de dormir e acordar, a diferença ocorre entre as percepções de mãe e adolescentes ($p= 0,042$) no que diz respeito aos horários de dormir e acordar e na determinação desses horários em noites que antecedem dias de aula ($p=0,017$). Nas entrevistas com as famílias o que foi observado é que as mães dizem que determinam sim os horários, já os filhos defendem que já desenvolveram tal responsabilidade e por isso não precisam mais que a regra seja imposta.

Dormir cedo, minha mãe não é bem que põe um limite. Ela aconselha pra dormir cedo, que amanhã tem aula e tudo, e eu, entendo isso. Eu durmo porque eu tenho consciência de que preciso dormir. (Filho família 1, 13 anos).

É, de dormir eu tenho a minha (rotina). Quando eu era menor, tinha. Agora já não precisa. Sei que tenho de acordar no outro dia e não posso estar cansada. (Filha família 2, 16 anos).

No processo de desenvolvimento do adolescente é importante que ele incorpore e tome para si algumas responsabilidades. Faz parte da conquista da autonomia que pais e filhos dividam certas atividades do dia-a-dia e que seja delegada ao jovem o cumprimento de determinadas tarefas. Esse processo é progressivo e se inicia com pequenas atribuições (Teles, 2001).

Nas questões pertinentes ao namoro e intimidade em casa, o resultados não apresentaram variações entre os grupos. O que mostra que no espaço doméstico, a relação do adolescente com o(a) namorado(a) é moderada pelo estabelecimento de limites bem definidos pelos cuidadores e percebida da mesma forma pelos filhos. Há portanto uma equivalência de comportamentos no que concerne à microcategoria.

Observamos que os limites estabelecidos no tocante à privacidade no espaço da casa é moderado mas que pai e filhos diferem ($p=0,05$) quanto à percepção das regras que cobrem a questão. O pai tende a permitir um nível menor de privacidade aos adolescentes enquanto as respostas da mãe e filhos apresentam uma maior aproximação. Esse posicionamento fica bem claro na entrevista com as famílias.

Ele tem a privacidade do quarto dele. Ele tá de porta fechada, eu bato na porta. (Mãe, família 1)

É... Mas ele não tem privacidade nenhuma que não seja vigiada constantemente, tá? Ele não tá com idade suficiente pra ter privacidade aberta, escancarada. Você abre uma porta, mas não escancara, deixa ela aberta, mas ele sabendo que ele pode ser vigiado constantemente. (Pai, família 1)

Já quanto ao uso do telefone, as respostas entre os sujeitos não apresentaram variações e foram consideradas não significantes ($p=0,50$). Pode-se considerar que a posição sócio-econômica que as famílias ocupam tenha uma relação com o fato dos responsáveis pesquisados não estabelecerem limites no tempo que os jovens passam ao telefone conversando com seus amigos.

Nas atividades do dia-a-dia, ou no contingente do mundo doméstico, existem etapas estabelecidas na vida de cada membro da família. Essas etapas são vivenciadas na relação entre pais e filhos e devem ser ancoradas em regras pré-estabelecidas, claras e consistentes (Ellis,1995). O cotidiano da relação familiar é primordialmente o espaço onde o processo educativo se desenvolve e esse é fundamentalmente encaminhado pelos pais.

4.2.2 - Vivência de limites no mundo social

O mundo social é caracterizado pela ultrapassagem das fronteiras intrafamiliares chegando aos espaços extrafamiliares. Nessa macrocategoria foram abordadas as saídas para dormir fora ou ir às festas, amizades, relação com a escola, ‘ficar’ e outras situações que se passam no mundo além da casa.

Tabela 4 - Limites no mundo social

MACROCATEGORIA	Média± DP	MÉDIA± DP	MÉDIA± DP	Feste ρ
	PAI	MÃE	FILHO/FILHA	
MUNDO SOCIAL	43,2 ± 6,3	46,7 ± 9,3	49,4 ± 12,3	0,95
MICROCATEGORIAS				
• Dormir fora	18,8 ± 12,3	24,4 ± 22,3	38,6 ± 20,7	0,001
• Amizades	41,5 ± 15,7	47,0 ± 14,3	54,5 ± 49,8	0,31
• Dirigir	46,1 ± 12,7	49,5 ± 12,9	41,2 ± 13,1	0,05
• Sair à noite	56,8 ± 15,6	60,9 ± 18,7	63,3 ± 13,2	0,36
• Festa	66,3 ± 34,2	75,0 ± 34,0	64,6 ± 27,9	0,42
• Festa e Álcool	48,9 ± 26,0	51,2 ± 30,8	37,9 ± 25,5	0,15
• Escola e estudo	40,9 ± 24,6	44,8 ± 22,6	33,6 ± 24,2	0,19
• Ficar	47,8 ± 22,1	47,8 ± 25,6	73,3 ± 19,6	<0,0001

O resultado da macrocategoria de um modo geral não apresenta significância ($p=0,95$). No entanto, três microcategorias pertencentes a sua composição mostraram resultados diferentes entre a percepção dos envolvidos no estudo.

Quando o assunto é dormir fora, o pai afirma não permitir que os jovens tenham tanta liberdade. Os limites impostos pela mãe são mais intermediários, mas os filhos se percebem como sujeitos com permissão para mesmo durante a semana passar a noite na casa de amigos ($p= 0,01$). Assim sendo, percebe-se que as regras nesse âmbito estão confusas ou não foram fixadas de forma que todos possam compreender o que é permitido ou não. De acordo com Maldonado (1997) é comum os pais se sentirem confusos muitas vezes ao estabelecer as regras no relacionamento com os filhos, no entanto isso só possibilita o surgimento de situações estressoras à medida em que não se sabe ao certo quais são as diretrizes que circundam os espaços, tanto dos adolescentes quanto de pais e mães.

No que se trata das amizades tidas pelos jovens, a percepção dos membros da família é semelhante e não qualifica significância estatística ($p= 0,31$). O mesmo acontece no quesito sair à noite ($p=0,36$) e ida à festas ($p=0,42$) que também não registram tal significância.

No que concerne à festa/álcool e escola/estudo as variações de resultados não são significantes estatisticamente mas ocorre uma maior disparidade de resultados. Pai e mãe afirmam impor limites quanto à saída para festa em locais que eles não conhecem ou sabem haver consumo de bebida alcoólica, e se acham presentes nas atividades escolares dos filhos. Os filhos por sua vez, percebem os pais não tão presentes nas decisões pertinentes às tais áreas do mundo social.

No entanto, na microcategoria ‘dirigir’, as percepções de pais e adolescentes indicam uma grande variação. No que se refere aos filhos dirigirem o carro dos pais atualmente ou fazê-lo apenas ao completar 18 anos, os adolescentes afirmam receber permissão para

conduzir o automóvel enquanto os responsáveis dizem não permitir tal comportamento ($p=0,05$). Percebe-se ainda, que o pai impõe menos limites que a mãe nessa questão.

Já no que diz respeito à ‘ficar’, termo usado pelos adolescentes para descrever relações afetivas passageiras e descompromissadas, pai e mãe diferem totalmente dos jovens ($p<0,0001$). Os pais preferem que os filhos mantenham relacionamentos estáveis e comprometidos enquanto os adolescentes indicam considerar normal e até saudável o envolvimento afetivo esporádico e temporário. Muitas vezes, os adolescentes preferem nem contar que estão ‘ficando’ e esperam para comunicar apenas quando vivem um relacionamento mais sério.

Primeiro eu fiquei, mas só contei quando já tava namorando. (Filha família 2, 16 anos)

Na adolescência, a família que até então era tida como o mais forte núcleo de relações do filho começa a perder espaço para as relações com os amigos e os eventos sociais. Na busca da sua identidade o adolescente testa possibilidades e se expõe às vivências exteriores, chegando às vezes a negar os valores familiares e quase tudo o que o remete à identidade construída até então. É comum nesse período o jovem contestar os valores familiares e as regras impostas pelos pais na tentativa de se identificar por si só, sem o referencial que lhe foi atribuído até então pelos pais e relações familiares. No entanto são os valores e normas sedimentados nos primeiros anos de interação que vão permear as decisões ao longo da vida.

A macrocategoria mundo social, foi uma das que apontou maior diferença entre as percepções de pais e filhos. O que reforça a teoria de que à medida em que os adolescentes vão conquistando mais espaço ‘extra domínio dos pais’ mais eles procuram diferenciar-se

construindo suas próprias formas de agir. Podemos observar a seguir os resultados das microcategorias que compõem o mundo social.

Tabela 05 - Microcategorias pertencentes ao mundo social.

Dormir fora					
Mediana dos Grupos					
Variáveis	Pai (1)	Mãe (2)	Filho/Filha (3)	ρ	dif.
V. 4*	1,17	1,45	1,73	0,07	--
V. 5	2,35	2,62	3,10	0,18	--
V. 21*	1,74	1,86	2,80	0,011	1 e 3; 2 e 3
Amizades					
Mediana dos Grupos					
Variáveis	Pai (1)	Mãe (2)	Filho/Filha (3)	ρ	dif.
V. 9	3,17	3,66	3,50	0,19	--
V. 10	3,04	3,21	2,83	0,35	--
V. 11*	2,78	2,76	3,80	0,002	1 e 3, 2 e 3
V. 12	1,65	1,93	2,72	0,09	--
Dirigir					
Mediana dos Grupos					
Variáveis	Pai (1)	Mãe (2)	Filho/Filha (3)	ρ	dif.
V. 14	4,39	4,79	4,00	0,005	2 e 3
V. 15	1,30	1,18	1,30	0,55	--
Sair à noite					
Mediana dos Grupos					
Variáveis	Pai (1)	Mãe (2)	Filho/Filha (3)	ρ	dif.
V. 16	3,48	3,93	3,68	0,27	--
V. 17	3,91	4,38	3,90	0,11	--
V. 18*	2,43	2,00	3,07	0,002	2 e 3
Festa					
Mediana dos Grupos					
Variável	Pai (1)	Mãe (2)	Filho/Filha (3)	ρ	dif.
V. 19	3,65	4,00	3,59	0,24	--
Festa/Álcool					
Mediana dos Grupos					
Variáveis	Pai (1)	Mãe (2)	Filho/Filha (3)	ρ	dif.
V. 33	2,26	2,28	2,27	0,83	--
V. 36	3,65	3,83	2,77	0,007	1 e 3; 2 e 3

Escola/Estudo		Mediana dos Grupos			
Variáveis	Pai (1)	Mãe (2)	Filho/Filha (3)	ρ	dif.
V. 28	2,65	3,03	2,48	0,29	--
V. 29	2,48	2,52	2,03	0,30	--
V. 31	2,65	2,31	2,27	0,57	--
Ficar		Mediana dos Grupos			
Variável	Pai (1)	Mãe (2)	Filho/Filha (3)	ρ	dif.
V. 34*	2,35	2,41	3,73	0,001	1 e 3; 2 e 3
V. 35	3,48	3,41	4,13	0,06	--

Em relação à microcategoria amizades, pais, mães e adolescentes têm percepções semelhantes a não ser pela variável (11) que discute a interferência dos responsáveis na escolha dos amigos por parte dos jovens ($\rho=0,002$). Pais e mães afirmam que adotam limites e interferem na relação dos filhos(as) com os amigos. Os filhos no entanto, dizem ter liberdade para escolher aqueles que fazem parte do seu círculo de amizades.

Durante a adolescência, a escolha dos amigos é outra questão que muda na vida do indivíduo. Se na infância, suas amizades eram muito por conveniência das relações sociais dos pais, nesse período esse aspecto muda. A escolha passa a fazer parte da construção da identidade e tem grande importância para o desenvolvimento do jovem. Segundo Tiba (1986), as exigências na escolha do amigo tem características de escolha afetiva e esse é tido como um ego-auxiliar. "Quanto melhor psiquicamente estiver o adolescente, mais facilidade ele terá para manter e ser o melhor amigo e simultaneamente ter a sua turma" (Tiba, 1986, p, 57).

No que diz respeito à dirigir antes de completar 18 anos, o grupo mãe demonstra impor limites mais fortes que o grupo pai. A significância estatística dos resultados ($\rho=0,005$) aponta que filho(a) e pai defendem a ideia do jovem poder conduzir automóvel antes da idade

considerada legal para obtenção da licença. No entanto, todos os grupos afirmam que os adolescentes atualmente não dirigem o carro dos cuidadores ($p=0,55$).

Observamos que quando nos referimos a sair à noite, pai, mãe e filho(a) tendem a se posicionarem de forma semelhante. Acontece diferença apenas na variável que discute com quem os filhos voltam pra casa após ida à festa ($p=0,002$). Os adolescentes afirmam que retornam com amigos ou encontram no local alguém com quem voltar. Pais e mães, dizem que buscam os jovens ao fim do evento. A resposta dos adolescentes, no entanto é contraditória com a variável (17) onde esses afirmam que pai ou mãe os buscam pessoalmente.

Os grupos apresentam proximidade de resultados quando o assunto é a ida dos jovens à festas em locais onde acontece consumo de bebidas alcoólica, já no que diz respeito à ida dos adolescentes à festa em locais que os pais não conhecem, pais e mães afirmam que colocam limites e não permitem a saída dos filhos(as). Os jovens, em contrapartida não percebem os limites impostos e indicam permissão dos pais ($p=0,007$).

No tocante à microcategoria escola/estudo, os resultados indicam uma relação bastante moderada no envolvimento dos pais e mães nessa área. Percebe-se que os adultos delegam responsabilidades aos filhos(as). Algumas falas coletadas nas entrevistas indicam esse comportamento.

Essas coisas do colégio, eu acho que a gente tem que interferir só em último caso, deixar que ele mesmo tome a iniciativa. Então, se ele está achando que a nota dele não correspondeu ao que ele fez, então ele que tem que ir lá. Não sou eu, nem a mãe dele que tem que ir lá brigar por ele. (Pai, família 1)

Quando tem alguma coisa errada na escola, ele contesta. Mas ele sempre me passa tudo. (Mãe, família 1)

É ela que tem os horários e os compromissos dela, ela que acorda. Ela tem um limite de faltas, sabendo utilizar, tudo bem. Essa é uma coisa em que eu não interfiro. Quero saber o que ela faz, do comportamento, da participação. Se ela vai ou não, ela que decide. Se vai só pra primeira aula, se não vai, ela liga “mãe, vem me buscar”. Quando ela quer sair, sai e pronto. Ela é quem decide. (Mãe, família 2)

4.2.3 - Vivência de limites na macrocategoria tomada de decisões

Analisamos a seguir os resultados obtidos na macrocategoria que trata da tomada de decisões no sistema familiar envolvendo escolhas e decisões no convívio de pais e filhos adolescentes.

Tabela 06 – Limites e tomada de decisões

MACROCATEGORIA TOMADA DE DECISÕES	Média± DP	MÉDIA± DP	MÉDIA± DP	Teste ρ
	PAI	MÃE	FILHO/FILHA	
		52,8 ± 13,5	54,3 ± 7,7	56,3 ± 10,5
MICROCATEGORIAS				
• Escolha pessoal	55,4 ± 15,8	52,3 ± 10,3	2,0 ± 15,9	0,15
• Tomada de decisões	50,3 ± 14,9	56,4 ± 10,7	50,8 ± 13,6	0,39

É possível observar que nas tomadas de decisões dos filhos, existe uma semelhança na forma de pensar de todos os grupos e o resultado não apresenta significância estatística

($p=0,50$). Em média, os filhos ($m=56,3$) percebem ter certa liberdade para fazer suas próprias escolhas e tomar decisões. Pai ($m=52,8$) e mãe ($54,3$) pensam estabelecer limites moderados nessa área.

De um modo geral, o resultado confirma a mudança na dinâmica da família contemporânea, que é cada vez mais democrática e permite a todos voz nas decisões tomadas pelo grupo. Segundo Pratta & Santos, (2007) essa característica da família moderna a mostra mais flexível para poder enfrentar e se adaptar às rápidas mudanças sociais inerentes ao momento histórico em que vivemos.

Os limites no entanto, não são totalmente frouxos. Há uma moderação e um equilíbrio entre o que os pais permitem e a percepção que os filhos adolescentes têm das escolhas que podem fazer quanto à forma de se vestir e às decisões de participar de eventos familiares. É percebido que as decisões são dialogadas e não impostas ou proibidas.

Ele tem todo direito de escolher. Se ele quiser sair com uma calça verde e a camisa azul, isso não, não... Eu não posso impedir, isso é uma coisa dele.
(Pai, família 1)

Acho que o diálogo deve haver em todas as decisões. Tudo é conversado, sabe? (Mãe, família 2)

Passamos a seguir a analisar as microcategorias de forma mais detalhada considerando os resultados dos grupos pesquisados e suas comparações.

Tabela 07 – Microcategorias pertencentes à tomada de decisões.

Escolha Pessoal		Mediana dos Grupos			
Variáveis	Pai (1)	Mãe (2)	Filho/Filha (3)	ρ	dif.
V. 22	2,87	3,28	2,90	0,45	--
V. 23	4,00	4,48	4,03	0,34	--
V. 24*	2,78	2,72	3,57	0,02	1 e 3; 2 e 3

Tomada de decisões		Mediana dos Grupos			
Variáveis	Pai (1)	Mãe (2)	Filho/Filha (3)	ρ	dif.
V. 45	4,13	4,10	3,77	0,62	--
V. 46	1,87	1,41	2,37	0,002	2 e 3
V. 47	3,04	3,11	2,93	0,70	--

Na microcategoria escolha pessoal, percebe-se semelhança entre as respostas dos grupos. No entanto, há variação de resultados na variável 24 ($\rho = 0,02$). Os filhos afirmam que a decisão quanto às roupas que usam cabe somente à eles. Pai e mãe demonstram que impõe limites e interferem na escolha do adolescentes quanto ao modo de se vestir.

No que trata da liberdade dos filhos de tomar decisões autonomamente, o resultado aponta diferença no modo de pensar em mãe e filhos ($\rho = 0,002$). O resultado do pai aponta que eles são mais permissivos nessa questão, enquanto o grupo mãe acredita que deve haver limites nas decisões que os jovens podem tomar sozinhos. Os filhos por sua vez, demonstram pensar de forma diferente, achando-se capazes de tomar decisões sem precisar comunicar aos pais.

A divergência de pensamento pode ser percebida nas falas dos entrevistados.

Eu acho (que posso tomar decisões sozinha). Não sei se eu estou pensando certo, mas eu acho. (Filha, família 2)

Acho que tudo o que acontecer com ela até os 18/19 anos é culpa da gente, em grande parte é culpa dos pais. Porque, depois disso, quando ela tiver 21/22 anos, a gente não vai estar ali. Se a pessoa depois mudar o caminho, você fala “já fiz tudo por ela, o que teve de fazer eu fiz”. (Mãe, família 2)

De acordo com Furtado e cols (2009), o processo de estabelecer limites, “embora seja difícil e desgastante, significa proteção e cuidado ao jovem que está buscando autonomia, mas ainda não tem maturidade para avaliar o que pode fazer sem correr riscos desnecessários. Essa tarefa, portanto, deve ser assumida pelos pais” (p. 51).

4.2.4 - Percepção de limites na comunicação intrafamiliar

A seguir prosseguimos à análise da comunicação intrafamiliar percebida por pais e adolescentes. A macrocategoria é composta de uma única microcategoria (diálogo) que abrange diversas variáveis.

Tabela 08 – Limites e comunicação intrafamiliar

MACROCATEGORIA COMUNICAÇÃO INTRAFAMILIAR	Média± DP	MÉDIA± DP	MÉDIA± DP	Teste ρ
	PAI	MÃE	FILHO/FILHA	
MICROCATEGORIA	61,9 ± 13,9	72,9 ± 14,0	61,7 ± 12,8	0,003
• Diálogo				

Observamos que a comunicação intrafamiliar é percebida de forma totalmente diferente por pai, mãe e filhos ($\rho=0,003$). Em média o grupo pai e o grupo de filhos aponta que há dificuldades no diálogo familiar (respectivamente $m=61,9$ e $m=61,7$). Já as mães, em média ($m=72,9$) afirmam que a comunicação na família é aberta.

A diferente forma de pensar dos membros da família é ilustrada através das falas dos sujeitos.

Têm coisas que eu não conto, não vou contar tudo. Tem gente que conta tudo. Mas eu não, só que converso sobre tudo com eles, e eles também. (Filha, família 2)

É bem natural (o diálogo), a gente conversa muito sobre tudo. Dentro de casa, sou descarada, pra falar a verdade, sou muito aberta. (Mãe, família 2)

De acordo com Maturana (2002), o mundo em que vivemos surge das comunicações que fazemos. Portanto, a comunicação estabelecida nas relações familiares dizem muito dos processos e interações vividos pelos indivíduos do sistema.

Passamos agora a analisar a microcategoria diálogo e suas variáveis.

Tabela 09 – Microcategoria pertencentes à comunicação intrafamiliar

Variáveis	Diálogo			Mediana dos Grupos	
	Pai (1)	Mãe (2)	Filho/Filha (3)	ρ	dif.
V. 20	3,09	3,96	3,17	0,01	2 e 3
V. 30	1,87	1,83	2,30	0,08	--
V. 37	3,04	3,93	2,70	<0,001	1 e 2; 2 e 3
V. 38	4,17	4,48	4,13	0,42	--
V. 48	3,96	4,48	3,93	0,03	2 e 3
V. 52	4,00	4,31	3,73	0,06	--
V. 54	4,22	4,52	4,33	0,41	--

A microcategoria diálogo apresenta uma série de variações no que trata das percepções dos grupos pesquisados. O que demonstra que ocorrem algumas falhas na comunicação entre pai, mãe e adolescentes.

Principalmente as mães diferem dos jovens no que diz respeito ao diálogo na relação. Elas afirmam conversar com os filhos quando esses retornam de festas, o que não é indicado pelos adolescentes ($\rho=0,01$). O pai, admite maior dificuldade de comunicação.

Já quando o assunto é falar sobre sexo com os filhos, pai, mãe e filhos apresentam grande diferença no resultado da questão ($\rho<0,001$). O diálogo que para os pais acontece, é percebido pelo filho como pouco. Já com relação à drogas, existe uma melhor comunicação entre os envolvidos no estudo.

Sempre falo mais sobre droga mesmo. Sexo, eventualmente eu falo alguma coisinha, mas só complemento. (Pai, família 2)

De drogas se fala muito, muito, muito. De sexo, minha mãe já falou bastante, hoje fala algo para eu não esquecer. (Meu pai) muito mais difícil. Essa parte fica quase em branco. Ele fala, mas é muito pouco, entendeu? (Filha, família 2)

Droga é sempre muito aberto. Mas sexo assim nunca teve essa conversa assim aberta não. Aí, eu sei mais... eu sei... pela vida. Eu aprendi mais no colégio assim. (Filho, família 1)

A dificuldade também se repete quando o assunto é a abertura de diálogo na família ($p=0,03$). Novamente, o pai e os filhos apontam a falta de fluência na comunicação enquanto a mãe entende manter um bom nível de conversa com o adolescente.

Segundo, Monteiro (2009), muitas vezes os pais confundem dialogar com dar sermão. O que acaba por afastar os filhos que não querem mais falar de sua vida. Eles assim, acabam se afastando e se fechando para a possibilidade de diálogo com os pais. Essa comunicação deve ser mantida sempre aberta para que os jovens encontrem na família, a possibilidade de esclarecer dúvidas e confidenciar problemas, o que acaba por criar laços de confiança muito mais estreitos.

4.2.5 - Vivência de limites no grau de liberdade

Na macrocategoria grau de liberdade, buscamos averiguar qual o nível de liberdade que os pais acham que os filhos devem ter, e o que pensa o jovem adolescente sobre a sua liberdade.

Tabela 10 – Limites e grau de liberdade

MACROCATEGORIA GRAU DE LIBERDADE	Média± DP	MÉDIA± DP	MÉDIA± DP	Teste ρ
	PAI	MÃE	FILHO/FILHA	
MICROCATEGORIA				
• Liberdade	46,0 ± 17,6	41,2 ± 15,0	59,6 ± 12,5	<0,0001

A macrocategoria grau de liberdade, apresentou a maior diferença de opinião entre pais e filhos com total diferença de resultados ($p<0,0001$). É possível observar que dos três grupos, a mãe em média, ($m=41,2$) entende que a liberdade permitida aos jovem deve ser

menor do que pensa em média o pai ($m=46,0$). No entanto, os filhos acreditam que devem ter mais liberdade.

Essa macro/microcategoria aponta bem o conflito de pensamento entre pais e filhos no que diz respeito ao tema do estudo. A questão dos limites encontra-se muito ligada à liberdade. Segundo Tiba (1986), na fase da adolescência, o jovem indivíduo está em franca evolução na procura ativa de sua própria identidade, passando por situações que questionam e testam o espaço ocupado por ele. O adolescente tem uma força e necessidade muito grande de autonomia, pois está se preparando para ser adulto. Essa autonomia representa a preservação de sua individualidade. E no processo estará também o desafio à autoridade e a ideia de que pode tomar sozinho suas próprias decisões e administrar sua própria liberdade. "Na antidependência a negação tem o significado de não se submeter ao autoritarismo. A negação não representa a vontade de não fazer, mas significa que os pais 'não mandam mais neles' (Tiba, 1986, p.53).

A seguir, as variáveis da microcategoria são detalhadas.

Tabela 11 – Microcategoria pertencente ao grau de liberdade

Variáveis	Liberdade			Mediana dos Grupos	
	Pai (1)	Mãe (2)	Filho/Filha (3)	ρ	dif.
V. 57	5,71	5,32	7,00	<0,001	1 e 3; 2 e 3
V. 58	4,57	4,07	5,73	<0,001	1 e 3; 2 e 3

As variáveis 57 e 58 questionaram o grau de liberdade considerado adequado ao jovem. Em escala de 1 a 10, os três grupos apresentaram resultados que apontam a diferente forma de pensar de pais e filhos ($\rho < 0,001$). A mediana dos filhos superou a do pai e mãe, demonstrando assim que eles gostariam de ter maior liberdade. Pai e mãe apontam considerar que os filhos devem ter liberdade média.

Ele terá sempre liberdade vigiada em toda fase em que eu entender de que há uma necessidade. Ele não pode ter, nessa idade, ele não pode estar solto sem a gente impôr algumas regras, alguns horários, alguns parâmetros de que ele tem que cumprir. Então, ele não tem essa liberdade... (Pai, família 1)

Em se tratando do adolescente de modo geral, e não apenas dos filhos ou o próprio jovem que responde o questionamento (V. 58), os resultados também apontam significância estatística ($p < 0,001$). Pai e mãe pontuam que os jovens entre 12 e 18 anos, também deve ter liberdade moderada. Os filhos diferem da opinião dos pais e sugerem que os adolescentes devem gozar de maior grau de liberdade do que o apontado pelos responsáveis. No entanto, eles defenderam para o jovem de modo geral, liberdade menor do que a que eles acham que devem ter.

4.2.6 – Vivência de limites e relacionamento familiar

A macrocategoria relacionamento familiar busca averiguar como pais e filhos percebem o relacionamento entre os membros da família. Apenas uma microcategoria compõe o conjunto.

Tabela 12 – Macrocategoria relacionamento familiar

MACROCATEGORIA RELACIONAMENTO FAMILIAR	Média± DP	MÉDIA± DP	MÉDIA± DP	Teste P
	PAI	MÃE	FILHO/FILHA	
MICROCATEGORIA				
• Relacionamento	63,0 ± 12,0	61,0 ± 11,0	60,0 ± 13,4	0,67

Podemos observar que nesta macrocategoria não foram identificadas significativas diferenças entre os grupos participantes do estudo. Os membros da família indicam ter percepções semelhantes sobre como estes se relacionam entre si. O grupo pai apresentou a maior média ($m=63,0$), sugerindo dessa forma que dos três grupos é o mais satisfeito com o relacionamento familiar. As mães vêm logo a seguir ($m=61,0$) indicando sua percepção quanto ao relacionamento da família. Os filhos são o que apresentam a menor média ($m=60,0$), ao opinar sobre a macrocategoria. A diferença entre filho, pai e mãe não tem significância estatística ($p=0,67$) e demonstra que no geral, o relacionamento é percebido como bom.

O equilíbrio no relacionamento no cotidiano da família é importante afim de contribuir para o bem-estar dos indivíduos do sistema. Esse aspecto é destacado na narrativa do pai de uma das famílias entrevistadas.

Eu quero ter os problemas do mundo todo fora de casa, eu não quero ter problema dentro de casa, com a minha família. Por que se tiver problema na família, você se desestrutura todo. Quando eu entro em casa, tenho paz. Então, aqui eu tenho a paz. (Pai, família 1)

Analisaremos a seguir as variáveis que compõem a microcategoria relacionamento.

Tabela 13 – Microcategoria pertencente ao relacionamento familiar

Relacionamento	Mediana dos Grupos				
	Variáveis	Pai (1)	Mãe (2)	Filho/Filha (3)	ρ dif.
V. 44	4,65	4,14	3,90	0,01	1 e 3
V. 50	2,09	1,59	2,30	0,01	2 e 3
V. 51	2,39	2,36	2,21	0,84	- -
V. 53	4,26	4,55	4,33	0,33	- -
V. 55	4,00	4,10	3,60	0,09	- -

Ao fazer o detalhamento da microcategoria, percebemos que foram identificadas diferenças de opiniões entre mãe e filhos em duas variáveis, apesar de no todo da macrocategoria não ter sido apontado discordância entre os membros da família.

Na questão que aborda a parceria entre pai e mãe na hora de tomar decisões sobre a educação do filho, o pai responde que atua em coesão com a mãe. Ela concorda apesar de apontar a parceria como não tão intensa. Os filhos por sua vez, discorda do pai e indica perceber que as decisões não são tomadas tão em comum acordo quanto pensa o pai ($\rho=0,01$).

Podemos supor com esses resultados, que a mãe não recebe do pai todo esse suporte que ele diz oferecer, ou então, que a decisão final sobre a educação do filho é reformulada pela mãe.

Quanto à questão que discute com quem a família prefere realizar suas atividades, mães e filhos apresentam ter percepções diferentes ($\rho=0,01$). Os adolescentes responderam em maior grau que família prefere fazer atividades entre eles, enquanto as mães entendem que os membros do grupo preferem estar com outras pessoas.

A diferença de percepção em relação ao assunto pode estar ligada ao fato de que o jovem tende nessa fase da vida, a querer explorar as possibilidades de liberdade e ampliar as relações sociais. Dessa forma entende que o tempo que passa com a família é bastante

enquanto a mãe considera que o filho passa mais tempo com os amigos e pouco presente nas atividades com o grupo familiar.

Nas demais questões, houve uma semelhança nos resultados indicados pelos sujeitos pesquisados.

4.2.7 - Vivência de limites na Macrocategoria Práticas Educativas

Prosseguimos à análise da macrocategoria sobre práticas educativas, que é composta por questões sobre mesada e uso do dinheiro, limites no processo educativo e a transgeracionalidade na educação dos filhos.

Tabela 14 – Macrocategoria práticas educativas

MACROCATEGORIA PRÁTICAS EDUCATIVAS	Média± DP	MÉDIA± DP	MÉDIA± DP	Teste ρ
	PAI	MÃE	FILHO/FILHA	
	48,9 ± 11,5	51,2 ± 11,6	46,5 ± 15,0	0,37
MICROCATEGORIAS				
Dinheiro	44,9 ± 32,2	55,4 ± 3,43	42,5 ± 38,3	0,34
Limites	47,3 ± 11,9	51,3 ± 13,1	45,5 ± 14,7	0,23
Transgeracionalidade	56,5 ± 30,3	50,8 ± 29,4	51,6 ± 31,4	0,77

A macrocategoria que trata das práticas educativas percebidas pela família não aponta significativas diferenças entre a forma de pensar de pai, mãe e filhos, apesar das variações dos resultados. De todos os grupos, em média, a mãe ($m=51,2$) percebe as práticas educativas como mais fortes do que pai e filhos (médias 48,9 e 46,5 respectivamente). No entanto, a não coesão dos resultados não representa significância estatística ($\rho=0,37$).

No detalhamento da macrocategoria também não foram apontadas diferenças estatisticamente significativas. Na microcategoria ‘dinheiro’ que trata sobre a mesada dos filhos, é observada semelhança entre os resultados dos grupos pesquisados, não sendo apontado assim conflito nesse âmbito. A questão da administração do dinheiro por pais e filhos tende a ser mais amena por conta da situação econômica das famílias.

No que trata dos limites, não foi verificada diferenças significativas na forma de pensar dos grupos pesquisados ($\rho=0,23$). No entanto, as mães indicam perceber que os limites estabelecidos na família são mais fortes do que pensa o grupo de pais e filhos.

Quanto à influência da educação que receberam na juventude e a forma como educam os filhos atualmente, os pais em média consideram que há uma forte influência ($m=56,5$). As mães em média ($m=50,8$) demonstram concordar menos que a transgeracionalidade influencia a maneira como educam os filhos. O resultado dessa microcategoria, tampouco apresenta significância estatística ($\rho=0,77$).

Passamos agora ao detalhamento dos resultados das microcategoria que compõem a prática educativa.

Tabela 15 – Microcategorias pertencentes a práticas educativas

Dinheiro		Mediana dos Grupos			
Variáveis	Pai (1)	Mãe (2)	Filho/Filha (3)	ρ	dif.
V. 25	3,04	3,03	2,83	0,85	--
V. 26	2,57	3,07	2,53	0,47	--
V. 27	2,78	3,55	2,73	0,069	--
Limites		Mediana dos Grupos			
Variáveis	Pai (1)	Mãe (2)	Filho/Filha (3)	ρ	dif.
V. 39	2,26	1,86	2,50	0,11	--
V. 40	4,30	4,62	4,30	0,10	--
V. 41	2,43	2,38	1,80	0,02	1 e 3; 2 e 3

Por sua vez, os filhos apontam não perceber que pai e mãe buscam se informar à respeito de sua educação.

Dentro das práticas educativas, trouxemos também a questão da transgeracionalidade no que concerne à sua influência na maneira como os pais atualmente educam seus filhos. Os resultados da microcategoria mostram que todos os grupos apontam perceber que os valores passados pela geração anterior, exercem alguma influência a forma como os filhos são educados hoje. Essa influência é percebida pelo pai como mais forte enquanto a mãe considera como um pouco menor. Os resultados da microcategoria não foram significativos estatisticamente ($p=0,67$).

4.3 – Análise dos resultados qualitativos

4.3.1 – Características sócio econômicas das famílias entrevistadas

Quadro 1– Família mais preocupada com os limites na educação

FAMÍLIA 1	
Renda Familiar – 32 salários	
Filhos – 01	
Número de pessoas na casa – 04	
Residência – Apartamento próprio	
<u>PAI</u>	
Idade – 50 anos	
Escolaridade – Superior incompleto	
Profissão – Empresário	
<u>MÃE</u>	
Idade – 40 anos	
Escolaridade – Superior completo	
Profissão – Contadora	
<u>ADOLESCENTE</u>	
Sexo – Masculino	
Posição na família – Filho único	
Idade – 13 anos	
Escolaridade – 9º ano	

Quadro 2– Família moderada quanto aos limites na educação

FAMÍLIA 2

Renda Familiar – 30 salários aproximadamente

Filhos – 03

Número de pessoas na casa – 04

Residência – Apartamento alugado

PAI

Idade – 49 anos

Escolaridade – Superior completo

Profissão – Funcionário Público

MÃE

Idade – 45 anos

Escolaridade – Superior completo

Profissão – Educadora

ADOLESCENTE

Sexo – Feminino

Posição na família – segunda

Idade – 16 anos

Escolaridade – 2º ano ensino médio

4.3.2 – Breve histórico das famílias entrevistadas

As famílias identificadas como 1 e 2 apenas para referência de identificação, foram imediatas na aceitação em participar da entrevista.

O pai da família 1 trabalha em uma cidade distante de Fortaleza e passa a semana fora, voltando para casa nos finais de semana. Contatos via telefone são feitos diariamente com a família para acompanhar o cotidiano do filho e da esposa.

Na família 2, a filha mais velha é casada e portanto não convive na casa. O casal mora com a filha (sujeito da pesquisa) e um filho de 8 anos. Há 4 anos, a família descobriu que a filha, hoje com 16 anos, estava se envolvendo com drogas. Ela não fazia uso, mas convivía com amigos usuários a quem dizia usar cocaína para ‘fazer parte da turma’. Os pais, ao encontrarem em sua posse pequena quantidade da droga, precisaram repensar os limites adotados na educação da jovem.

*Os nomes dos membros das família foram modificados.

Diagrama 1 – Limites estabelecidos no âmbito doméstico – Família mais preocupada com os limites.

Os horários na família.	
Pai	“Ele tem que ter horário, tem que ter resultados. (...) e se ele disser: “Olha, eu quero, a partir de amanhã, chegar em casa todo dia depois de dez horas”. Ele não vai conseguir isso por que ele não vai me explicar, nem me convencer de que é necessário ele fazer isso”.
Mãe	“É bem marcado. É que hoje é muita coisa, né? Então, tem horário pra dormir, pra acordar, pra estudar. E ele é muito responsável. Ele mesmo faz os horários mesmo. Eu já ensinei bem isso, então, ele aprendeu, hoje ele faz tudo só.”
Adolescente	“Minha mãe, aconselha pra dormir cedo, que amanhã tem aula e tudo, e eu, entendo isso. É, é um limite, mas não assim... Ah... Eu durmo porque eu tenho consciência de que preciso dormir”.
Privacidade em casa	
Pai	“Ele não tem privacidade nenhuma (...) que não seja vigiada constantemente. Se ele tá no computador e eu quiser olhar no computador com quem é que ele tá conversando, o que é que ele tá conversando, eu não abro mão disso. (...) eu não posso perder o direito de orientar... E eu não vou perder esse... direito de estar de olho nele onde ele estiver.
Mãe	“Ele tem a privacidade do quarto dele, quando ele estuda, não sei o quê, fecha a porta e pede pra quando a gente for entrar, pra bater na porta. Respeito, faço muito... Ele tá de porta fechada, eu bato na porta. E ele respeita (a nossa). A gente tá dormindo, ele respeita (...) sempre respeitou. Cada um com seus limites, né? No seu espaço...”
Adolescente	“Eu tô estudando eu fecho a porta do meu quarto, só entra quem bate na porta. Bate na porta e diz quem é, e eu, ah tá, entra. Do mesmo jeito eles fecham a porta, eu nem bato. (Com os amigos) eu mantenho a porta aberta. A minha mãe entra lá, eu nunca precisei fechar. (...) quando eu tinha 11 anos eu não tinha toda essa privacidade. Meus pais, já me deram depois que eu cresci um pouco, essa autonomia, um pouco maior. É... Mas tudo assim controlado.”
Relação dos amigos e família.	
Pai	“Nas vezes que esses amigos estão conosco, eu faço questão de me sentar pra conversar com eles, todos eles brincam comigo”.
Mãe	“(…) eu acho assim bem prazeroso, ele (o filho) gosta. Ter amigos, de o amigo vir, aí ele sempre abriu a porta. “Mãe, eu posso convidar não sei quem pra vir aqui?” Pode. Agora, assim, ele tem turminha mais seleta”.

Adolescente	“Às vezes minha mãe até prefere que eu chame os amigos pra vir pra cá. Mas às vezes eu vou pra casa deles. Eles vem pra cá. Se tiver alguém aqui...”.
Telefone na família.	
Pai	“(…) ele só ganhou um telefone por que ele adquiriu a confiança nossa de ter um telefone. Ele vai conquistando as coisas. Disse “Olhe, você só vai ganhar um telefone porque você tem toda condição de ter um telefone. Porque, se você não tivesse... Antes ele dizia assim: ‘Ah! Meu colega de dez já tem um telefone’. Sim, mas você não tem condições de ter agora. Então, é botar na cabeça de que as coisas são conquistadas. (...) o tempo de cada coisa é conquistado”.
Mãe	“Tem, tem controle (o uso do telefone). O celular é conta, não é cartão. Ele andou pedindo, faz um tempo, agora ele ganhou. Mas ele tem um controle”.
Filho	“(…) antes meu celular era de cartão. Então eu só podia gastar aquela quantidade. Hoje em dia, minha mãe colocou o meu celular na conta dela. (...) eu tenho a própria consciência de que não é pra ligar tanto. Eu ligo quando é necessário. Eu não ligo pra ficar conversando assim. Se amanhã eu vou pro colégio, eu posso falar amanhã.”
Participação na hora da família tomar decisões.	
Pai	“No que ele pode participar, ele participa (...), ele dando as opiniões dele”.
Mãe	“Ele tem liberdade. A gente sempre escuta”.
Filho	“Tem diferentes casos. Em alguns casos, é... que envolve mais os três assim, eu tenho um pouco (de participação)... eu já falo, eles escutam e tudo. Sempre eles me escutaram, só que em alguns casos eles tomam a própria decisão, não importa a minha vontade”.

Os horários, são uma das regras estabelecidas no âmbito doméstico da família. Pais e filhos demonstram ter a questão muito bem trabalhada. A mãe pontua que o filho já conhece os horários e se mostra responsável por eles. É possível perceber que o filho compreende e aceita os limites estabelecidos como um processo gradativo de crescimento em que aos poucos ele vai conquistando mais liberdade e autonomia sobre os fatos de sua vida. De acordo com Bronfenbrenner (1996), esse processo é o que pode ser considerado equilíbrio de

poder. Quem tem o domínio da relação passa gradualmente este poder para a pessoa em desenvolvimento, dentro de suas capacidades e necessidades.

Podemos observar que a família também tem a privacidade bem definida. Todos têm o direito de fechar a porta quando consideram necessário e têm direito ao seu espaço. No entanto, a privacidade do adolescente é monitorada. O pai afirma que é parte de sua obrigação saber tudo sobre o filho e que isso pertence ao seu direito de orientar o adolescente. No uso do computador, que o pai entende ser um mundo de possibilidades boas e ruins, ele afirma que se quiser olhar as atividades e conversas do filho, não abre mão disso. O garoto entende que tem o espaço necessário e que a privacidade é algo que se conquista gradualmente à medida em que o tempo vai passando.

A família tem uma boa relação com os amigos do filho, e procura trazê-los para perto. O filho, pode recebê-los em casa se algum adulto estiver presente e também visita a casa dos colegas. A mãe, diz que ele possui um grupo pequeno de amigos e que é sempre muito prazeroso reunir todos. O pai também procura estar presente e interagir com os adolescentes, inclusive promovendo atividades nos finais de semana para que os colegas participem.

O uso do telefone é controlado. O adolescente possui seu próprio aparelho celular mas o gasto é monitorado pela mãe, apesar de não haver prévia restrição de gasto (a conta não é pré-paga). Os pais no entanto, afirmam que o filho ganhou o aparelho à pouco tempo apesar da argumentação de que os colegas mais novos já possuíam. Os pais afirmam que os benefícios que o filho possui são conquistados e que suas atitudes garantem a ele, ou não, o direito de receber algo. O adolescente demonstra aceitar as regras.

A opinião do filho é consultada na hora da família tomar decisões mas varia de peso de acordo com o assunto. Mais uma vez, todos afirmam que o diálogo acontece em todas as etapas do processo. O pai afirma que sempre procura saber o posicionamento do filho, mas

nem sempre pode deixar valer o que o filho pensa. O jovem entende que mesmo tendo participação, nem sempre prevalece o que ele pensa.

Podemos observar que não há divergências nos posicionamentos da mãe, do pai e do filho nas questões do mundo doméstico. Os pais têm pensamento parecidos, embora a mãe mostre uma postura mais tranquila com relação aos limites do que o pai. O filho demonstra conhecer bem as regras da casa e aceitá-las sem problema. Ele demonstra boa articulação e desenvoltura para responder às questões sem hesitação.

Passaremos a analisar as falas da família 2, dispostas no diagrama a seguir que também considera as questões do mundo doméstico.

Diagrama 2 – Limites estabelecidos no âmbito doméstico – Família moderada com relação aos limites.

Os horários na família	
Pai	“Ela faz determinadas coisas sozinha. (...) É questão de idade”.
Mãe	“Eu sempre coloquei horário. Principalmente pra dormir. Mas hoje, não exijo um horário, mas ela sabe o horário dela, ela já cumpre. É bem natural (...) É ela que tem os horários e os compromissos dela, ela que acorda. Não fico exigindo”.
Adolescente	“Eu tive, tinha quando era pequena. (...) quando começava a novela já ia deitar E assim foi, entendeu? Agora, às vezes, eu fico até mais tarde ou me deito mais cedo. Sei que tenho de acordar no outro dia e não posso estar cansada. (Essa responsabilidade) ela (minha mãe) me ensinou”.
Privacidade em casa	
Pai	“A gente respeitava esses limites. Que a gente achava que era limite, né? Essa vigilância, a gente não fazia não. (Antes da descoberta da droga). (...) a privacidade na presença da pessoa, de mexer na frente dela lá, uma invasão de privacidade, assim, clara. Agora, quando ela tá na escola, não vai saber que invadi a privacidade dela, né?”
Mãe	“Eu sempre respeitei muito o espaço de cada um, o momento. Eu não entro no quarto sem bater na porta... Eu não mexo em nada... Eu sou contra, eu não fazia de jeito nenhum. Eu nunca ia mexer na bolsa dela, não tinha essa curiosidade. (...)Tinha coisa de colher queimada. Ela tinha seringa dentro da bolsa. (Hoje) O que não é respeitado é pra se esconder, entendeu? (Dar ‘batidas’ nas coisas da filha sem que ela saiba). De vez em quando, estou entrando e mexendo nos cadernos, mas é uma coisa escondida. O que eu faço é por causa desse ocorrido”
Adolescente	“Meus pais respeitam muito. Até a varanda é junta (dos quartos), do quarto deles dá pra ir pro meu. Minha mãe já falou, desde que a gente era pequeno, que não era para ninguém passar daquele lado. Entendeu? Não mexem nas minhas coisas, nada. (...) Eu também respeito (a privacidade deles). É para respeitar, não é? (...)”

Relação dos amigos e família.	
Pai	“Os amigos vêm aqui pra casa. Brinco com eles também”.
Mãe	“Existe uma proximidade. A gente chama pra casa, faz uma comida. ‘Posso chamar fulano?’ Pode. (...) eles vêm pra cá.”.
Adolescente	“Sempre vem gente aqui. Normal (a relação dos pais com os amigos). Minha mãe fala mais “chama gente para vir para cá”. Ela faz lanche, faz torta, faz tudo... (...) eu aproximo eles da minha família também. Vão almoçar com meus pais domingo, alguns vão juntos. Gosto de juntar eles com a minha família e é como se fosse família, assim, também. Escolho poucos que vão ficar, entendeu?”
Telefone na família.	
Pai	“Com 12 anos ela tinha celular. Pra ligar pra casa, ligar da escola. Todo mundo tinha. Mas é a questão dos limites, né?”
Mãe	“O que eu achava errado (ter celular), mas ele (o pai) achava certo. ‘Tem que ter, todo amiguinho tem...’ (o marido falava). Ela pede, coitadinha, aí tá ela com um celularzão, com câmera, com tudo o que tinha direito.”
Adolescente	“Minha mãe coloca créditos todo mês (...) Eu nunca ultrapasso. Não uso muito o telefone não. Mas não existe nenhum controle do tipo ‘para de falar no telefone!’ Hoje minha mãe falou ‘não gosto disso’, tirando o telefone de perto. (...) meu pai fala ‘para aí’, eu diminuo. Quando ele fala que a conta está cara, aí eu já paro. É normal, tranquilo”.

Observamos que a família considerada moderada com relação à implementação de limites na educação dos filhos, passou por uma experiência extrema quando a filha, aos 12 anos de idade, viveu uma estreita relação com as drogas. A família que até então via a privacidade dos seus membros como intocável, é confrontada com a necessidade de invadir o espaço da filha para descobrir seu verdadeiro envolvimento com as substâncias ilegais. A mãe admite que existia a liberdade para que cada um tivesse o seu espaço. Nunca olhou na bolsa da filha ou entrou em espaços privados do quarto. Mais tarde quando foi procurar

indícios do envolvimento da adolescente com a cocaína, encontrou seringa e outros utensílios comumente usados no consumo de drogas.

A filha ainda hoje acredita que sua privacidade é respeitada e não transparece saber que tanto o pai quanto a mãe estão sempre olhando seus pertences para averiguar se há algo escondido. Os pais afirmam que a filha deve pensar que tem o espaço dela resguardado, e que o invadem sem o conhecimento dela com a justificativa de protegê-la caso a jovem esteja fazendo algo errado. Percebe-se assim que a confiança ainda permanece arranhada e os limites continuam borrados com a falta de transparência necessária na relação, o que possibilita o surgimento de futuros conflitos.

Quanto aos horários, a filha afirma que esses eram impostos quando pequena e à medida que foi crescendo, ficaram mais livres até que atualmente ela administra sozinha a maior parte deles, responsabilidade que foi passada pela mãe. Os pais confirmam que não exercem controle dos horários, uma vez que a filha sabe das próprias necessidades e pode monitorá-los sozinha.

O relacionamento com os amigos da filha é bom, embora muito observado. Os amigos são sempre convidados pra visitá-la em casa, o que não parece aborrecer a jovem. Os pais afirmam preferir os amigos próximos para dessa forma estarem mais envolvidos.

A adolescente possui telefone celular desde os 12 anos de idade, fato contrário à opinião da mãe mas defendido pelo pai, que disse na época que como todos os amiguinhos da filha tinham o aparelho, não achava certo privá-la de ter um também. Eles relatam que o telefone foi tirado da filha quando descobriram o episódio da droga, mas atualmente ela tem seu próprio aparelho outra vez. O plano do celular é pré-pago e a filha também usa o telefone residencial. Ela diz não haver controle do gasto, mas que quando os pais comentam que a conta está alta ela diminui o uso.

Mais uma vez é possível observar a dificuldade dos pais na hora de tomar decisões referentes à educação da filha. A falta de convicções sobre o que deve ser permitido à adolescente, facilita o posicionamento movido pela pressão social de que ‘se os outros podem não devo privar meu filho de poder também’. Também é possível perceber a falta de clareza dos limites estabelecidos. A frouxidão das regras não permite a nenhum dos membros a noção do espaço permitido às suas ações.

Diagrama 3 – Limites estabelecidos no mundo social – Família mais preocupada em relação aos limites.

Sair de casa sem os pais	
Pai	“Assim, o Iguatemi (Shopping da cidade), às vezes, a gente deixa ele ir com os coleguinhas dele. Só se for com um amigo dele que tem segurança especial – por conta da profissão do pai.”
Mãe	“Ele vai a um aniversário da escola, né? Eu vou deixar, vou buscar. Só. (...) pro Iguatemi só com criança, ele nunca foi.”
Adolescente	“Bem, no final de semana, assim, eu saio... Todo canto que eu saio, até agora nesses 13 anos, meus pais sabem pra onde eu estou indo. E no final de semana, eu vou pra casa de algum amigo. (...) depende do amigo minha mãe quer falar com o pai (do amigo). Aí, tipo, se for um amigo mais próximo, aí ela ‘tá bom, já falou com o pai dele?’. (...) minha mãe me deixa lá, ou ele vem pra cá me pegar. Sempre (meus pais) sabem pra onde eu tô indo.”
Festa e Álcool	
Pai	“Tem que preparar primeiro ele, acho que tem que fazer pra quando ele sair, ele ter a consciência do que é aquilo. (...) toda vida eu passo pra ele ‘o álcool é uma droga e é uma droga muito mais perigosa do que as outras por que é uma droga lícita’. (...) eu digo sempre a ele. (...) masculinidade não está num copo de cerveja, num cigarro, numa droga. Você é reconhecido (...) por aquilo que você é.”
Mãe	“Um dia desses tava dizendo assim: Qualquer dia eu vou querer sair pra tomar uma taça de vinho também. Então nós vamos de táxi, né? Por que é proibido beber e dirigir.”
Adolescente	“(Eles) sempre sabem pra onde eu tô indo. (...) tenha cuidado, não sei que, não sei que. E eu sempre sei...”
Escola e família	
Pai	“(...) essas coisas do colégio, eu acho que a gente tem que interferir só em último caso, deixar que ele mesmo tome a iniciativa. Então, se ele está achando que a nota dele não correspondeu ao que ele fez, então ele que tem que ir lá. Não sou eu, nem a mãe dele que tem que ir lá brigar por ele.”

Mãe	“(...) ele sempre me passa tudo, quando eu não pergunto, né? O que é que aconteceu, como é que foi na escola hoje, vou ver as provas como é que tá.”
Adolescente	“Dessa atividades eles sempre dão opinião, (...) mas é assim, entendo (...) que eu tô responsável. É isso. Sempre falo. Acontece alguma coisa na sala aí eu falo o que acontece. Sempre eu digo, eles nunca tiveram que ir lá no colégio pra saber o que tá acontecendo.”
Ficar	
Pai	“Isso é uma coisa normal, né? Ele tem só que entender tudo aquilo que representa um relacionamento, desde o perigo, os perigos que tem um relacionamento, o perigo das escolhas... É bom a gente explicar isso (...). Não vejo nenhum problema nisso, não. Falar ‘não, isso tem que cortar, é muito novo’. Não. As coisas mudaram nisso, né?!”
Mãe	“(...) eu sou mais ciumenta... Conversar, né? Mas é muito novo, né? Então... É o tempo dele que a gente... Aos poucos, né?”
Adolescente	“Meu pai apoia muito. Assim, com 12 anos que eu já falava ‘pai, tem uma menina assim’. Ele, ‘ótimo. Vai, não sei o que...’ Ele dava até alguns conselhos, assim... A minha mãe, ela sempre já foi... Ela... apóia assim, só que... tem um pouco mais de ciúmes. Assim... de mãe, né? Mas, eles nunca restringiram assim, não.”

Os pais da família mais preocupada com o estabelecimento de limites, afirmam que o filho ainda tem muito pouca liberdade para sair sozinho. O adolescente tem permissão para ir à casa de pouco amigos, festinhas de aniversário em ambientes privados e pouquíssimas vezes vai à lugares públicos acompanhado apenas de amigos. Sempre as saídas são monitoradas pelos pais que determinam horários e deixam e buscam o filho.

Quanto ao consumo de álcool em ambientes frequentados pelo filho, apesar de ser muito vigiado, os pais buscam sempre orientar sobre os riscos e dizem procurar dar o exemplo por comportamentos próprios.

Já no que diz respeito à escola, o filho parece ter maior liberdade para resolver suas próprias questões e é incentivado pelos pais para que desenvolva autonomia nesse sentido. O filho diz que os pais só se envolvem em último caso e normalmente dá conta de solucionar qualquer questões no ambiente escolar.

No que diz respeito a ‘ficar’, o adolescente recebe o apoio do pai, mas a mãe ainda se mostra mais reticente quanto à questão. O pai considera normal que o filho ‘fique’ ou namore. Segundo ele, hoje é normal os jovens começarem a se relacionar mais cedo. No entanto, afirma que alerta o filho para as responsabilidades que acompanham o envolvimento afetivo. O filho reconhece que os pais não o restringem nesse sentido, mas sabe que a mãe é mais ciumenta e prefere que ele espere um pouco mais.

Segundo Furtado (2009) ‘ficar’ é o termo que define diferentes tipos de relacionamento que acontecem principalmente entre jovens. Pode significar apenas beijar, estar junto esporadicamente ou algo mais que isso sem que exista no entanto nenhum tipo de compromisso. O que existe é uma experimentação, um ensaio para relacionamentos afetivos mais profundos que serão vividos posteriormente.

A fase da adolescência é o período em que as experiências para além do lar ficam mais intensas e por isso é fundamental o acompanhamento dos pais, orientando a ampliação do espaço dos filhos.

Diagrama 4 – Limites estabelecidos no mundo social – Família moderada em relação aos limites.

Sair de casa sem os pais	
Pai	“(Começou a sair de casa com amigos pra) shopping, cinema, que eu levava e buscava. (Com) uns doze ou treze anos. Eu levo e busco. E melhor.”
Mãe	A (filha) nunca foi muito de sair. Agora é que está saindo um pouco mais. Quase sempre a gente leva e vai buscar. A gente até prefere. Eu acho ótimo. Nem que seja pra pegar 10. A gente já vê onde está, como é que volta. Eu acho ótimo.
Adolescente	“(Começou com) cinema, shopping... (...) podia ficar mais tempo no shopping, depois comecei sair à noite. Meu pai me leva, meu pai me busca. (...) eu sei que meu pai me busca a hora que for entendeu? (...) antes ficavam muito preocupados. (...) agora diminuiu muito. Antes, a minha mãe não dormia de jeito nenhum enquanto não chegava. Hoje, quando chego, ela já está dormindo aí eu vou lá e acordo “mãe, cheguei.”
Festa e Álcool	
Pai	“Sempre existe (álcool nas festas). Qual o lugar que você vai encontrar que não tenha bebida alcoólica? Orientamos, né? Eu fico de olho quando vou buscar.”
Mãe	“Qual o lugar que você vai encontrar que não tenha bebida alcoólica? Não adianta eu falar que não pode ir a tal lugar. Tem que vir da consciência dela. A gente vai falando, explicando. Digo que quando ela tiver dezoito anos, ela pode fazer o que quiser. A gente dá exemplos mostrando quem não sabe beber ou quem não tem idade. Que ser vê de palhaço pros outros? E essa coisa de dizer que é só pra maior de dezoito, eles vão lá e compram, ninguém pede documentação nem nada.”
Adolescente	“Quando eu era mais nova, tinha ido a uma rave e bebi. (...) vomitei, foi horrível. E eu falei, ‘Mãe, não se preocupe que eu nunca mais vou (beber)’, falo para não se preocupar, porque não bebo mesmo. Não gosto. Com isso, acho que eles não se preocupam. Já falei que não quero passar por isso de novo. Não bebi nada e passei mal...”

Escola e Família	
Mãe	“Ela tem um limite de faltas, sabendo utilizar, tudo bem. Essa é uma coisa em que eu não interfiro. Quero saber o que ela faz, do comportamento, da participação. Se ela vai ou não, ela que decide. Se vai só pra primeira aula, se não vai (...). Quando ela quer sair, sai e pronto. Ela é quem decide. É importante também você ser incumbido de algumas missões.”
Pai	“Delegar responsabilidades também, né? Tem que dar conta disso.”
Adolescente	“Eles são bastante envolvidos lá. Quanto às notas, eles conversam, não ficam bravos, sabe? Quando tem alguma matéria difícil para mim eles entendem. Esses dias eu liguei para minha mãe chorando por causa de uma prova, na hora ela apareceu lá, perguntando ‘o que foi?’. Eu pensei que ela nem fosse.”
Ficar	
Pai	“No começo ela não falava pra gente. Ela é muito reservada nessa parte. Sei que ela dava beijo, mas falava que era amigo. Com a (irmã mais velha) eu sofri mais.”
Mãe	“Mas foi tranquila essa relação, né? Eu acho muito natural, pela idade. Hoje é que ela fala mais coisas assim, com muito sacrifício. A (filha) é mais fechada.”
Adolescente	“Primeiro eu fiquei, mas só contei quando já tava namorando. Sempre aquelas coisas: horário, lugar. Como vai fazer um ano, tenho mais liberdade. Aí esse namorado, eles (pais) tavam viajando, quando liguei pra contar. E ela (a mãe) ‘vai ter que pedir para o seu pai’. E meu pai, ‘você não tá namorando. Enquanto não me pedi e eu não deixar...’ Mas aí... Ah, é normal. Acho que quem teve problemas foi a minha irmã (mais velha).”

Observamos que os limites da família 2 são mais moderados quanto às saídas da filha sem a presença dos pais. Eles afirmam que no início sempre levavam e buscavam a filha à todas as atividades. Hoje ainda preferem fazer o mesmo, principalmente nas saídas à noite, porque assim sabem onde ela está, com quem e quais são as condições em que ela está ao regressar da festa.

A filha diz que os pais ficavam muito preocupados antes e agora já ficam mais tranquilos com suas saídas. Ela diz que quando os pais não a buscam, ela sempre os acorda quando chega em casa para tranquilizá-los.

No que diz respeito à bebida alcoólica, os pais dizem que não há como impedir que a filha vá a ambientes onde acontece o consumo. Assim estão sempre procurando orientá-la para que ela possa saber dos riscos. A adolescente diz não gostar de beber e que já viveu uma experiência de passar mal após ingerir álcool. Com isso, tranquiliza os pais.

A jovem diz que os pais são bem participativos nos assuntos da escola quando necessário, mas que em geral ela mesma toma as decisões referentes às questões escolares. Os pais confirmam que delegam à adolescente tais responsabilidades como parte do seu processo de desenvolvimento.

No tocante a ‘ficar’, o pai diz que a filha é muito reservada e apesar de saber que ela sempre teve seus ‘namoradinhos’ só há pouco lhe contou. Ele diz achar normal que ela se interesse por meninos e diz que foi muito mais difícil aceitar com a filha mais velha. A mãe, vê o assunto com muita naturalidade até pela idade. Mas também destaca o fato da filha ser muito calada com relação ao assunto. A adolescente confirma que no início não falava para os pais que ‘estava ficando’, e que só contou quando passou a namorar. Ela afirma que os pais impõe certas regras com relação ao namoro.

De acordo com Furtado (2009), no momento em que o filho começa a se relacionar emocionalmente “torna-se mais importante o diálogo franco para entender o momento que o filho está vivendo e abrir um canal de apoio e orientação sobre riscos, relacionamentos e sexo” (p. 53).

Diagrama 5 – Limites e tomada de decisões – Família mais preocupada em relação aos limites.

Decisões e interferência dos pais	
Pai	(A interferência dos pais deve acontecer) “até que ele possa, a gente possa ter a segurança de que ele tá maduro o suficiente pra caminhar sozinho por que ele, agora ele não tá...”
Mãe	“(…) eu acho que ele tem que... Não é prestar conta, mas eu acho que ele tem que conversar abertamente como a gente conversa com ele, né? E pedir orientação...”
Adolescente	“Nunca! (vai deixar de pedir a opinião dos pais) (...) quando eu tiver adulto que eu for fazer alguma coisa eu vou perguntar. É claro que a importância deles não vai ser como é hoje. Mas vai ser... importante porque eles são meus pais. A opinião deles vai valer sempre, só que não como é hoje, assim.”
O adolescente pode decidir sozinho	
Pai	“Aquilo que é escolha dele e não levar um risco pra ele, né? Ele tem todo direito de optar, de decidir sozinho. Se não levar risco pra formação física e intelectual dele, ele tem direito de escolher só. No que eu achar que tem algum risco, né? Essa escolha não prevalece. Prevalece a minha, porque... Aí, vou explicar pra ele por que não.”
Mãe	“(…) várias coisas, né? O esporte, foi ele que quis... (...) o quarto, (...) a festa de aniversário, (...) a escola ele diz o que quer e a gente ouve e procura ver (transferência de escola). Não vai interferir em nada. Então, ele tem o direito de escolher. Nisso aí, o direito é dele.”
Adolescente	“Eu acho que são poucas as decisões. Tipo, colégio eu (...) quero ir pra outro. Aí nós três vamos ver. Aí eu, ‘pronto é esse aqui (...) eles dão a opinião, mas eu quis ir, tô querendo ir pra esse tal colégio. E eu vou. Mas é mais porque não foi eles que quiseram, fui eu. Aí eles deram a opinião e aceitaram.”

As narrativas da família mais preocupada com o estabelecimento dos limites, revelam semelhanças entre as posições de pais e filho, reforçando o resultado quantitativo da pesquisa referente à macrocategoria tomada de decisões. Pai e mãe defendem que o jovem poderá tomar suas próprias decisões sem interferência parental quando adquirir maturidade suficiente para tal, embora isso não signifique que o filho deve deixar de dialogar e consultá-los em busca de orientação quando perceber necessário. O filho demonstra ter a mesma opinião, afirmando que atualmente a força do direcionamento dos pais sobre suas decisões é bem grande, o que certamente mudará quando ele chegar à adultez. Segundo o adolescente, seus pais sempre serão consultados diante de situações de dúvida. Suas considerações terão importância embora ele eventualmente seja capaz de acatá-las ou não.

Quanto às decisões que o jovem pode fazer sozinho atualmente, elas são restritas à questões básicas do cotidiano. O pai argumenta que cabe à função parental no entanto, a responsabilidade de intervir em qualquer coisa que possa interferir de forma mais forte no bem estar ou futuro do adolescente.

Segundo Zagury (1997) os pais tem papel de serem pais, ou seja, pais e filhos têm direitos e deveres diferentes e a família precisa ter cuidado ao se colocar como uma instituição democrática, com o mesmo valor de voto para todos os membros. Os filhos devem ser ouvidos, e o diálogo deve permear as relações familiares, mas são os pais que devem tomar as decisões. O processo de tomada de decisões, gerenciado pelo pais ou delegado ao filho, deve ser construído com regras claras, expressas com convicção para que os adolescentes entendam as normas familiares sem que dúvidas justifiquem seus comportamentos.

Diagrama 6 – Limites e tomada de decisões – Família moderada em relação aos limites.

Decisões e interferência dos pais	
Pai	“Pra tudo, se ela vai sair ou não, se vai chegar mais tarde. Mais pra sair né? Nada imposto assim (a interferência da família).”
Mãe	“(…) acho que o diálogo deve haver em todas as decisões.”
Adolescente	“Não sei. Porque assim, todos imaginam que quando tiver dezoito anos. Eu sei que, enquanto eu morar na casa dos meus pais, não vai ser isso. Se a minha irmã, que é casada, até hoje vai perguntar as coisas, eu não tenho a menor ideia. (...)Acho que até eu sair de casa. Acho que quanto mais novo (o filho), tem que haver muita influência (dos pais). Muita. Muita, muita muita... Depois, aos poucos, ir diminuindo. Entendeu? Mas nunca deixar (de ter). Acho que, primeiro, eles têm que ensinar, falar como é, até ter certeza de que podem deixar eles tomarem as decisões, entendeu?”
O adolescente atualmente pode decidir sozinho	
Pai	“Existe essa liberdade. Ela faz determinadas coisas sozinha. Eu acho que isso ajuda bastante na responsabilidade. Fica mais responsável ainda.”
Mãe	“Tudo é conversado, sabe? Ela às vezes me pergunta se deve fazer uma prova, eu pergunto o que ela acha. É mais ou menos isso, uma conversa bem natural.”
Adolescente	“Pra sair, eu tenho que falar “mãe, posso ir a tal lugar?” e ela: “você que sabe; se quiser ir, você vai”. Meu pai até briga, assim “ah, já está enchendo o saco”. A gente vai conversando, quando tem algum show eu vou. Digo “pai, quando der duas e meia eu te ligo”, falo se está no meio, se está no final aí, dependendo de como for, eu volto na hora, eu espero terminar, entendeu?Aí pronto. Tudo, assim, de sair, de alguém vir para cá, de ir para o colégio ou não...”

As narrativas da família 2 revelam uma fragilidade dos limites no que concerne a interferência dos pais nas decisões dos filhos e no que diz respeito às regras estabelecidas quanto ao que a filha adolescente pode decidir sozinha atualmente. Segundo eles, não há uma imposição de limites pela família e tudo deve ser conversado. Eles afirmam que sempre estão dispostos a dialogar e mostram-se muito abertos a ouvir a opinião da filha quando essa pergunta se pode fazer algo ou não. Eles tendem a redirecionar à filha a decisão sobre a questão perguntando o que ela acha que deve ser feito. Segundo Sampaio (2004), manter o diálogo na relação aumenta a possibilidade de uma relação saudável entre pais e filhos. A diversidade de opiniões, os diferentes pontos de vista e confronto de ideias é benéfico e evita que os conflitos se agravem na família. No entanto, ainda compete aos pais argumentar de forma coerente, clara e crítica, e acima de tudo, são à eles que cabe estabelecer os limites e orientar os filhos.

A adolescente, através de suas falas, demonstra entender que os pais devem exercer muita influência sobre a decisão dos filhos quando esses são mais novos e com o tempo diminuir o controle até permitir que os filhos possam decidir sozinhos. Quanto ao que pode atualmente decidir sozinha, ela diz que pede permissão mas que acaba por expandir um pouco o que foi permitido avisando que vai ficar um pouco mais ou chegar mais tarde. O pai, segundo a fala da filha, parece às vezes ser vencido em sua determinação e acaba por permitir a extensão do acordo anteriormente combinado.

Diagrama 7 – Comunicação intrafamiliar – Família mais preocupada em relação aos limites.

Diálogo	
Pai	<p>“Acho que eu estou pecando nisso (diálogo sobre sexo) porque assim, eu não tive uma conversa aberta com ele sobre isso, ainda. Acho que não teve nada que provocasse isso. Acho que é erro meu, nós vamos ter que procurar abordar isso de uma forma normal, natural, né? Eu converso muito com ele sobre drogas (...). Procuro ouvi-lo, conversando com ele (...).Ele agora me confidenciou uma coisa, eu achei super legal... eu perguntei se podia dizer pra mãe dele, aí ele disse que podia...”</p>
Mãe	<p>“Eu sei que ele tem as aulas de Biologia (sobre sexo), né? As discussões são bem abertas. Eles sabem tudo! Tudo, tudo, tudo... (...) Mas, não tem... Só a parte tecnicamente realmente que é a parte de Biologia, porém isso não é tudo, não é? A gente conversa com ele, pergunta (...) temos que explicar a ele, conversar com ele, mostrar a ele.”</p>
Adolescente	<p>“(O diálogo sobre) droga é sempre muito aberto. Eu já sei, (...) decor já, de tanto ouvir eles falar. Mas sexo assim nunca teve essa conversa assim aberta não. O livro de biologia, que tem essa matéria assim explica tudo. É, métodos de prevenção, doenças... Nunca teve a dúvida. Mas eu acho que se eu perguntar eles dão a informação deles. Com drogas, eles (...) sempre que eu perguntei e eles sempre responderam. (O diálogo) é super aberto. Toda decisão que tem assim, eu, ele (pai), minha mãe, todo mundo importa assim. Tem a sua importância.”</p>
Comunicação e limites	
Pai	<p>“No shopping, quando ele era pequeno, ele pediu uma coisa lá, e eu não dei, e ele começou a se bater no chão. Essas coisas de menino... E aí eu me sentei e deixei até que ele achasse necessário. Até que ele terminou por que cansou. Aí eu disse: ‘Cansou? Então, vamos embora.’ Terminou exausto e a gente não deu absolutamente nada pra ele e depois a gente foi explicando “Você tá vendo, aquilo ali não lhe levou a nada. Não é por aí, né?”. O melhor é usar a força que Deus lhe deu na voz pra me tratar com respeito. Se você tem isso, então tente me convencer de que você merece isso e eu posso lhe dar. Não vai ser na coisa da violência desse bater que você vai conseguir. (...) Eu não me lembro de ter nunca dado uma palmada no Tiago*, nunca dei nem... assim, fisicamente, nunca nem trisquei nele.”</p>

Mãe	<p>“Ah, ele ficava chateado, fica muito sério, né? Quando não consegue o que ele queria... Mas... daqui a pouco. Ele é mais compreensivo. Mas ele fica... Lógico que ele fica chateado, sabe? (...) Mas depois passa uns dias...</p> <p>Acho que o adolescente (...) Quando é criança é mais fácil você acostumar muita coisa, as descobertas dele pra algumas coisas, né? Já o adolescente (...) vou começar a acompanhar outras coisas, outras descobertas novas, né? Então, não dá por que a gente se perdia em muita coisa. Muita coisa... A gente faz muita coisa, em relação ao Tiago... (...) Pra ser praticante por que...”</p>
Adolescente	<p>“(...) eu converso. Quando eu vejo que não tem jeito eu espero pra ver como que é. Alguns (limites) eu concordo com eles, acho que, assim... Não é certo nem errado mas aceitável. Outros que eu achar que também não é assim, aí eu falo com eles... Às vezes até já mudou algumas coisas. Eu argumento. Ele vão explicar.”</p>

Em relação à comunicação intrafamiliar, pais e filhos afirmam que existe diálogo aberto entre todos e que a relação é fundamentada no respeito e na escuta da opinião do outro. No entanto, pais e adolescentes admitem que os assuntos tocantes à sexualidade ainda são difíceis de serem tratados dentro da família. Os pais confirmam que a conversa sobre sexo é falha e que contam com a escola e as aulas de biologia para que seu filho se eduque sobre o assunto, apesar de entender que o aspecto emocional da descoberta ou envolvimento sexual não é abordado nos livros pedagógicos. O adolescente afirma que suas dúvidas são tiradas na escola e com os amigos, e que nunca procura os pais para conversar sobre sexo, apesar de pensar que caso necessite da orientação dos pais, esses estariam abertos a conversar.

Já no que diz respeito à droga, os pais demonstram ter facilidade em abordar o assunto, mantendo diálogos constantes com o filho. Pais e adolescente afirmam que sempre que surge uma reportagem ou fato sobre algo envolvendo os perigos do uso das drogas, uma conversa é iniciada. Esse comportamento também é representado na análise quantitativa, que mostra haver uma abertura muito maior quando o assunto é conversar com o filho sobre as substâncias psicoativas.

Os limites também são trabalhados através do diálogo com o filho, segundo as narrativas da família. É por meio de conversas e argumentações e não se utilizando de punições físicas que as regras são estabelecidas e os limites delimitados. A mãe comenta que a adolescência torna os limites mais difíceis de serem mantidos por haver uma tendência do jovem contestar os pais e querer mais liberdade. O filho por sua vez, afirma que quando não concorda com as decisões dos pais tenta dialogar até onde os pais não apresentam razões fortes o suficiente para convencê-lo de suas determinações.

De acordo com Cerveny (2008), “a comunicação é a matriz na qual estão encravadas todas as atividades humanas e, na prática, é a comunicação que relaciona os objetos com as pessoas e as pessoas entre si formando, os sistemas de comunicação”. Portanto, é fundamental que a família procure estabelecer uma comunicação aberta, contínua e eficiente entre seus membros, o que torna mais fácil a resolução de eventuais conflitos que possam surgir na convivência.

Diagrama 8 – Comunicação intrafamiliar – Família moderada em relação aos limites.

Diálogo	
Pai	<p>“Sempre falo mais sobre droga mesmo. Sexo, eventualmente eu falo alguma coisinha, mas só complemento. Ela (a filha) é muito fechada.”</p>
Mãe	<p>“A gente conversa muito sobre tudo. (...) sou muito aberta. (...) Se ela me beijou, foi pra pedir alguma coisa (artifício pra comunicar que quer algo). (...) Não que eu vá perguntar se ela está transando, mas a partir do momento em que estou desconfiando que há alguma coisa, tenho que conversar, tentar ver se ela me fala. Ela também não fala não. Mas só aquele “para, mãe”, entendo como uma assumida. Se ela faz ou não faz, não sei, ela não fala. Durante um período, pra mim foi mais difícil falar sobre drogas, porque houve o ocorrido. Mas acho que hoje em dia é a mesma coisa, é natural. Num período eu tive mais dificuldades. Ele teve mais facilidade de falar. Eu sempre falo na frente dele, falo aberto.”</p>
Adolescente	<p>“(Quando quer algo) Eu argumento... Ah, eu faço um pouquinho de birra às vezes, viu? Quando vejo que dá, eu insisto. Quando vejo que não dá, insisto um pouco, aí minha mãe fica brava. Mas quando vejo que não tem nenhum problema, na maioria das vezes, eu consigo. Se eu notar que é algo muito difícil ou longe (do meu alcance), insisto um pouquinho só pra falar que não insistiu e pronto, deixo. De drogas se fala muito, muito, muito. De sexo, minha mãe já falou bastante, hoje fala algo para eu não esquecer. (O pai) é muito mais difícil. Essa parte fica quase em branco. Ele fala, mas é muito pouco, entendeu? (...) eu sei que eu podia chegar com qualquer dúvida até minha mãe. (O diálogo) é muito bom. Não tem nada que a gente não converse. Têm coisas que eu não conto, não vou contar tudo. Tem gente que conta tudo. Mas eu não, só que converso sobre tudo com eles, e eles também.”</p>
Comunicação e limites	
Pai	<p>“Às vezes, acho que na hora ela fica nervosa e tenta debater, como ela falou. Mas quando vê que não tem mais jeito, ela se recolhe e fica na dela. Mas ela tenta. (...) É, mas tem umas jogadas dela. Um pouco do choro pedindo...”</p>

Mãe	<p>“O “ficar na dela” que ele diz é já não discutir. Não fica com cara feia. Volta tudo ao normal.</p> <p>(...) Não tem muitas coisas que ela pede fora do que é permitido. Ultimamente, só voltar mais tarde, quando sai. Bate um pouco o pé.</p> <p>(...) Se falar não, ela quer que explique e justifique a opinião. Não adianta vir com historinhas, tem que ter base no que se está falando. Senão, ela vai continuar insistindo.”</p>
Adolescente	<p>“Eu sempre choro. Mas entendo depois. É normal, não sei. Antes eles me proibiam muito, mas é porque eu era pequena. Aí foram me soltando e hoje, quando me proíbem, eu questiono porque fazem isso, então me explicam ‘porque não é certo, não é sempre que você vai poder’. (...) Quando os limites eram maiores eu chorava também. Um pouquinho. Mas meia horinha só. Aí depois meus pais vinham me abraçar.”</p>

Na análise quantitativa, a macrocategoria comunicação intrafamiliar apontou uma imensa disparidade entre os membros da pesquisa. As narrativas da família 2 representam muito proximamente as diferenças identificadas na percepção de pais, mães e adolescentes que através dos questionários mostraram que a mãe tende a manter diálogo mais aberto do que o pai e os filhos. A mãe, demonstra em suas falas, ser bastante aberta no que trata da comunicação familiar, a não ser por um período quando falar sobre drogas era difícil por conta do episódio específico com a filha. Atualmente, esse assunto é conversado naturalmente. Conversas sobre sexo, assuntos familiares e mesmo a compreensão sobre a comunicação não-verbal da filha não apresentam desafios para a mãe. O pai por outro lado, se reconhece sua dificuldade em manter diálogos totalmente abertos com a filha, alegando que a jovem é um tanto quanto retraída. A adolescente, apesar de reconhecer que tem na família espaço para conversar e esclarecer qualquer assunto, diz que não se abre totalmente, se mostrando seleta em relação aos assuntos que aborda com os pais e os que discute com amigos.

As narrativas da família moderada com relação aos limites, reforça os indicativos da pesquisa de que a família fortalezense ainda tem maior dificuldade para abordar assuntos sobre sexo do que drogas.

Podemos observar também que apesar da filha classificar como boa e muito aberta a comunicação que possui com dentro da família, ela adota padrões de comunicação truncados. Quando a adolescente quer conseguir algo ou discutir os limites aos quais está sujeita, ela não utiliza apenas o diálogo e a argumentação mas adota comportamentos um tanto imaturo, como o choro.

De acordo com Ellis (1997), os pais mais tolerantes e com dificuldade de estabelecer limites “não o fazem porque são negligentes ou simplesmente não se importam” (p. 53). Muitas vezes os filhos percebem como podem conseguir determinadas vantagens e benefícios e lançam mão de tais artifícios para conseguir o que querem.

Diagrama 9 – Grau de liberdade – Família mais preocupada em relação aos limites.

Grau de liberdade	
Pai	<p>“Ele terá sempre liberdade vigiada em toda fase em que eu entender de que há uma necessidade. Isso muito que liberdade, ele tem liberdade naquilo que a gente... Que a gente tem a certeza que não vai trazer nenhum problema pra ele. (...) nessa idade, ele não pode estar solto sem a gente impôr algumas regras, alguns horários, alguns parâmetros de que ele tem que cumprir. (...) ele não tem essa liberdade lá, eu também não tenho (...) a vida me impõe alguns limites.</p> <p>(...) Essas liberdades são dadas pelo tempo e pelo aprendizado que ele vem adquirindo.”</p>
Mãe	<p>“Essa liberdade é realmente conquistada. Depende muito, se ele puder lidar com isso. Ele foi criado tendo que me dar satisfação das coisas, né? Como sempre, a gente... Ele tá sempre observado. (...) Como ele é muito ligado, já entende. Mas ele criou esse hábito de falar, de dizer que tá saindo (...) sabe que tem que chegar naquela hora.”</p>
Adolescente	<p>“Eu acho que eu tenho a liberdade que eu preciso assim, nessa faixa de idade. Que deixa um pouco mais de liberdade só que interfere no que tá errado assim. E não é nem essa, essa ... Não é nem interferência. É interferência no que precisa. Em algum caso que eles vêem que não vai influenciar em nada, eles deixam assim, mas antes eles conversam ‘Ó, não pode assim’. E eu acho que adequado pra... essa minha liberdade com essa idade.”</p>

Pai e mãe demonstram através de suas narrativas que a liberdade do filho adolescente é restrita mas que ela corresponde às suas capacidades nesse momento da vida. Eles apresentam ter posturas semelhantes sobre o que concerne o tema. De acordo com os pais, a liberdade é conquistada pelo filho à medida em que ele vai crescendo, mas sempre resguardando à eles – pais – a possibilidade de intervir quando assim pensarem necessário. O pai afirma também que o filho deve entender a necessidade de conviver com os limites estabelecidos na família para melhor lidar com as limitações que a vida de modo geral impõe ao indivíduo de qualquer idade.

Podemos observar que o filho por sua vez acha que tem a liberdade que precisa ter nessa idade, tendo permissão para determinadas coisas mas ainda sendo sujeito das interferências do pai e mãe nos momentos em que esses julgam que o filho se aproxima de escolhas erradas.

A adolescência é o período crítico para o indivíduo buscar mais liberdade e confrontar os limites estabelecidos. Por isso, segundo Furtado (2009), é fundamental que os pais tenham nos contatos diários, em conversas e na conduta familiar colocado o filho em contato com conceitos de responsabilidade, liberdade, amor e respeito.

Passamos a seguir, à análise da família moderada em relação ao limites e suas percepções quanto ao grau de liberdade do adolescente.

Diagrama 10 – Grau de liberdade – Família moderada em relação aos limites.

Grau de liberdade	
Pai	“Ela tem liberdade vigiada. Vai conquistando aos poucos. Agora está dentro do que ela pode administrar. Daqui a pouco já faz dezoito (anos).”
Mãe	“É conquistada. E controlada também... (...) Acho que está de acordo com a idade dela.”
Adolescente	“É o bastante. Eu tenho muita liberdade. Muita. Mas, assim, não dá para explicar. É uma liberdade que... Por exemplo, tem gente na minha sala que sai e volta às cinco horas da manhã. Eu não tenho isso de jeito nenhum.”

Podemos perceber que as narrativas da família 2 mostram posicionamentos muito mais frouxos com relação à liberdade da filha. A idade da adolescente é colocada como fator determinante no processo. É possível observar que o pai considera que os dezoito anos (ainda a serem completados pela filha) representa um grande marco na conquista da liberdade e responsabilidade da filha. Eles afirmam que a aquisição de maior liberdade foi vigiada inicialmente e conquistada com o passar do tempo. Segundo os pais, a adolescente tem condições de administrar a liberdade que possui. A filha entende que tem bastante liberdade mas não tanto quanto outros adolescentes da sua idade. No entanto, podemos observar uma semelhança entre as percepções dos membros da família no que diz respeito ao grau de liberdade que a jovem deve ter.

Dessa forma, as narrativas da família entrevistada não correspondem aos resultados quantitativos, que apontaram a macrocategoria como a que apresentou maior diferença entre as percepções de pais e filhos.

Diagrama 11 – Relacionamento Familiar – Família mais preocupada em relação aos limites.

Relacionamento Familiar	
Pai	“A gente é muito aberto com ele, a gente conversa muito. (...) Nós temos que, conversar, mostrar a ele. E é isso que a gente tem feito com ele e eu acho que tem dado certo. (...) Os pais hoje eles não têm tempo para o filho, não têm tempo de conversar com ele. Eu sou muito ausente. A educação dele é muito mais acompanhada no dia-a-dia pela Lucia*. Mas eu não tem um dia que eu não ligue pra ele. Pra mesmo longe, ele sentir que eu estou presente.”
Mãe	“A gente sempre procurou lê muito sobre educação. A gente sempre procurou lê muito sobre educação. Ele fala pra gente (...) a gente respeita.”
Adolescente	“Os meus pais conversam (...) eu falo. Tem conversa.”
Entrada na adolescência	
Pai	“(A adolescência) é a hora que ele começa a contestar as coisas. Antes ele aceitava todas elas sem contestar, hoje ele contesta. E a gente não tá sofrendo muito isso, porque toda vida a gente deixou essa palavra pra ele também. (...) A gente conversa, a gente lê pra ele as coisas... Enfim, a gente se comunica com ele.”
Mãe	“(Na adolescência) não, não é que muda, não. A gente ainda tá nesse período de transição.”
Adolescente	“Que eu tenha percebido mudou (com o início da adolescência) o horário de dormir (...) antes era um limite. Mas agora, é mais conversado. Em relação ao colégio, antes, qualquer coisa (...) minha mãe ia lá. Agora não, ela já fala: vai lá conversar com a coordenadora. Eu já tenho mais, tipo independência. Meus pais (...) me deram depois que eu cresci um pouco, essa autonomia.... Mas tudo assim controlado.”

O relacionamento da família mais preocupada com o estabelecimento dos limites é descrito por todos como bom e aberto. Os pais relatam que o filho tem espaço para sempre que precisar buscá-los para conversar e que eles estão sempre buscando estar próximos ao adolescente afim de orientá-lo. O pai, sugere que atualmente existe uma dificuldade das famílias em encontrar tempo para educar os jovens. Ele afirma que mesmo trabalhando distante busca estar em contato diariamente para não descuidar do relacionamento com a família. A mãe diz que busca se informar para melhor lidar com a educação do filho, tarefa que considera desafiadora, mas quanto à entrada do filho na adolescência afirma que as mudanças ainda não foram percebidas. O pai discorda e diz que já é possível perceber uma maior contestação nas atitudes do adolescente mas o processo tem sido tranquilo por conta da base desenvolvida por eles.

O filho percebe o relacionamento com os pais aberto. Ele diz que os pais tanto conversam quanto escutam o que ele tem a dizer. Quanto à transição para a adolescência, ele acredita que conquistou um pouco mais de liberdade em relação às escolhas e mais responsabilidade sobre alguns de seus atos. No entanto, diz que foi bem pouco e tudo ainda bem monitorado pelos pais.

Ellis (1997), afirma que a interferência dos pais na relação entre os filhos e as consequências decorrente da sociedade em que vivem, envia “uma mensagem sobre o grau de confiança na capacidade dos filhos de lidar com a situação de modo competente” (p. 61). Portanto, o relacionamento de confiança no filho começa ao permitir que ele aos poucos vá se tornando responsável por determinadas tarefas. Essa atitude colabora para que o jovem não se torne o que a autora classifica como “filhos subdesenvolvidos”.

Vejamos a seguir as percepções da família moderada quanto ao estabelecimento de limites.

Diagrama 12 – Relacionamento Familiar – Família moderada em relação aos limites.

Relacionamento Familiar	
Pai	“A gente procura conversar. Ela (a filha) é muito fechada. (A educação) tem controle.”
Mãe	“Existe o diálogo dentro de casa. (...) a gente conversa muito. (...) sou muito aberta. Tem um controle. (...)Ela é quem decide. Ela não fala. Ela é diferente. Hoje é que ela fala mais coisas assim, com muito sacrifício. (...) Ela é mais fechada. Ponho-a pra escutar. (...) Pra mim fica tudo um pouco mais difícil por não ter essa confiança total nela. (...)”
Adolescente	“Somos muito próximos.(...) É tudo junto. (...) sou muito unida à minha família, com a minha mãe... Não tem nada que a gente não converse. (...) Têm coisas que eu não conto.”
Entrada na adolescência	
Pai	“Foi uma entrada na adolescência mesmo, que causou um trauma. Imagina uma menina assim que, com 12 anos, e a mãe ficava em casa... (referindo-se ao episódio da droga)”
Mãe	“Foi uma entrada na adolescência carregada pelos agravantes da sociedade contemporânea, por todos esses perigos hoje em dia. Então houve, realmente, essa mudança que trouxe essa implementação de limites muito mais rígida. (...) O limite foi imposto mesmo. Agora está uma coisa bem tranquila. Havia certa rebeldia (da filha em aceitar) mesmo.”
Adolescente	“(...) foi mudando à medida em que foi entrando a adolescência. Sim, com certeza. Era, muito mais... era mais limitado. Conforme vou dando a confiança, aí eles vão... mudando”

Podemos que observar que o relacionamento na família passou por um episódio muito marcante (o contato da filha aos 12 anos com droga) que ainda hoje reflete na forma como os pais lidam com a adolescente. Percebe-se que a relação ficou um tanto quanto fragilizada, com marcas profundas que arranharam a confiança que os pais têm na jovem. O

relacionamento também ficou um tanto confuso, apresentando alguns paradoxos . Ao mesmo tempo que a mãe diz manter controle na educação da filha, o que também é reforçado pelo pai, delega à adolescente o poder de escolha sobre uma série de decisões. Eles também alegam que a filha é muito fechada, sendo difícil conseguir com que ela se abra totalmente mas garantem manter um relacionamento aberto, permeado pelo diálogo. A mãe afirma colocar a filha para ouvir mesmo quando a jovem não quer falar sobre determinados assuntos, porque dessa forma pode fazer seu papel de educadora e alertá-la sobre o que considera necessário.

A filha não faz nenhuma menção ao ocorrido no início de sua adolescência e diz manter um relacionamento próximo com os pais, tendo abertura para conversas apesar de nem sempre falar tudo à família. Para a jovem, a entrada na adolescência trouxe algumas aberturas de limites à medida que ia ganhando a confiança dos pais.

Para pai e mãe, a fase transitória trouxe a necessidade de limites mais fortes. No entanto, essa implementação foi reflexo da descoberta de que a filha era assediada por usuários de droga e estava muito próxima de fazer uso da substância. Segundo os pais, a supervisão que achavam ser necessária se mostrou insuficiente para proteger a filha dos perigos da sociedade contemporânea.

No resultado quantitativo da macrocategoria, todos os grupos pesquisados identificaram o relacionamento familiar entre eles como bom. Dessa forma, as narrativas da família entrevistada não são compatíveis com tais resultados, mas ilustram muito fortemente as consequências da quebra de confiança entre pais e filhos. É possível observar que o relacionamento dessa família, ainda reflete os efeitos da decepção sofrida no passado. O medo de confiar no outro impede a total abertura do diálogo e da transparência na relação entre os membros.

Diagrama 13 – Práticas educativas – Família mais preocupada em relação aos limites.

Limites	
Pai	<p>“A maioria das famílias perderam a vontade de educar, de criar, de educar. Eu acho que tem muito filho pra pouco pai. Não é brincadeira você educar um filho nos dias de hoje. Tem que dedicar tempo, paciência, experiência. (...) e as famílias realmente não estão com muita vontade de perder tempo nisso não. A investir na educação. (...) entendendo assim, eu procurei não abrir mão da educação do meu filho. Quem educa ele sou eu, tá? Procurando ouvi-lo, conversando com ele, mas sempre dizendo a ele que por enquanto, enquanto ele, ele não tiver com a... no meu modo de ver, com a sua experiência, com a sua educação formada, ele terá que, que obedecer aos parâmetros que são posto em casa. Uma coisa que eu acho que nós temos que fazer é... ao dizer o não manter o não. Se o não é dito pela mãe o pai tem que manter e vice-versa.”</p>
Mãe	<p>“(Parece que as famílias) não têm disponibilidade de orientação... aí... É preciso conversar, né? (...) Lógico, a gente quer o melhor pro filho da gente, né?”</p>
Adolescente	<p>“Tem vários tipos de limites. Ele é negociado (...). Não deixa de ser limite. Não vai ficar tudo bem entre a gente se eu não fizer aquilo. A gente conversa, aí eles explicam. É... Que é um limite, é um limite. Mas tem toda essa conversa entre a gente. (...) alguns amigos, os mais próximos, que eu conheço os pais, (...)eu percebo que a educação é muito parecida. Que na minha opinião é o jeito certo de se educar. Só que tem uns que (...) é muito livre. Eles (os pais) não controlam, e se controlam de um modo errado.</p>
Transgeracionalidade	
Pai	<p>“A minha vó dizia que você tinha que ao criar o filho, era educar e rezar. Tem algumas pessoas que tão só rezando. E esquecendo de educar. Nós aqui rezamos muito mas não abrimos mão de educar. Isso é um direito que nós temos, e principalmente um dever. Eu digo: ‘Meu filho, a única educação que eu recebi é a que eu posso passar pra você. Se você quiser mudar lá na frente, você muda lá na frente, agora não’. (...) Mas (a educação que recebi) era uma coisa totalmente diferente. Eu apanhei muito. A minha mãe não conversava, meu pai não conversava, era muito ausente. Eu não posso fazer isso com o (filho) depois de ter vivido o que eu vivi, de ter lido o que eu li. Tem outras formas de que conseguir educar ele, a minha mãe não conhecia essa forma.”</p>

Mãe	“Em relação a minha criação? Eu acho que a minha (educação) foi bem diferente em muitas coisas. (...) Mas faltou muito diálogo, sabe? Faltou muito, muita conversa, muito diálogo, esse negócio. (...) No caso de drogas, de sexualidade, não sei o quê. Isso não existia, eu aprendi tudo na rua. Dentro de casa não... Ah, eu acho. (...) Acho que eles poderiam ter cobrado coisa de estudo mesmo. (...) Então, eu acho isso importante.”
Adolescente	“Eu acho que (vou educar os filhos que tiver) do mesmo jeito que meus pais me educaram. Porque eu acho que é o jeito certo, o melhor modo de se educar. Muito parecido. A educação dos meus filhos vai ser muito parecida.

É possível observar através da análise das narrativas da família mais preocupada com a questão dos limites no processo educativo, que pai e mãe acreditam que cabe à família a responsabilidade pela educação dos filhos. Os pais defendem o uso do diálogo constante na educação, como forma de ouvir as necessidades do filho mas também para explicar porque os limites são colocados e usando a conversa como ferramenta para passar regras e ensinamentos. No entanto, afirmam que a decisão final cabe à eles como pais, por entenderem que o filho ainda não possui maturidade suficiente e que deve assim seguir as regras estabelecidas pela família. O adolescente por sua vez, percebe que tem espaço para argumentar e que tem sua opinião escutada. Ele encara os limites estabelecidos como organizadores da relação e afirma que eles são negociados na vivência familiar.

No que diz respeito à influência da transgeracionalidade, mãe e pai, pensam que a forma como foram criados tem papel fundamental na maneira como educam o filho. O pai encontra referencial na educação que recebeu buscando equilibrar com os recursos aos quais tem acesso, e segundo a sua opinião seus pais não possuíam. A forma como foi educado não causou uma inversão de valores, mas possibilitou uma triagem entre o que contribuiu com seu crescimento e o que não deve ser repetido por ele com o filho.

A mãe diz que sentiu muita falta do diálogo com os pais e de certas exigências quanto ao seu desempenho, pontos que considera importante no processo de educação. O adolescente, afirma que pretende eventualmente educar os filhos da mesma forma como é educado pelos pais. Segundo ele, considera que seja a maneira mais correta.

Diagrama 14 – Práticas educativas – Família moderada em relação aos limites.

Limites	
Pai	<p>“Nós tivemos um problema grave com a Luiza*. (A mãe) foi arrumar a roupa dela assim, (...) viu, um carocinho assim (...) na roupa dela lá. E surgiu, (...) aquele negócio (o papelote de droga). O mundo caiu dentro da minha casa, né. E quando eu olhei aquela agenda dela... (...) Diário... Ela escrevia tudo. (...) ela dizia que ela vinha resistindo, resistindo, resistindo e tal, e que no dia que a (mãe) pegou, ela (a filha) falou: ‘Hoje... vai ser hoje. Eu vou usar pela primeira vez...’. Foi aí que fomos fazer uma investida no mundo dela, nós entramos no mundo dela. Uma coisa que a gente respeitava muito. O cara chegou na porta do prédio, entregou...”</p>
Mãe	<p>“Ela tinha completado 12 (anos) há pouco tempo. (...) ela queria fazer parte do grupo. E pra fazer parte do grupo, ela tava mentindo há muito tempo que ela usava (droga), ela fantasiava... Então, existia uma liberdade tanto a respeito de privacidade, toda uma interação e aí acontece um baque que te alerta pra necessidade de implementar limites maiores. Tirei de imediato da escola. Durante um período “ah, vou à tarde ao shopping com o pessoal”. Ah, não vai! Porque eu não sabia em quem confiar, em quem não confiar. (...) então aquele período foi cortado. Totalmente. Cortei tudo.”</p>
Adolescente	<p>“Não sei explicar, mas assim, desde que eu era pequena, minha mãe deixou claro tudo sobre o que eles aceitavam e tudo o que eles não aceitavam. Tem coisas que não mudam de jeito nenhum”.</p>
Transgeracionalidade	
Pai	<p>“Eu fui mais preso, era muito rigoroso. Tinha um medo do meu pai e da minha madrasta, era um estresse que eles causavam. Minha mãe era tranquila. Mas tive uma criação bem difícil.(...) Ela (a esposa) foi o contrário, mais liberdade do pai e da mãe. Na hora de criar, talvez inverteu o negócio. Como fui muito preso, tento dar um pouco mais de liberdade. Ela acha que tem que travar.(...) Meu pai me podava muito. Todo dia ele conferia tudo, o que fiz na escola, o que não fiz. Não tinha fim de semana nem férias, ele passava redações durante os trinta dias, que achava muito pra mim. Nisso aí, eu fiquei mais mole e ela endureceu. Inverteu o negócio.”</p>
Mãe	<p>“Acho que dei sorte, tive de tudo, só que na minha época não tinha droga. Eu queria sair pra dançar, rir e me divertir, soltar bombinha na casa dos outros. Era diferente. Não era bebida alcoólica. E hoje tá cheio. (...) E ele acaba sendo bonzinho demais.</p>

Adolescente	“(A educação dos filhos que eventualmente tiver) Acho que vai ser igual. Talvez eu não limite tanto. Acho que é desse jeito. (...) Vou amenizar um pouco. As coisas que achei que foram erradas comigo, vou tentar. Às vezes, a gente fala que vai fazer e... Mas eu vou tentar. A questão da liberdade será do mesmo jeito, aos pouquinhos, até a hora em que eu achar certo. Mas não tenho nada do que reclamar.”
-------------	--

A família 2, considerava o estabelecimento de limites na educação dos filhos algo tranquilo, até encontrar uma pequena quantidade de droga (cocaína) com a filha então com 12 anos. Com a descoberta, os limites estabelecidos até então tiveram que ser totalmente revistos.

O pai várias vezes usa a expressão ‘o mundo caiu na minha casa’, uma metáfora forte para explicar que todas as atitudes precisaram ser reconsideradas. Entre ela, as regras estabelecidas pela família, a confiança entre pais e filhos e a forma de lidar a partir daquele momento com a realidade ameaçadora dos riscos com os quais os filhos convivem no mundo externo ao lar. A adolescente foi transferida de escola pelos pais que também recorreram à serviço de atendimento psicológico.

A mãe afirma que sempre deu muita liberdade para que os filhos tivessem o seu espaço em casa, jamais olhando nos pertences deles. Quando buscou na bolsa e gavetas da filha descobriu que a jovem recebia droga no portão do condomínio, na escola e em festinha de aniversário, e chegou a marcar por telefone com uma amiga o uso da substância na própria casa.

A adolescente, em nenhum momento durante a entrevista fez menção à experiência. Ela afirma que as regras na família sempre foram colocadas e que os pais explicitavam os limites do que se podia ou não fazer.

Quanto a educação recebida quando jovens, os pais demonstram pensar que influenciou de alguma forma na sua maneira de educar os filhos hoje. No entanto, eles

percebem uma inversão de comportamentos. O pai diz que a educação rígida recebida por ele, o tornou um pai mais tolerante e permissivo que tenta dar mais liberdade aos filhos hoje por não ter tido em sua juventude. Ele acha que o fato da mãe, ter tido uma educação mais livre a faz ser mais exigente com os filhos. A mãe tende a concordar, mas diz que os perigos são maiores nos dias de hoje do que quando ela era jovem.

A filha adolescente, ao ser questionada como pensa educar os filhos que vier a ter, cogita agir da mesma forma que foi educada. Ressalva no entanto, que dará um pouco mais de liberdade aos filhos mas, será gradual como diz ter sido com ela.

V – CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da presente pesquisa, que teve como objetivo verificar a percepção de pais e filhos de famílias de classe média sobre os limites estabelecidos no processo educativo, é possível tecer algumas considerações, seja pelos dados apresentados, seja pela contribuição em apontar nossos caminhos para novas investigações e questionamentos.

De acordo com os dados apresentados, verificou-se que pais e mães apresentam nível de concordância semelhantes na grande maioria das questões investigadas. Os filhos adolescentes no entanto, mostraram discordar dos pais em diversos aspectos do processo de vivência dos limites, principalmente aqueles que ficam além do espaço do lar. Uma clara demonstração de que é fora de casa que os jovens tendem à buscar experiências de maior liberdade testando possibilidades que em geral são monitoradas pelos pais dentro do mundo doméstico.

De acordo com os resultados apresentados na macrocategoria mundo doméstico, foi possível perceber que o estabelecimento de limites nesse âmbito é bem definidos pelos cuidadores e percebida de forma semelhante pelos filhos. Foi possível perceber que na microcategoria horário de dormir, o fator escolar tem peso marcante tanto no comportamento dos pais quanto nos dos filhos. A preocupação com a educação e o bom desempenho escolar

também foi tido como relevante em outras áreas do cotidiano familiar onde estão associados ao cumprimento de regras e limites. Compreendendo a escola como um dos microsistemas mais próximos da família, podemos afirmar que a responsabilidade sobre assuntos escolares delegada ao jovem, é um dos processos que contribuem com o desenvolvimento da autonomia e ponte para a vivência na sociedade.

Observamos ainda nos resultados relacionados ao mundo doméstico, a privacidade como outro aspecto intinsicamente ligado aos limites na família. Essa variável surgiu na parte qualitativa da pesquisa como um dos pilares de referência em relação aos limites. A família mais preocupada com a questão pesquisada, associa o direito à privacidade ao amadurecimento do adolescente que ainda está por vir, dentro do seu tempo de desenvolvimento. Os pais da família moderada quanto aos limites, acreditavam no respeito ao espaço da filha até descobrir que a adolescente mantinha em seus pertences amostras de comportamento que desafiava os limites que esses pensavam ter estabelecido, e caminhava há algum tempo no mundo da drogadição. A adolescente aos 12 anos, embora não tenha chegado a consumir, possuía consigo utensílios de consumo e chegou a receber pequenas quantidades de droga. A descoberta dos pais não apenas mudou a forma como a família passou a lidar com a privacidade e os limites, mas alterou de maneira intensa as relações entre pais e filha. Percebemos a partir da experiência relatada, que os limites acertados dentro da relação familiar caminham paralelamente à confiança desenvolvida entre seus membros.

Essa foi ainda uma das poucas variáveis em que a análise quantitativa apontou divergência entre as opiniões de pais e mães. De acordo com as respostas, os pais permitem aos filhos menos privacidade do seu espaço enquanto as mães demonstram respeitar mais que os adolescentes mantenham sua intimidade preservada. A família é um dos microsistemas que pode atuar diretamente na promoção do desenvolvimento das capacidades e potencialidades do adolescente enquanto indivíduo autônomo e responsável, no entanto como

afirma Bronfenbrenner (1996, 1998), a passagem do poder deve ser gradual à medida em que o indivíduo em desenvolvimento tenha condições para lidar com as responsabilidades associadas à conquista.

A macrocategoria comunicação familiar foi outra área que apresentou diferença entre os resultados dos participantes. Apesar de nas narrativas das famílias haver a constante reiteração de que o diálogo é muito aberto entre todos, o resultado quantitativo apontou grande disparidade entre as opiniões dos pais, mães e filhos. As mães indicaram procurar manter um canal aberto de comunicação com os filhos, enquanto os pais indicaram que têm menos disposição para abordar assuntos com os filhos. Os adolescentes por sua vez afirmaram que a comunicação entre os membros da família é mediana e que mesmo nas ocasiões que sabem poder contar com os pais, não os buscam tão facilmente para conversar.

A macrocategoria grau de liberdade indicou a maior diferença entre as respostas de adolescentes e pais. Os jovens afirmaram querer mais liberdade do que os pais pensam que os filhos deveriam ter. Os adolescentes demonstram pensar dessa forma, que os pais impõem mais limites do que deveriam. É preciso observar que no entanto, nem sempre o adolescente compreende que mais liberdade está associada à maior responsabilidade. Assim, a aspiração por mais permissão para agir independente dos pais, vem disassociada da condição de ter ou não capacidade para lidar com as consequências dos atos, mas é simplesmente movida pelo desejo de ser livre do poder dos pais.

Outros resultados apontados como significativos na pesquisa foram os ligados à questão de ficar ou namorar. Enquanto os filhos apontaram achar comum e até saudável ‘ficar’, os pais ainda preferem que os jovens priorizem relacionamentos compromissados. Em relação ao diálogo sobre drogas e sexo, o primeiro assunto é tratado com frequência pelos pais. Já em relação à conversa sobre sexo, os pais se mostram ainda reservados e tendem a deixar que os filhos busquem informações na escola, nos livros e entre amigos.

No comparativo entre as famílias participantes do estudo qualitativo, podemos estabelecer alguns paralelos. Um dos contrastes percebidos foi na questão do uso do telefone. Enquanto os pais da família mais preocupada com os limites, resistem aos apelos do filho para ter um aparelho celular quando esse argumenta que seus colegas possuem um, os pais da família moderada em relação aos limites se utilizam exatamente deste argumento para presentear a filha com um telefone. Na contemporaneidade, é inegável que a implementação dos limites no processo educativo trava um embate com as pressões dos padrões de consumo vividos na sociedade e que os pais são desafiados constantemente ao tentar sustentar os limites junto aos adolescentes. Dessa forma, as famílias têm mais um desafio no processo de educação dos filhos.

Observamos que a família mais preocupada em relação aos limites aplica regras bastante consistentes, age com mais controle e permite ao filho pouca liberdade. No entanto, a comunicação é fluente e o filho mostra-se hábil, articulado e potencializado. As regras de convivência parecem já ter sido internalizadas pelo adolescente que indica concordar com os cuidados do pai. Os membros da família demonstram ser muito próximos uns dos outros, sendo a relação dessa forma permeada pela afetividade e pelo cuidado.

A família moderada permite à filha mais liberdade para tomar uma série de decisões e muitas vezes transita entre o comportamento mais permissivo, a inconsistência ou frequente revisão dos limites colocados, e o controle. É possível perceber muitas vezes a falta de transparência na relação, que ficou marcada pela insegurança dos pais em relação ao comportamento da filha. Ainda assim, o relacionamento é de zelo e permeado pelo carinho entre eles.

A partir dos resultados do estudo foi possível também verificar que a transgeracionalidade configura-se como fator de grande importância na educação dos adolescentes. A educação recebida pelos pais é um dos elementos de marcante influência na

forma como estes decidem seus posicionamentos em relação aos limites estabelecidos no processo educativo dos filhos. Seja como referencial das práticas a serem modificadas ou repetidas, as famílias confirmaram buscar nas experiências anteriores parâmetros para lidar com situações vividas atualmente na família.

Sabemos que o contexto familiar, na sua função inicial, se configura como fator de proteção para o desenvolvimento saudável do indivíduo. Este ambiente ecológico deve ser acolhedor às transformações pelas quais passam o filho em desenvolvimento e oferecer apoio, abertura de espaço para comunicação fluente e orientação constante durante esse processo de tantas incertezas e possibilidades. A família também deve poder oferecer ao adolescente espaços propícios para o estabelecimento de relações afetivas e seguras, com reciprocidade e estabilidade, nas quais construirão suas bases de segurança. Tais relações constituem processos proximais significativamente relevantes para o auto-conhecimento e a saúde mental individual, servindo de modelo e base segura para todas as trocas e relações sociais ao longo do ciclo vital.

O presente estudo não encerra as diversas questões referentes ao tema discutido aqui. Não foram consideradas algumas variáveis relativas aos sujeitos da pesquisa. Devido a amostra ter sido pequena, não houve a possibilidade de comparar a questão de gênero dos participantes – tanto considerando o adolescente sujeito da implementação dos limites, quanto se tal condição influencia a forma como os pais lidam com o processo. Outro aspecto não explorado, diz respeito à configuração familiar. Apesar da amostra contar com a participação de famílias em que ambos os pais responderam aos questionamentos e famílias em que apenas um dos responsáveis participou da pesquisa, tal variável não foi considerada no momento de analisar os resultados obtidos, apesar das possíveis implicações dessas condições na maneira como pais e filhos vivenciam os limites.

Sugerimos dessa forma, que na ocasião de novos estudos sobre a temática, que haja a comparação entre as diversas formas em que a família brasileira é configurada atualmente. Ainda sugerimos que a comparação do processo de estabelecimentos de limites seja estudados comparando famílias de diferentes condições socioeconômicas para que se estabeleça um paralelo comparativo com tais dados. Entendemos que esses aspectos, além de outras características familiares subjacentes, podem fornecer informações adicionais importantes para a compreensão do fenômeno em questão.

Recomendamos ainda, que novas pesquisas possam ser desenvolvidas em outros grandes centros do país com o intuito de investigar os limites no processo educativo entre pais e filhos adolescentes. A partir da obtenção e comparação de diversos resultados será possível ter um melhor conhecimento de como as famílias brasileiras vivem esse processo tão fundamental para o desenvolvimento do indivíduo e marcante no contexto familiar.

A família é considerada o primeiro núcleo de socialização do indivíduo e têm influência determinante em seu desenvolvimento. A relação entre pais e adolescentes é caracterizada por uma enorme complexidade, sendo indispensável ao seu funcionamento a promoção de um ambiente incentivador, protetivo e seguro, no qual esses indivíduos em desenvolvimento possam aprender e se desenvolver.

Referências

- Aberastury, A. & Knobel, M. (1981). *Adolescência Normal*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Ariés, P. (1981), *História Social da Família e da Criança*, Rio de Janeiro, Zahar.
- Bateson, G. et al. (1980). *Interacción familiar*. Argentina, Ediciones Buenos Aires.
- Bartle, S. E., Anderson, S. A., & Sabatelli, R. M., (1989). A model of parenting style, adolescent individuation and adolescent self-esteem: Preliminary findings. *Journal of Adolescent Research*. 4(2), 283-298.
- Biasoli-Alves, Z. M. M. (2004). Pesquisando e intervindo com famílias de camadas diversificadas. Em C. R. Althoff, I. Elsen & R. G. Nitschke (Orgs.), *Pesquisando a família: olhares contemporâneos* (pp. 91-106). Florianópolis: Papa-livro.
- Boszormenyi-Nagy, I. & Spark, G. (1973) *Invisible Loyalties*. New York, Ed. Harper.
- Brasil, V. R. (2004). A recuperação da pessoa dependente de drogas: o impacto do seu processo de mudança na família. *Fam. Comunidade*, 1(1), 105-124.
- Bronfenbrenner, U. (1996). *A Ecologia do Desenvolvimento Humano: Experimentos Naturais e Planejados*. Porto Alegre, Artes Médicas.
- Bronfenbrenner, U. & Morris. P. A. (1998). The ecology of developmental processes. In W. Damon (Series Ed.) & R.M. Lerner (Volume Ed.), *Handbook of child psychology: Theoretical models of human development* (V.1, pp. 993-1027). New York, NY: John Wiley & Sons.
- Bucher-Maluschke, J. S. F. (1999). O casal e a família sob novas formas de interação. Em Féres-Carneiro, T. (Org.). *Casal e família: entre a tradição e a transformação*. Rio de Janeiro.
- Bucher-Maluschke, J. S. F. & Veloso, F. N. (2006). Infância e Adolescência: transformações na estruturação de fronteiras em quatro gerações. In: Maria Cristina Lopes de Almeida Amazonas; Albenise de Oliveira Lima; Cristina Maria de Sousa Brito Dias. (Org.). *Mulher e Família: Diversos Dizeres*. 1a ed. São Paulo: Oficina do Livro, v. 1, p. 235-252.

- Cervený, C. M. de O, & Berthoud, C. M. E. (2002). Visitando a Família ao Longo do Ciclo Vital. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Creswell, J. (1994) Research design: qualitative and quantitative approaches. Beverly Hills: Sage Publications
- Drummond, M. C. C., & Drummond Filho, H. C. (1998). Drogas: a busca de respostas. São Paulo: Loyola
- Ellis, E. (1997) Educando filhos responsáveis. São Paulo: Editora Ática
- Erikson, E. H. (1979). Identidade, juventude e crise. Rio de Janeiro, Zahar.
- Erikson, E. H. (1993). Childhood and society. New York: W. W. Norton
- Freire, P. (1998). Pedagogia da Autonomia. São Paulo, Ed. Paz e Terra.
- Furtado, N. R. e cols (2009) Limites – entre o prazer de dizer sim e o dever de dizer não, Porto Alegre, Artmed.
- Guttmann, J., & Rosenberg, M. (2003). Emotional intimacy and children's adjustment: A comparison between single-parent divorced and intact families. Educational Psychology. Vol 23(4), 457-472.
- Hoppes, S. (2005). Meanings and Purposes of Caring for a Family Member: An Auto-ethnography. American Journal of Occupational Therapy. Vol. 59(3), 262-272.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas. Brasil, 2009. Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2009 Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/pense/default.shtm>. Acesso 10/02/2010
- Lord, N., Summers, L., & Turnbull, J. (2004). Boundaries in family-professional relationships: Implications for Special Education. Remedial and Special Education, 25(3), 153-165.
- Jablonski, B. (2007). O cotidiano do casamento contemporâneo: a difícil e conflituosa divisão de tarefas e responsabilidades entre homens e mulheres. In: Ferés-Carneiro, T. Família e Casal, saúde, trabalho e modos de vinculação. São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Jick, T. D. (1979). Mixing Quantitative and Qualitative Methods: triangulation and action: *Administrative Science Quarterly*, 24: 602-611. In: Plano Clark, V. L. & Creswell, J. W. (2007). *The mixed methods reader*. Sage Publications.
- La Taille, Y. (2002). *Limites: Três dimensões educacionais*. São Paulo, Editora Ática
- Maldonado, M. T. (1997) *Comunicação entre Pais e Filhos: a linguagem do sentir*. São Paulo: Ed. Saraiva.
- Martins, C. S., Ferriani, M., Silva, M., Zahr, N., Arone, K., & Roque, E., (2007). A dinâmica familiar na visão de pais e filhos envolvidos na violência doméstica contra crianças e adolescentes. *Rev. Latino Americana de Enfermagem*, 15(5), 889-894.
- Minayo, M. (2005). *Avaliação por Triangulação de Métodos*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.
- Minayo, M. (2003) *Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social*. In Minayo, M. (Org.) *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes
- Minuchin, S. (1980). *Famílias, funcionamento e tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas
- Monteiro, E. (2009). *Criando adolescentes em tempos difíceis*. Summus Editorial.
- Moré, C. L., Crepaldi, M. A., Queiroz, A. H., Wendt, N. C., & Cardoso, V. S. (2004). As representações sociais do psicólogo entre os residentes do programa de saúde da família e a importância da interdisciplinaridade. *Psicol. Hosp.*, 1(1), 59-75.
- Mota, R. L. B. (2005). Trauma: impacto da família na estruturação psíquica. *Psicanálise*, 7(2) 561-572.
- Nichols, M. (2007). *Terapia Familiar: Conceitos e Métodos*. Porto Alegre: Artmed.
- Nogueira, M. A. (2005). A relação família-escola na contemporaneidade: fenômeno social/interrogações sociológicas. *Análise Social*, vol. XL (176), 2005, 563-578.
- Osório, L. C. (1996). *Família Hoje*, Porto Alegre: Artes Médicas.
- Paggi, K. & Guareschi, P. (2004). *O desafio dos limites: Um enfoque psicossocial na educação dos filhos*. Petrópolis: Vozes
- Pfromm Netto, S. (1976). *Psicologia da Adolescência*. São Paulo: Pioneira.

- Pratta, E. M. M., & Santos, M. A. (2007) Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. *Psicol. estud.*, 12(2), 247-256.
- Rees, A., & Pithouse, A. (2008). The intimate world of strangers: Embodying the child in foster care. *Child and Family Social Work*, 13(3), 338-347.
- Ryder, R. G. & Bartle, S. (1991). Boundaries as distance regulators in personal relationship. *Family Process*, 30, 393-406.
- Salles, L. M. F. (1998). Adolescência, escola e cotidiano: contradições entre o genérico e o particular. Piracicaba: Editora Unimep.
- Sampaio, D. (2004). *Inventem-se novos pais*. São Paulo: Gente.
- Schenker, M., & Minayo, M. C. S. (2005). Fatores de risco e de proteção para o uso de drogas na adolescência. *Ciência e Saúde Coletiva*, 10(3), 707-717.
- Schabbel, C. (2005). Relações familiares na separação conjugal: Contribuições da mediação. *Psicologia Teoria e Prática*, 7(1), 13-20.
- Seixas, M. R. (2005). A família na atualidade: adequação dos recursos terapêuticos e valores do terapeuta / The suitability of the therapeutical resources and the therapist's values. *Pensando Famílias*, 7(9), 109-120.
- Siminonato-Tozo, S. M. P. & Biasoli-Alves, Z. M. M. (1998). O cotidiano e as relações familiares em duas gerações. *Paidéia: Cadernos de Psicologia e Educação*, 8(14/15), 137-150.
- Spink, M. (1999) *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. São Paulo: Cortez.
- Teles, M. L. S. (2001). *Psicodinâmica do desenvolvimento humano: Uma introdução à psicologia da educação*. Rio de Janeiro: Ed. Vozes.
- Tiba, I. (1986) *Puberdade e adolescência: Desenvolvimento biopsicossocial*. São Paulo: Ágora
- Tiba, I. (1996) *Disciplina, Limite na Medida Certa*. São Paulo: Editora Gente
- _____ (2005) *Adolescentes: quem ama educa*. São Paulo: Integrare Editora

Veloso, F. N. & Bucher-Malusckhe, J. S. N. (2005). Pais e Filhos adolescentes: Vivência de limites no processo educativo da família. Universidade de Fortaleza.

Vergara, S. (2005). Métodos de pesquisa em administração. São Paulo: Ed. Atlas.

Watzlawick, P. et al. (1993). Pragmática da Comunicação Humana. São Paulo: Cultrix.

Zagury, T. (1997) O adolescente por ele mesmo. Rio de Janeiro: Record

ANEXOS

Anexo I- Termo de consentimento livre e esclarecido

I. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO SUJEITO DA PESQUISA

Nome da(o) entrevistada(o): _____
 Documento de identidade: _____ Data de nascimento: ____ ____ ____
 Endereço: _____ n _____ apto. _____
 Bairro: _____ Cidade: _____
 CEP: _____ Telefone: (____) _____

A pesquisa a ser desenvolvida por Edna Gloria Nogueira Preuss do Mestrado em Psicologia da Universidade de Fortaleza - Unifor, tem por título: A Percepção de pais e filhos na construção de limites em famílias de Fortaleza. A metodologia utilizada será quali-quantitativa e todo o trabalho será orientado pela profa. Dra. Júlia Sursis S. N. F. Bucher-Maluschke, professora Titular do Mestrado em Psicologia da Unifor.

Os sujeitos participantes do estudo deverão ser o pai, a mãe e o filho (a) de uma mesma família, entendendo família como sendo uma unidade de convivência composta por um casal heterossexual e com, pelo menos, um (a) filho (a), todos vivendo sob o mesmo teto, não importando se os pais são casados ou não, a idade que tenham e o fato de terem ou não outros filhos. O filho (a) deve estar na fase da adolescência e ter idade entre 12 e 16 anos.

A participação na pesquisa é voluntária e não remunerada, e oferece riscos mínimos aos sujeitos. A pesquisadora coloca-se à disposição dos participantes, garantindo ainda que esses terão acesso, a qualquer tempo, às informações sobre procedimentos e benefícios relacionados à pesquisa, inclusive para dirimir eventuais dúvidas, liberdade de retirar o seu consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo, sem que isto lhes traga qualquer prejuízo. Os participantes têm garantidos a confidencialidade, sigilo e privacidade de todos os dados coletados.

Ao final da pesquisa espera-se construir um saber sobre a vivência de limites visando contribuir para o melhor conhecimento das relações familiares e para as políticas públicas de

educação no País.

Informamos ainda que o estudo obedecerá todas as normas de éticas no que se refere a pesquisa envolvendo seres humanos, de acordo com a resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde.

Se desejar obter informações sobre os seus direitos e os aspectos éticos envolvidos na pesquisa poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos – COÉTICA, da Universidade de Fortaleza, localizado à Av. Washington Soares, 1321, Bloco da Reitoria, Sala da Vice-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, 1º andar, Bairro Edson Queiroz, CEP 60811-341, telefone (85) 3477-3160, Fortaleza, Ce.

Declaro que após ter lido este termo e entendido o que me foi explicado, concordo em participar da pesquisa.

Fortaleza, ____ de _____ de 2010

Assinatura do sujeito da pesquisa

Edna Gloria Nogueira Preuss

Universidade de Fortaleza - Centro de Ciências Humanas

Curso de mestrado em Psicologia - Bloco N – Sala 13

Av. Washington Soares, 1321 Bairro Edson Queiroz

CEP 60811-905

Fortaleza-CE

(85) 3262-4660 e (85) 9924-2063

Anexo II – Carta convite aos pais.

Prezados Senhores Pais,

Gostaríamos de convidá-los a fazer parte de uma pesquisa científica a ser realizada dentro do Mestrado em Psicologia da Universidade de Fortaleza – Unifor, que busca compreender **como pais e filhos adolescentes vivenciam a organização dos limites na vida familiar e na vida social** visando contribuir para a compreensão do que está ocorrendo na vida das famílias e para a formação das políticas públicas de educação no País.

A pesquisa será conduzida pela mestrandia Edna Gloria Nogueira Preuss e orientada pela Prof. Dra. Julia Sursis Nobre Ferro Bucher-Maluschke tendo como interesse a Construção dos Limites na Relação de Pais e Filhos. O estudo é requisito para o término do Mestrado em Psicologia da UNIFOR, no qual temos como linha de pesquisa a família e seu funcionamento, e será desenvolvido com pais e filhos adolescentes nas idades de 12 a 16 anos.

Estamos enviando, em anexo, dois questionários: um para o preenchimento de dados de identificação e o segundo, com perguntas objetivas que devem ser respondidas de acordo com a explicação dada no questionário. Esclarecemos ainda que os senhores deverão assinar o termo de consentimento livre e esclarecido que está sendo encaminhado, se concordarem em participar da pesquisa. Garantimos total e absoluta privacidade dos dados obtidos nas entrevistas. Ressaltamos também que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética que regula pesquisas feitas com seres humanos para que todas as normas de privacidade e integridade sejam respeitadas.

Ao final do estudo, **os resultados gerais** da pesquisa serão compartilhados com as famílias que assim desejarem. Esclarecemos no entanto, que embora o colégio tenha gentilmente concordado que o estudo seja feito com famílias dessa instituição, **nenhum dado específico** será exposto à escola.

Por favor, solicitamos que a devolução do material preenchido seja **feita no prazo máximo de uma semana** para não retardar o nosso cronograma da pesquisa.

Desde já agradecemos a disponibilidade de tempo dos senhores e nos colocamos à disposição para quaisquer esclarecimentos.

Fortaleza, 30 de setembro de 2009

Edna Gloria Nogueira Preuss
Epreuss07@gmail.com
3262-4660 e 9924-2063

Prof. Dra. Julia S. N. F. Bucher-Maluschke

Anexo III – Questionário I

DADOS DA FAMÍLIA

1) Nível de escolaridade

- | Pai | Mãe |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> ensino fundamental | <input type="checkbox"/> ensino fundamental |
| <input type="checkbox"/> ensino médio | <input type="checkbox"/> ensino médio |
| <input type="checkbox"/> superior incompleto | <input type="checkbox"/> superior incompleto |
| <input type="checkbox"/> superior completo | <input type="checkbox"/> superior completo |

2) Profissão Pai _____ Mãe _____

3) Quantidade de pessoas moram com você na sua residência? _____

4) A residência onde você mora é: () casa () apartamento () própria () alugada () Outra situação Qual? _____

5) A família vive com quantos salários mínimos? _____

6) Quantos filhos o casal possui? _____

7) Qual a posição do filho participante da pesquisa na constelação familiar? _____

Desde já agradecemos a sua participação e colocamo-nos a sua disposição para informações complementares sobre o andamento das pesquisas e sobre a divulgação de seus resultados.

Edna Gloria Nogueira Preuss

Prof. Dra. Julia S. N. F. Bucher-Malusckhe

Anexo IV – Questionário II de vivência de limites (pais)

Nome: _____

Esse é um questionário sobre a vivência de limites na relação pais e filhos adolescentes. Descreve diferentes estratégias e eventos que ocorrem nesta relação no seio da família. É muito importante para que o estudo reflita o que se passa entre você e seu filho que cada um responda independentemente seu próprio questionário.

Caso você queira saber sobre o seu resultado face aos resultados estatísticos dos demais participantes da pesquisa, ao final da página marque a opção. Nesse caso asseguramos o total sigilo da ligação da sua identidade com as suas respostas ao questionário.

Leia cada afirmação e decida o quanto ela expressa a sua vivência no seu cotidiano familiar, usando a escala apresentada abaixo:

- Marque com um X o numeral 1 se a afirmação não se aplica de maneira alguma a vivência de limites na família, dependendo do quesito.
- Marque com um X o numeral 5 se a afirmação descreve sua Vivência de limites na família de maneira total, se ela se aplica a você totalmente, dependendo do quesito.
- Use os números de 2 a 4 para indicar graus intermediários entre 1 (definitivamente não se aplica) e 5 (aplica-se totalmente). Escolha um deles e marque com um X.

Definitivamente não se aplica	Não se aplica	Nem sim nem não	Aplica-se	Aplica-se totalmente
1	2	3	4	5
Ausente	Pouco	Médio	Muito	Totalmente

Por favor, ao responder tenha sempre em mente esses pontos:

- Responda a todas as questões pela ordem de apresentação, sem saltar nenhuma;
- Dê uma só resposta a cada questão;
- Se você tiver alguma dúvida, sinta-se livre para contactar a pesquisadora Edna Preuss.

Gostaria de saber sobre os resultados da pesquisa: () Sim () Não

Questionário de vivência de limites (pais)

1- Determino a hora em que meu filho(a) deve acordar e a hora em que deve ir dormir à noite.	1	2	3	4	5
2- Meu filho(a) deve ter horário para acordar e para dormir durante a semana quando estiver de aula.	1	2	3	4	5
3- Nos finais de semana e dias livres meu filho(a) faz o seu horário de acordar e dormir.	1	2	3	4	5
4- Meu filho(a) dorme fora de casa em dias da semana.	1	2	3	4	5
5- Meu filho(a) só dorme fora de casa em finais de semana.	1	2	3	4	5
6- Meu filho(a) pode trazer o namorado(a) para casa e ficar trancado(a) no quarto com ele.	1	2	3	4	5
7- Meu filho(a) pode dormir com o namorado(a) em casa.	1	2	3	4	5
8- Meu filho(a) fecha a porta do quarto a qualquer hora do dia e os membros da família tem de bater para entrar.	1	2	3	4	5
9- Conheço todos os amigos do meu filho(a).	1	2	3	4	5
10- Todos os amigos do meu filho(a) freqüentam a nossa casa.	1	2	3	4	5
11- Meu filho(a) escolhe as suas amizades e não interfiro nas suas amizades.	1	2	3	4	5
12- Escolho as amizades de meu filho(a).	1	2	3	4	5
13- Controlo as horas que meu filho(a) passa ao telefone falando com amigos.	1	2	3	4	5
14- Meu filho(a) só vai dirigir o carro dos pais com 18 anos quando tiver tirado a carteira de motorista.	1	2	3	4	5
15- Meu filho(a) dirige o carro dos pais.	1	2	3	4	5
16- Meu filho(a) pode sair à noite desde que volte na hora marcada.	1	2	3	4	5
17 - Sempre que meu filho(a) sai à noite vou pegá-lo nos locais.	1	2	3	4	5
18- Quando meu filho(a) sai à noite volta com amigos ou arruma como e com quem voltar.	1	2	3	4	5
19- Quando meu filho(a) volta das festas costumo estar acordado(a).	1	2	3	4	5
20- Quando meu filho(a) volta das festas costumo estar acordado(a) e converso com ele sobre a festa.	1	2	3	4	5
21- Meu filho(a) pode passar a noite fora de casa, desde que ligue e informe onde está.	1	2	3	4	5
22- Meu filho(a) escolhe as suas roupas com a minha orientação	1	2	3	4	5
23- Meu filho(a) escolhe as suas roupas dentro do meu orçamento.	1	2	3	4	5
24- Meu filho(a) pode usar as suas roupas do jeito que quiser.	1	2	3	4	5
25- Meu filho(a) recebe mesada.	1	2	3	4	5
26- A mesada de meu filho(a) é estipulada por nós (pais e filho) em conjunto.	1	2	3	4	5
27 - Mesmo dando mesada a meu filho(a) sei em tudo o que ele gasta o dinheiro dele(a).	1	2	3	4	5
28- Tenho sempre que mandar meu filho(a) estudar e ainda verificar se ele faz as atividades ou não.	1	2	3	4	5
29- Tenho sempre que verificar se meu filho(a) faz ou não as atividades escolares.	1	2	3	4	5

30- Meu filho(a) não me fala os fatos do seu dia-a-dia escolar, suas notas e ocorrências, se não vou à escola não sei o que está acontecendo com ele.	1	2	3	4	5
31- Quando meu filho(a) diz que está sendo marcado pelo professor vou à escola tomar satisfações.	1	2	3	4	5
32- Temo que meu filho(a) beba muito nas festas.	1	2	3	4	5
33- Proíbo meu filho(a) de ir a festas onde sei que servirão bebidas alcoólicas à vontade.	1	2	3	4	5
34- Acho normal e até saudável que o meu filho(a) "fique com" alguém.	1	2	3	4	5
35- Prefiro que meu filho namore com alguém do que ande "ficando" por aí.	1	2	3	4	5
36- Proíbo meu filho(a) de ir às festas em lugares que não conheço.	1	2	3	4	5
37- Falo abertamente sobre sexo com meu filho(a).	1	2	3	4	5
38- Falo abertamente sobre drogas com meu filho(a).	1	2	3	4	5
39- Mudo as regras que imponho ao meu filho(a) sempre que ele questiona.	1	2	3	4	5
40- Imponho limites ao meu filho(a).	1	2	3	4	5
41- Sinto-me contraditório e confuso em relação a maneira de educar meu filho.	1	2	3	4	5
42- Dou a meu filho a mesma educação que recebi.	1	2	3	4	5
43- Leio, me informo, converso com educadores sobre a educação dos meus filhos meus filhos.	1	2	3	4	5
44- Sempre tomo as decisões em relação à educação do meu filho(a) em comum acordo com o meu(inha) esposo(a).	1	2	3	4	5
45- Acho que meu filho(a) deve participar de todas as festividades e reuniões familiares: batizados, festas de aniversário, ou rituais familiares como almoço de domingo, mesmo que não queira participar.	1	2	3	4	5
46- Considero que meu filho(a) já tenha responsabilidade para tomar decisões sobre a sua vida, sem precisar me comunicar.	1	2	3	4	5
47- Meu filho faz tudo como eu digo para ele(a) fazer.	1	2	3	4	5
48- Mantenho um diálogo aberto com meu filho(a), converso com ele sobre qualquer assunto.	1	2	3	4	5
49- Somos uma família que se preocupa em parecer unida e feliz.	1	2	3	4	5
50- Os membros de nossa família preferem fazer as coisas com outras pessoas a fazê-las juntos.	1	2	3	4	5
51- Uma pessoa controla e lidera a nossa família.	1	2	3	4	5
52- Em nossa família nos prestamos atenção uns aos outros e escutamos o que se diz.	1	2	3	4	5
53- Os membros de nossa família se tocam e se abraçam uns aos outros.	1	2	3	4	5
54- Todos dão a sua opinião quando se fazem planos na família	1	2	3	4	5
55- A maioria dos melhores momentos do meu filho(a) ocorre em família.	1	2	3	4	5
56- Trato meu filho (a) como se ele fosse menor do que é.	1	2	3	4	5

Indique numa escala de 1 a 10, o grau de liberdade que você considera que seu filho(a) deve ter.

De maneira geral, que número corresponderia ao grau de liberdade que você acha que o jovem deve ter:

De 12 a 14 anos _____

De 14 a 16 anos _____

De 16 a 18 anos _____

Anexo V – Questionário II de vivência de limites (filhos)

Aplicador: _____

Entrevistado: _____

Esse é um questionário sobre a vivência de limites na relação pais e filhos adolescentes. Descreve diferentes estratégias e eventos que ocorrem nesta relação no seio da família. É muito importante para que o estudo reflita o que se passa entre você e seus pais que cada um responda independentemente seu próprio questionário.

Caso você queira saber sobre o seu resultado face aos resultados estatísticos dos demais participantes da pesquisa, ao final da página marque a opção. Nesse caso asseguramos o total sigilo da ligação da sua identidade com as suas respostas ao questionário.

Leia cada afirmação e decida o quanto ela expressa a sua vivência no seu cotidiano familiar, usando a escala apresentada abaixo:

- Marque com um X o numeral 1 se a afirmação não se aplica de maneira alguma a vivência de limites na família, dependendo do quesito.
- Marque com um X o numeral 5 se a afirmação descreve sua Vivência de limites na família de maneira total, se ela se aplica a você totalmente, dependendo do quesito.
- Use os números de 2 a 4 para indicar graus intermediários entre 1 (definitivamente não se aplica) e 5 (aplica-se totalmente). Escolha um deles e marque com um X.

Definitivamente não se aplica	Não se aplica	Nem sim nem não	Aplica-se	Aplica-se totalmente
1	2	3	4	5
Ausente	Pouco	Médio	Muito	Totalmente

Por favor, ao responder tenha sempre em mente esses pontos:

- Responda a todas as questões pela ordem de apresentação, sem saltar nenhuma;
- Dê uma só resposta a cada questão;
- Se você tiver alguma dúvida, sinta-se livre para contactar a pesquisadora Edna Preuss.

Gostaria de saber sobre os resultados da pesquisa: () Sim () Não

Desde já agradeço a sua participação e me coloco à disposição para informações complementares sobre o andamento das pesquisas e sobre a divulgação dos resultados.

Edna Gloria Nogueira Preuss

1- Meus pais determinam a hora em que devo acordar e a hora em que devo ir dormir à noite.	1	2	3	4	5
2- Tenho horário para acordar e para dormir durante a semana quando estou de aula.	1	2	3	4	5
3- Nos finais de semana e dias livres faço o meu horário de acordar e dormir.	1	2	3	4	5
4- Durmo fora de casa em dias da semana.	1	2	3	4	5
5- Durmo fora de casa apenas em finais de semana.	1	2	3	4	5
6- Levo o namorado(a) para casa e fico trancado(a) no quarto com ele(a).	1	2	3	4	5
7- Durmo com o namorado(a) em casa.	1	2	3	4	5
8- Fecho a porta do quarto a qualquer hora do dia e os membros da família tem de bater para entrar.	1	2	3	4	5
9- Meus pais conhecem todos os meus amigos.	1	2	3	4	5
10- Todos os meus amigos frequentam a nossa casa.	1	2	3	4	5
11- Escolho as minhas amizades e meus pais não interferem.	1	2	3	4	5
12- Meus pais escolhem as minhas amizades.	1	2	3	4	5
13- Meus pais controlam as horas que passo ao telefone falando com amigos.	1	2	3	4	5
14- Só vou dirigir o carro dos meus pais com 18 anos quando tiver tirado a carteira de motorista.	1	2	3	4	5
15- Dirijo o carro dos meus pais.	1	2	3	4	5
16- Posso sair à noite desde que volte na hora marcada.	1	2	3	4	5
17 - Sempre que saio à noite meus pais vão me buscar nos locais.	1	2	3	4	5
18- Quando saio à noite volto com amigos ou arrumo como e com quem voltar.	1	2	3	4	5
19- Quando volto das festas meus pais costumam estar acordados.	1	2	3	4	5
20- Quando volto das festas meus pais costumam estar acordados e conversam comigo sobre a festa.	1	2	3	4	5
21- Posso passar a noite fora de casa, desde que ligue e informe onde estou.	1	2	3	4	5
22- Escolho as minhas roupas com a orientação de meus pais.	1	2	3	4	5
23- Escolho as minhas roupas dentro do meu orçamento dos meus pais.	1	2	3	4	5
24- Uso as minhas roupas do jeito que quero.	1	2	3	4	5
25- Recebo mesada.	1	2	3	4	5
26- A minha mesada é estipulada por meus pais e por mim.	1	2	3	4	5
27 - Meus pais sabem com o que eu gasto a minha mesada.	1	2	3	4	5
28- Meus pais têm que me mandar estudar.	1	2	3	4	5
29- Meus pais sempre verificam se faço ou não as atividades escolares.	1	2	3	4	5
30- Não falo para os meus pais fatos do meu dia-a-dia escolar, minhas notas e ocorrências, eles precisam ir à escola para saber o que está acontecendo comigo.	1	2	3	4	5
31- Quando falo para meus pais que estou sendo marcado por algum professor eles vão à escola tomar satisfações.	1	2	3	4	5
32- Meus pais temem que eu beba muito nas festas.	1	2	3	4	5
33- Meus pais me proibem de ir a festas onde sabem que servirão bebidas alcoólicas à vontade.	1	2	3	4	5

34- Acho normal e até saudável "ficar com" alguém.	1	2	3	4	5
35- Prefiro namorar com alguém do que andar "ficando" por aí.	1	2	3	4	5
36- Meus pais me proibem de ir às festas em lugares que eles não conhecem.	1	2	3	4	5
37 - Meus pais falam abertamente de sexo comigo.	1	2	3	4	5
38- Meus pais falam abertamente de drogas comigo.	1	2	3	4	5
39- Meus pais mudam as regras que me impõem sempre que eu as questiono.	1	2	3	4	5
40- Meus pais impõem limites para mim.	1	2	3	4	5
41- Meus pais são contraditórios e confusos em relação a maneira de conduzir a minha educação.	1	2	3	4	5
42- Meus pais me educam da mesma forma como foram educados.	1	2	3	4	5
43- Meus pais procuram ler, se informar, conversar com educadores sobre a educação dada aos seus filhos.	1	2	3	4	5
44- Meus pais sempre tomam as decisões em relação à minha educação em comum acordo.	1	2	3	4	5
45- Participo de todas as festividades e reuniões familiares: batizados, festas de aniversário, ou rituais familiares como almoço de domingo, mesmo que não queira participar.	1	2	3	4	5
46- Já tenho responsabilidade para tomar decisões sobre a minha vida sem precisar comunicar aos meus pais.	1	2	3	4	5
47 - Faço tudo o que meus pais dizem para eu fazer.	1	2	3	4	5
48- Meus pais mantêm um diálogo aberto comigo, conversam comigo sobre qualquer assunto.	1	2	3	4	5
49- Somos uma família que se preocupa em parecer unida e feliz.	1	2	3	4	5
50- Os membros de nossa família preferem fazer as coisas com outras pessoas a fazê-las juntos.	1	2	3	4	5
51- Uma pessoa controla e lidera a nossa família.	1	2	3	4	5
52- Em nossa família nos prestamos atenção uns aos outros e escutamos o que se diz.	1	2	3	4	5
53- Os membros de nossa família se tocam e se abraçam uns aos outros.	1	2	3	4	5
54- Todos dão a sua opinião quando se fazem planos na família.	1	2	3	4	5
55- A maioria dos meus melhores momentos ocorre em família.	1	2	3	4	5
56- Meus pais me tratam como se eu fosse menor do que sou.	1	2	3	4	5

Indique numa escala de 1 a 10, o grau de liberdade que você considera que deveria ter. _____

De maneira geral, que número corresponderia ao grau de liberdade que você acha que o jovem deve ter:

De 12 a 14 anos _____

De 14 a 16 anos _____

De 16 a 18 anos _____

Anexo VI – Roteiro de entrevista Semi-estruturada (pais)

RELACIONAMENTO FAMILIAR

Como são estabelecidos os limites na sua família?

Como você entende o relacionamento entre os membros da sua família?

O que mudou na forma de vocês se relacionarem com a entrada do seu filho na adolescência?

Como você percebe a educação que você dá ao seu(ua) filho(a) quando compara com os (as) colegas da mesma idade?

Há alguma situação ou decisão que seu filho não permite a interferência de vocês?

MUNDO DOMÉSTICO

O que você considera privacidade na sua família?

Como é a sua relação com seus filhos no que diz respeito a privacidade na família?

Quando foi que seu filho conquistou mais privacidade em sua casa? Como foi que você lidou com isso?

Como é a sua relação com o namorado, ou ‘ficante’ de seu filho?

Como são estabelecidos os horários (para dormir, acordar, fazer as refeições ...) na sua família?

Qual é a participação de seu filho na hora da família tomar decisões?

MUNDO SOCIAL

Fronteiras intrafamiliar e extrafamiliar

Quando seu filho começou a sair de casa sem os pais?

Como é a sua relação com os amigos de seus filhos?

Qual é o papel da relação com os amigos na vida de seu filho?

Seu filho sabe dirigir?

Como são as saídas de seus filhos para festas?

Como você reage ao fato de nas festas servirem bebidas alcoólicas?

Quando seu filho começou a ficar, a namorar, como você reagiu?

Como você administra a vida escolar de seu filho? Sempre foi assim?

TOMADA DE DECISÕES

Quais são as decisões que seu filho pode tomar sozinho?

Em que tipo de decisões você acha que seu filho deve lhe consultar ou buscar orientação?

COMUNICAÇÃO INTRAFAMILIAR

Quando seu(ua) filho(a) quer algo (comprar ou ter a permissão para fazer) de que forma ele se comporta?

Como assuntos como drogas e sexo são discutidos na sua família?

Como você considera o dialogo entre você e seu filho?

Como seu filho se coloca quando limites são impostos?

GRAU DE LIBERDADE

Como você avalia a liberdade que seu filho tem hoje?

TRANSGERACIONALIDADE

Como a sua relação com seu filho se compara a relação que vocês tiveram com seus pais na adolescência?

Anexo VII – Roteiro de entrevista Semi-estruturada (filhos)

RELACIONAMENTO FAMILIAR

Como são estabelecidos os limites na sua família?

O que mudou na forma de vocês se relacionarem com a sua entrada na adolescência?

Como você percebe a educação que você recebe quando compara com os seus colegas da mesma idade?

Há alguma situação ou decisão que você não permite a interferência dos seus pais?

MUNDO DOMÉSTICO

Como é a sua relação com seus pais no que diz respeito a sua privacidade?

Quando foi que você conquistou mais privacidade em sua casa? Como foi isso?

Como você recebe seus amigos em sua casa?

Como é a relação de seus pais com o seu namorado, ou o "ficante"?

Como é o uso do telefone em sua casa?

Como você vê os horários (para dormir, acordar, fazer as refeições ...) na sua família?

Qual é a sua participação na hora da família tomar decisões?

MUNDO SOCIAL

Quando você começou a sair de casa sem os seus pais?

Como é a relação de seus pais com seus amigos?

Qual é o papel da relação com os amigos na sua vida?

Você sabe dirigir?

Como são as suas saídas para festas?

Como seus pais reagem ao fato de nas festas servirem bebidas alcoólicas?

Quando você começou a ficar, a namorar, como seus pais reagiram ao seu primeiro namorado ou ao "ficante"?

Como seus pais reagem em relação as suas atividades escolares? Sempre foi assim?

TOMADA DE DECISÕES

(Como) Quando você acha que vai poder começar a tomar decisões sobre a sua vida sem perguntar a seus pais se eles concordavam ou não?

Como você considera que deva ser a influência dos pais na tomada de decisões dos filhos?

Quais são decisões que você pode tomar sozinho?

Quais decisões acha que deve consultar ou ser orientado por seus pais?

COMUNICAÇÃO INTRAFAMILIAR

Como você faz para conseguir comprar algo ou ter permissão pra fazer uma coisa que quer?

Como os assuntos drogas e sexo são discutidos na sua família?

Como você tirou as suas primeiras dúvidas em relação a sexo e drogas?

Como você considera o diálogo entre você e seus pais?

Como você se coloca quando limites são impostos?

GRAU DE LIBERDADE

Como você avalia a liberdade que tem hoje?

TRANSGERACIONALIDADE

Como você vai agir quando for educar seus filhos?



FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ
UNIVERSIDADE DE FORTALEZA
ENSINANDO E APRENDENDO

VICE-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
Comitê de Ética em Pesquisa – COÉTICA

PARECER N.º. 87/2010

Projeto de Pesquisa: Percepção de pais e filhos na construção de limites em famílias de Fortaleza.

Pesquisador Responsável: Edna Glória Nogueira Preuss

Data de apresentação ao COÉTICA: 10/03/10

Registro no COÉTICA: 10-062

CAAE: 0715.0.000.037-10

Parecer: Aprovado Ad Referendum na data de 05/05/10.

Marília Joffily Pereira da Costa Parahyba

Prof. Marília Joffily Pereira da Costa Parahyba
Presidente do Comitê de Ética em Pesquisa da UNIFOR – COÉTICA

DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins, junto à Coordenação do Curso de Mestrado em Psicologia da Universidade de Fortaleza – UNIFOR – que realizei a revisão gramatical da dissertação intitulada Pais e filhos adolescentes: um estudo sobre limites em famílias de classe média da cidade de Fortaleza de autoria de Edna Glória Nogueira Preuss, orientada pela prof. Dra. Julia S. N. F. Bucher-Maluschke.

Fortaleza, 20 de julho de 2010

Dinorah Torquato de Brito

Dinorah Torquato de Brito
Licenciatura em Letras/UFC